

Jean Davi Frainer

PRIMAVERA OU INVERNO PASTORAL?
Uma análise sociológica das transformações na Pastoral da
Juventude em Santa Catarina

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre.

Orientador:

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sell

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Frainer, Jean Davi

Primavera ou inverno pastoral? : Uma análise
sociológica das transformações na Pastoral da Juventude em
Santa Catarina / Jean Davi Frainer ; orientador, Carlos
Eduardo Sell - Florianópolis, SC, 2015.
156 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Sociologia Política.

Inclui referências

1. Sociologia Política. 2. Igreja Católica. 3. Juventude.
4. Ação Social. I. Sell, Carlos Eduardo. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Sociologia Política. III. Título.



Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Campus Universitário - Trindade

Caixa Postal 476

Cep: 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil

E-mail: ppqsp@cfh.ufsc.br

**“PRIMAVERA OU INVERNO PASTORAL? Uma análise
sociológica das transformações na Pastoral da Juventude em
Santa Catarina.”**

Jean Davi Frainer

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pelos demais membros da Banca Examinadora, composta pelos seguintes professores.

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sell
Orientador

Prof. Dr. José Pedro Simões Neto
Membro

Prof.ª Dr.ª Elizabeth Farias da Silva
Membro

Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Delfini Capistrano
de Oliveira
Membro

Prof. Dr. Yan de Souza Carreirão
Coordenador

FLORIANÓPOLIS, (SC) ABRIL DE 2015.

Dedico este trabalho àqueles que têm a capacidade de cultivar a esperança e a utopia.

AGRADECIMENTOS

Nesta árdua tarefa de reconhecer quem colaborou para execução deste trabalho quero registrar minha gratidão e estima àqueles com quem dividi direta ou indiretamente experiências desta jornada.

Primeiramente aos meus pais Terezinha Bertoldi Frainer e Tarcizio Frainer, pacientes, companheiros e que me garantiram suporte para perseverar.

Ao meu orientador Carlos Eduardo Sell, generoso e acolhedor, que me desafiou a pensar a sociologia por novos ângulos e me inspirou com seu rigor acadêmico.

Aos docentes e colegas de curso pelos estimulantes debates e incentivo a aprofundar as leituras nesta área. O exercício científico e a convivência contribuíram para ampliar minha visão de mundo.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC pela disposição no atendimento e à CAPES pela concessão de Bolsa, possibilitando minha dedicação aos estudos.

Ao meu tio Daniel Bertoldi e primos Daniele, Cláudio e Matheus, por todo apoio e acolhida nas minhas idas e vindas à capital catarinense, desde quando cursava disciplinas como aluno especial.

À banca avaliadora que aceitou ler este trabalho e por sua disposição em compartilhar saberes, especialmente à professora Elizabeth Farias da Silva, que acompanhou todas as etapas de maturação desta escrita, tecendo valiosas contribuições.

Por fim, aos coordenadores e assessores da Pastoral da Juventude, bispos e padres que aceitaram participar de longas entrevistas e confiaram suas memórias, alegrias e angústias ao relatarem impressões acerca do seu engajamento na Igreja Católica.

*Il problema della mia vita è che io ho sempre confuso
quello che vedevo e quello che desideravo vedere...*

Baudolino - Umberto Eco

Persigo algunas palabras...

*Son tan hermosas que las quiero poner todas en mi poema...
Las agarro al vuelo, cuando van zumbando, y las atrapo, las limpio,
las pelo me preparo frente al plato, las siento cristalinas,
vibrantes ebúrneas, vegetales, aceitosas,
como frutas, como algas, como ágatas, como aceitunas...
Y entonces las revuelvo, las agito, me las bebo, me las zampo,
las trituro, las emperejilo, las liberto...*

Pablo Neruda

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre as transformações sofridas na Pastoral da Juventude (PJ) catarinense no período entre 2007 e 2013, diante de novas orientações evangelizadoras da Igreja Católica (IC) no Brasil. Nascida na década de 1970 e inspirada na Teologia da Libertação, a PJ foi o modelo hegemônico na evangelização dos jovens até 2007, quando a IC passou a sugerir uma nova forma de organização: o Setor Juventude, que se especializa, tornando-se Pastoral Juvenil, um projeto com características globalizantes que abarca uma diversidade de grupos evangelizadores de jovens e tem como objetivo aperfeiçoar a atuação institucional no cenário religioso brasileiro, diante da diminuição de fiéis e sem ferir sua unidade. A problemática que se apresenta na pesquisa é o clássico debate sociológico sobre a relação entre estrutura e agência, procurando compreender como os participantes da PJ de SC reagem diante das novas diretrizes apresentadas pela IC e interpretar o sentido de suas ações racionalizadas em busca de legitimidade na instituição. A relevância está em perceber a religião como uma esfera da vida que oferece sentidos e atrai a juventude, bem como reconhecer os significados do jovem para a IC pela sua potencial função social de renovar ou conservar. Para oferecer respostas ao problema pesquisado, empreendeu-se um método qualitativo, com estudo de caso de duas dioceses catarinenses: Joinville e Chapecó. Também foi adotada uma ferramenta metodológico-analítica desenvolvida pela abordagem neoweberiana e debates teóricos acerca da sociologia da religião e da juventude foram mobilizados. A pesquisa indicou que diante das orientações da IC brasileira a PJ reage de modo distinto e que revê seus projetos considerando o contexto em que se encontra. Se em Joinville não há resistência em relação às novidades, Chapecó cria estratégias para garantir sua hegemonia. Num plano geral, nota-se que não há investidas cismáticas e que a PJ reformula suas estratégias de ação de modo passivo, justamente para ser legitimada pela IC. Percebeu-se também que há preocupação em valorizar sua identidade e a novidade estratégica da PJ está na retomada à militância fora da IC sem descartar o cuidado com a dimensão da espiritualidade.

Palavras-chave: 1. Igreja Católica. 2. Juventude. 3. Ação Social.

ABSTRACT

This paper reflects on the transformations undergone in *Pastoral da Juventude* (PJ) Santa Catarina between 2007 and 2013, before new guidelines evangelizing the Catholic Church (IC) in Brazil. Born in the 1970s and inspired by Liberation's Theology, PJ was the hegemonic model in the evangelization of young people by 2007, when the IC began to suggest a new form of organization: the Youth Sector, specializing, becoming *Pastoral Juvenil*, a project with globalizing features that embraces a diversity of evangelizing youth groups and aims to improve institutional performance in the Brazilian religious scenario, given the decrease of faithful and without hurting your unit. The problem that presents itself in the research is the classic sociological debate on the relationship between structure and agency, trying to understand how the SC PJ participants react to the new guidelines put forward by the IC and interpret the meaning of their rationalized actions seeking legitimacy in institution. The relevance is to perceive religion as a sphere of life that offers directions and attracts the youth, as well as recognizing the meanings of the young to the IC for its potential social function to renew or retain. To provide answers to the problem researched, was undertaken a qualitative method with case study of two dioceses Santa Catarina: Joinville and Chapecó. Also a methodological and analytical tool developed by neoweberiana approach and theoretical debates about the sociology of religion and youth were mobilized was adopted. Research has indicated that before the Brazilian IC guidelines PJ reacts differently and reviewing their projects considering the context in which it is. In Joinville there is resistance in relation to news, Chapecó creates strategies to ensure its hegemony. On a general level, it is noted that there is no schismatic invested and that the PJ reformulates their passive mode of action strategies, just to be legitimized by the IC. It is also realized that there is concern in valuing their identity and strategic novelty PJ is the resumption of militancy outside the IC without discarding the care of the dimension of spirituality.

Keywords: 1. Catholic Church. 2. Youth. 3. Social Action.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de múltiplos níveis.....	39
Figura 2 – Novo organograma da PJB.....	66
Figura 3 – Organização da ação evangelizadora – Setor Juventude.....	69
Figura 4 – Organograma da Comissão Episcopal para a juventude.....	70
Figura 5 – Instâncias de organização da PJ.....	78
Figura 6 – Itinerário de Educação a fé proposto pela PJ.....	79
Figura 7 – Campanha do projeto A juventude quer viver.....	83
Figura 8 – Território Diocese de Joinville - Comarcas.....	85
Figura 9 – Território Diocese de Chapecó – Regiões Pastorais.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População católica no Brasil.....	53
Tabela 2 – Categorias de análise da diversidade interna na IC.....	63
Tabela 3 – Pronunciamentos oficiais da CNBB.....	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Ação Católica
ACE – Ação Católica Especializada
ADIPROS - Associação Diocesana de Promoção Social
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base
CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
ENPJ – Encontro Nacional da Pastoral da Juventude
GBR - Grupos Bíblicos de Reflexão
IC – Igreja Católica
JAC - Juventude Agrária Católica
JEC - Juventude Estudantil Católica
JIC - Juventude Independente Católica
JMJ – Jornada Mundial da Juventude
JOC - Juventude Operária Católica
JUC - Juventude Universitária Católica
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MMA - Movimento das Mulheres Agricultoras
PJ – Pastoral da Juventude
PJB – Pastoral da Juventude do Brasil
PJE – Pastoral da Juventude Estudantil
PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular
PJR – Pastoral da Juventude Rural
RCC – Renovação Carismática Católica
SJ – Setor Juventude
TL – Teologia da Libertação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1. POR UMA SOCIOLOGIA WEBERIANA.....	31
1.1 Perspectiva neoweberiana.....	37
2. A JUVENTUDE E A IGREJA CATÓLICA.....	41
2.1 Aspectos sociológicos da Juventude.....	41
2.1.1 Juventude e religião	48
2.2 Igreja Católica no Brasil	53
2.2.1 Diversidade de tendências no interior da IC	58
2.2.2 Evangelização da juventude	64
3. PASTORAL DA JUVENTUDE	73
3.1 Diocese de Joinville: PJ e diversidade.....	84
3.2 PJ como modelo hegemônico no oeste catarinense	89
4. ANÁLISE DAS MUDANÇAS NA PJ EM SANTA CATARINA	95
4.1 Estratégias da Igreja Católica: lógica da situação.....	95
4.2 Recepção dos agentes: inverno pastoral	109
4.3 Rumo à primavera pastoral? Reações dos pejoteiros.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	151
APÊNDICE B - RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS	153
ANEXO A – EXPRESSÕES JUVENIS DA IC	155
ANEXO B – LETRA DA CANÇÃO ENTOADA NO ENPJ.....	156

INTRODUÇÃO

A Igreja Católica (IC) tem demonstrado especial atenção à evangelização da juventude no Brasil e a sua experiência pastoral junto a este segmento da sociedade se modifica conforme os contextos que se apresentam. É nos movimentos de dimensão devocional e principalmente nos grupos da Ação Católica (AC)¹ que se encontra a gênese das ações evangelizadoras no país. De 1950 até 1966, surge um projeto conhecido como Ação Católica Especializada (ACE) e organizam-se grupos de jovens de acordo com o meio social: agrário, estudantil, operário, universitário e de classe média.

Até o período do regime militar brasileiro, os grupos da ACE foram a opção de trabalho da IC com os jovens. Porém, devido a militância que ultrapassava os espaços eclesiais, optou-se pelos Movimentos de Encontro como associações juvenis menos combativas ao regime vigente. Concomitantemente, por influência da Teologia da Libertação (TL),² nasce no país a Pastoral da Juventude (PJ), um novo modelo de ação pastoral, genuinamente de esquerda, coordenado por jovens e assessorado por adultos. Esta organização católica juvenil apresentava como proposta metodológica a formação integral do sujeito, incentivava o protagonismo dos jovens e a militância nos espaços eclesiais e também fora da igreja, por direitos e justiça social. Nos anos de 1980 a PJ se especializa para atuar nas paróquias, no meio estudantil, nos meios populares e no rural, atua nos movimentos pró-redemocratização do país e se torna o modelo hegemônico na IC no Brasil, em se tratando de evangelização da juventude.

Mudanças políticas, sociais e culturais no cenário local e global, somadas a redução de fiéis, influenciaram a IC a partir de 1990, a criar novas estratégias de evangelização no Brasil e os grupos orientados pela TL, tais como a PJ, perdem influência para o modelo pentecostal da Renovação Carismática Católica (RCC), que se fortalece no interior da

¹ A AC pode ser entendida como uma reação da IC contra a superação da concepção religiosa de mundo. Foi um método pastoral utilizado, de 1932 até 1950, em que o leigo se tornou um braço da hierarquia eclesial na sociedade e se abriu espaço para a participação das mulheres e da juventude. Segundo Sofiati (2012), por meio da AC, “A Igreja Católica que está na defensiva pelo fato de ter perdido a autonomia dos movimentos e das iniciativas sociais, tornando-se uma força subalterna nessa nova realidade e não mais uma força ideológica mundial única – busca recuperar seu poder na sociedade por intermédio da ação dos leigos” (p. 39).

² A TL é uma corrente teológica latino-americana que propõe a libertação real e histórica, mudando as condições sociais socioeconômicas do povo (CATÃO, 1986). É contra a dominação e entende que a luta pela libertação é uma exigência fundamental inspirada na Bíblia, rejeitando concepções essencialmente morais, ou seja, a simples libertação dos pecados.

instituição religiosa. Ao fazer uso dos meios de comunicação e mostrar destreza na organização de eventos que reúnem multidões de fiéis, a RCC traz inovações nas práticas tradicionais do catolicismo brasileiro e valoriza experiências mais pessoais com o divino, opondo-se à militância política e ao progressismo defendido pela TL.

Além da mudança de orientação teológica e do investimento em um catolicismo mais midiático e massivo, a IC intensifica sua ação evangelizadora com os jovens, realizando diversos projetos. A juventude é tema da Campanha da Fraternidade de 1992; são publicados dois estudos, em 1998 e 2006; a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lança em 2007 um texto oficial, o *Documento 85*; em 2011 é criada a Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude; em 2013 realiza-se novamente uma Campanha da Fraternidade tendo o jovem como tema e no mesmo ano é realizada, no Brasil, a Jornada Mundial da Juventude (JMJ),³ bem como a publicação do *Estudo 103*.

Com o título ‘Evangelização da Juventude. Desafios e perspectivas pastorais’, o *Documento 85* lança um novo olhar quanto a organização da ação evangelizadora, dirigindo-se a todas as expressões eclesiais e não mais somente à PJ. Inaugura-se então uma proposta de valorização da diversidade de organizações juvenis, cujas palavras de ordem são: comunhão e unidade. Reconhecendo uma diversidade de organizações e metodologias evangelizadoras no ambiente interno da IC, a CNBB propõe a criação de uma estrutura: o Setor Juventude (SJ), visando desenvolver uma evangelização mais atual e eficaz.

Se o lançamento de um documento oficial, com a proposta de implantação do SJ nas dioceses, sugere preocupação dos bispos quanto à evangelização dos jovens, a criação da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude, cuja função é acompanhar a PJB e garantir a integração das diversas expressões juvenis, e a publicação do *Estudo 103* da CNBB, que traz como novidade uma proposta de Pastoral Juvenil, dando continuidade às mudanças na organização iniciadas em 2007, são ações que confirmam a juventude como tema privilegiado do episcopado brasileiro.

Sendo assim, ao observar as estratégias de ação evangelizadora por parte da IC, com a instituição do SJ nas dioceses e a adoção do termo Pastoral Juvenil é possível notar consequências: há valorização de grupos que não se identificavam com o modelo da PJ, centraliza-se o

³ Estima-se que o evento tenha reunido aproximadamente 3,5 milhões de participantes. O evento teve extensa programação catequética e além das atividades, publicou-se o YOUCAT (2011), um catecismo da IC com linguagem jovem, para abordar temas da fé católica.

discurso oficial da IC com a presença de bispos e padres nos setores de organização e a PJ deixa de ser a referência, ou seja, seu discurso e planejamento de ação não representam mais as diretrizes gerais da IC. Em termos locais, nas dioceses de Santa Catarina, percebe-se uma diminuição de grupos e participantes da PJ, nota-se um fenômeno de pluralização do perfil e até de mistura de tendências (hibridismo) dos grupos juvenis que cultivam diversas espiritualidades, há perdas no sentido do acompanhamento de padres, assessores e profissionais liberados para as funções da PJ,⁴ e atividades tradicionais como o Dia Nacional da Juventude (DNJ)⁵ passam a ser absorvidas pelo SJ.

Percebe-se, portanto, que as orientações da CNBB a partir do *Documento 85*, têm gerando profundas modificações na ação evangelizadora juvenil da IC e tal cenário de mudanças se traduz, pelos militantes da PJ, na expressão ‘inverno pastoral’. Esta metáfora, de uso constante entre os militantes, quer significar uma noção de dificuldades e retração, mas também de tempo de espera e de reelaboração para a chegada da ‘primavera’.

Tendo como pressuposto tal processo de mudanças internas, a problemática que se apresenta nesta pesquisa é: como a PJ percebe e reage aos novos contextos que se apresentam (internos e externos) e qual o sentido de suas ações frente a perda de centralidade⁶ do ideário do catolicismo da libertação no novo cenário eclesial? Ademais, outras perguntas podem complementar essa problemática: de que modo os novos discursos e estratégias da CNBB, quanto a evangelização dos jovens no Brasil refletem na PJ? Como os contextos sociais, políticos e culturais podem influenciar na sua identidade e nas próprias estratégias da IC? Quais são os interesses da IC ao optar por investimentos na evangelização da juventude, especialmente de 2007 até 2013?

Perseguindo um olhar mais construtivista, no sentido de enfatizar “a intencionalidade dos atos humanos e o ‘mundo vivido’ pelos sujeitos, privilegiando as percepções dos atores” (ALVES-MAZZOTTI et al.,

⁴ Em algumas dioceses a PJ contava com um jovem ‘liberado’ para desempenhar as funções burocráticas e articular as atividades. Em geral o liberado é eleito pelos jovens e tem a anuência das autoridades religiosas para exercer a função, que é remunerada. Até a instituição do SJ, assessores religiosos acompanhavam exclusivamente a PJ, porém, o entendimento foi modificado. Percebeu-se que o SJ necessitaria da mesma estrutura de apoio e que não poderia ser exclusiva de alguma pastoral.

⁵ O DNJ é uma atividade do calendário permanente da CNBB e era realizado pelas Pastorais da Juventude em parceria com outras expressões juvenis. É um evento realizado no mês de outubro e seu objetivo é celebrar e refletir temas ligados à realidade dos jovens.

⁶ Em alguns momentos caracterizamos essa perda de centralidade do referencial ideológico da TL como perda de ‘hegemonia’, tal como utilizado por Gramsci (2001) e discutido por Gruppi (1978).

2001, p. 133), e ao mesmo tempo sem perder de vista a objetividade científica, a pesquisa que se apresenta foi motivada pelo envolvimento pessoal do pesquisador com o objeto ao longo de 12 anos, que atuando como agente pastoral e percorrendo um itinerário catequético iniciado no grupo de jovens da congregação salesiana até assumir a militância, exerceu funções de liderança e assessoria na PJ da Diocese de Joinville. Ao ter contato com os documentos e publicações da IC e notar sucessivas ações direcionadas à evangelização da juventude, a partir de 2007, despertou-se curiosidade ao observar novos cenários que se desenhavam na organização da PJ e as reações dos agentes que lideravam estes grupos frente às novas diretrizes.

A relevância da temática está na ampliação de conhecimentos relacionados às dinâmicas associativas juvenis católicas em Santa Catarina, descrevendo e interpretando o fenômeno que se apresenta por meio de cotejamento das discussões no ramo da sociologia da religião, que se ocupam em analisar o catolicismo contemporâneo na sociedade brasileira. Este estudo de caso da PJ em SC, contemplando as reações frente às modificações propostas pela CNBB, mostra seu impacto social ao discutir possíveis novas configurações na forma de participação juvenil na IC e a própria experiência religiosa da juventude católica, que aparentemente caminha para uma tendência mais conservadora, num momento histórico em que, paradoxalmente, os contextos juvenis valorizam a pluralidade e o sincretismo.

Quanto aos procedimentos metodológicos, propõe-se adotar o método qualitativo para explorar e resolver a problemática da pesquisa. Este tipo de método introduz novo olhar na pesquisa social, visto que o interesse reside nos significados da ação, na pluralidade das perspectivas e na diversidade das construções sociais.

Atento à pluralidade de construções de sentidos, o procedimento qualitativo leva, preferencialmente, a adquirir uma percepção mais holística dos problemas e das questões, e a proceder a um 'requadramento socioantropológico', a fim de ter em conta o contexto sociocultural de cada situação-problema e de compreender a especificidade e a complexidade dos processos em jogo (GROULX, 2010, p.97).

Reconhecendo esta proposta de caráter mais exploratório o presente estudo restringe seu universo de pesquisa à PJ do Regional Sul IV da CNBB, constituído por dez dioceses e correspondente ao território

catarinense. Para que se dê conta de observar as reações dos agentes foram feitos três tipos de recortes: o temporal, que engloba o período entre 2007 e 2013, o espacial, em que foi privilegiada uma região mais rural e outra mais urbana, e um aspecto específico: a criação ou não do SJ nas dioceses. Seguindo estes critérios chegamos a escolha das dioceses de Joinville e Chapecó. Em ambas a PJ existe há pelo menos 30 anos, porém se diferem em seus contextos: sociais, econômicos, culturais e pastorais. No território que abrange a diocese de Joinville há predomínio do urbano, já a diocese do oeste catarinense é iminentemente rural. Além disso, e considerando o último critério, em Joinville, o SJ já estava sendo organizado desde 2008 e em Chapecó não havia sido implantado até 2013.

A coleta de dados se deu de maneiras distintas, mas complementares, incorporando entrevistas, observação participante e a utilização de documentos. Foram empreendidas entrevistas semi-estruturadas com lideranças diocesanas, militantes, assessores leigos e religiosos que acompanham ou atuam com a PJ e o SJ, e todo o material coletado foi gravado em áudio e transcrito.⁷ A opção pela modalidade de entrevista se justifica metodologicamente, conforme Poupart (2010, p.216) ao se impor “entre as ‘ferramentas de informação’ capazes de elucidar as realidades sociais, mas, principalmente, como instrumento privilegiado de acesso à experiência dos atores”. Para ele, há duas outras possíveis argumentações que validam esse método: uma de ordem epistemológica, cuja importância se dá na exploração em profundidade da perspectiva dos atores para apreensão das condutas sociais e a outra de ordem ética e política, prevendo maior possibilidade para a compreensão e conhecimento dos dilemas e questões enfrentadas pelos atores. Concordando com esta lógica, o roteiro foi elaborado de modo que a entrevista pudesse ter cunho narrativo, assim os entrevistados foram estimulados a contar sua história de participação na PJ e na IC. A ideia básica dessa estratégia “é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível” (JOVCHELOVITCH et al., 2004, p.93).

Compreende-se que uma preocupação frequente relacionada ao uso de entrevistas diz respeito aos vieses, no entanto, visando à qualidade da pesquisa, a leitura desses vieses deverá ser mais construtivista, ou seja, uma leitura que considere “a subjetividade do

⁷ Ao todo foram realizadas 18 entrevistas que totalizaram cerca de 15h de gravação. Foram selecionados dois bispos, dois padres, seis assessores leigos (que atuam na formação e acompanhamento dos grupos da PJ), três jovens coordenadores diocesanos e cinco jovens que participam dos grupos. Todos envolvidos em alguma função de liderança.

pesquisador, e, sobretudo, prestando uma maior atenção à forma pela qual os discursos são socialmente construídos” (POUPART, 2010, p. 235). Assim, ao entender que os discursos são indissociáveis de seu contexto de produção e de enunciação, ressalta-se que o material produzido pela entrevista é entendido como uma “co-construção da qual tomam parte tanto o entrevistador quanto o entrevistado”.⁸

Também como método de coleta de dados, foi realizada a observação participante em reuniões de lideranças e encontros de formação, no 10º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude (2012), na Assembleia Eletiva do Regional Sul IV (2011), nas Assembleias Diocesanas de Joinville e Chapecó (2013) e na JMJ. De acordo com Alves-Mazzotti et al. (2001, p. 166) o formato característico de observação, nos estudos qualitativos, é justamente o de observação não-estruturada, e a modalidade ‘participante’ é a mais utilizada. Tal método deve visar à descrição e compreensão do que está ocorrendo em determinada situação, relatando os comportamentos observados da forma como acontecem, ou seja, sem serem pré-determinados. Assim, o uso da observação participante como método, neste trabalho, deu-se devido ao entendimento de que pesquisador “se torna parte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação”⁹ e que, como nas palavras de Poupart (2010, p. 217) “misturar-se às atividades cotidianas dos atores, com a ajuda da observação participante, constitui o melhor meio de perceber suas práticas e interações, como também de interrogá-los durante a ação”.

A utilização dos documentos da CNBB¹⁰ foi outro modo empreendido para coletar dados, observando os 30 anos de história da PJ catarinense e das dioceses selecionadas, estabelecendo comparações entre as formas de participação de cada geração e para reconhecer mudanças em sua trajetória. Na concepção de Alvez-Mazzotti et al. (2001, p. 169) é considerado documento “qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informações”, portanto, seguindo tal perspectiva, também foram consultadas cartilhas de planejamento da PJ. Ao adotar esta modalidade de coleta de dados, almeja-se compreender os “princípios e normas que regem o comportamento de um grupo e sobre a relação que estabelecem com outros grupos ou subgrupos”.¹¹

⁸ Id., Ibid., p. 247.

⁹ Id., Ibid., p. 166.

¹⁰ Serão considerados os documentos: *Estudos CNBB*: Marco referencial da PJB (1998); *Documentos CNBB*: Evangelização da Juventude. (2007); e *Pastoral Juvenil no Brasil* (2013).

¹¹ Id., Ibid., p. 169.

Investigar as reações da PJ em Santa Catarina, diante das novas diretrizes da CNBB, é o principal objetivo deste trabalho, ou seja, trata-se de explicar como a juventude católica de orientação “progressista”,¹² racionaliza suas ações diante das mudanças de orientação da IC, que também reformula sua própria atuação no cenário religioso brasileiro. Visando a este objetivo a discussão será organizada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo se ocupará em encontrar na sociologia weberiana ferramentas metodológico-analíticas e identificar o debate acerca da ação social. Nesse caso buscaremos uma atualização do aporte weberiano a partir da distinção entre o aspecto microssociológico da ação e o aspecto macrosociológico do contexto da ação. As mudanças de orientação da IC constituem o contexto e a reação da PJ diante desse cenário será tratada como lógica de ação. No segundo capítulo há preocupação em contextualizar a pesquisa e serão fomentados debates sociológicos sobre juventude, evidenciando elementos que caracterizem este segmento da sociedade, bem como perceber seus significados e as relações entre juventude e religião. Também pretende-se observar como a IC constrói seus projetos evangelizadores no Brasil e atua nos ambientes juvenis, destacando suas estratégias para lidar com os valores da modernidade e da globalização, sem ferir sua unidade.

Descrever o objeto é o propósito do terceiro capítulo, apresentando elementos que caracterizem a história, influências teológicas e estrutura de organização da PJ. Em parte, a observação participante e as entrevistas serão mobilizadas, complementando os dados coletados por meio dos documentos e sites institucionais, na tarefa de fazer conhecer as dioceses de Joinville e Chapecó. Também constitui como objetivo do capítulo captar características que ajudem a compreender o perfil do jovem participante desta associação juvenil e identificar como a PJ em Santa Catarina reage diante das novas diretrizes e discursos da IC, apresentando suas estratégias, sistematizadas em projetos evangelizadores.

Já o capítulo que encerra este trabalho deverá apresentar os dados empíricos, coletados na fase do campo e analisá-los. Serão estabelecidas

¹² São consideradas “progressistas” aquelas tendências da IC que apoiam a revisão do catolicismo diante das mudanças do mundo moderno, bem aquelas que apregoam o envolvimento direto da instituição com problemas políticos e sociais. Grupos progressistas, não raro, adotam referências ideológicas do campo da “esquerda” em suas concepções. São consideradas “conservadoras” aquelas tendências que se opõem a integração do catolicismo com a realidade secular e que entendem que seu papel é essencialmente espiritual e não político. A ação política restringe-se apenas ao caritativo. Os termos são usados como “tipos puros” e entre eles podemos encontrar também grupos “moderados” que mesclam estas tendências.

relações entre os discursos dos entrevistados e os pronunciamentos oficiais da IC com os referenciais teóricos abordados nos capítulos anteriores, a fim de identificar o sentido da ação social dos agentes da PJ frente às orientações da CNBB, a partir de 2007, e compreender o sentido das estratégias da IC no cenário religioso e juvenil brasileiro contemporâneo.

1. POR UMA SOCIOLOGIA WEBERIANA

Neste capítulo apresentaremos as referências teóricas centrais deste trabalho, identificando ferramentas metodológicas baseadas em Weber, mais propriamente com enfoque neoweberiano, cotejando a teoria da ação social, para que se possa interpretar as reações da PJ frente às mudanças no interior da IC no Brasil. Entende-se como mudança principal, a transferência da hegemonia da ação evangelizadora para uma nova estrutura de organização: o SJ que faz parte da Pastoral Juvenil. Pretende-se também apresentar o debate sociológico acerca da dominação para analisar as estratégias da IC.

Num primeiro momento serão expostos alguns termos weberianos para mapear e captar elementos de sua sociologia, entendida como “uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos” (WEBER, 2012, p. 3). Compreensão em Weber significa apreender de modo interpretativo o sentido ou a conexão de sentidos.

Apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido: a) efetivamente visado no caso individual (na consideração histórica), ou b) visado em média e aproximadamente (na consideração sociológica de massa), ou c) o sentido de conexão de sentido a ser construído cientificamente (como ‘ideal-típico’) para o tipo puro (tipo ideal) de um fenômeno frequente (Weber, 2012, p. 6).

Para Weber toda interpretação, bem como toda ciência pretende alcançar evidência da compreensão que pode ser de caráter racional (lógico) ou intuitivamente compreensivo (emocional). Contudo, muitas vezes não compreendemos com evidência alguns dos fins últimos e valores que podem orientar as ações de uma pessoa e só eventualmente conseguimos apreendê-los de modo intelectual. Nessas situações Weber indica que devemos nos contentar com a interpretação intelectual ou até mesmo aceitá-las como dadas tornando a ação inteligível, sendo esta, para a sociologia, apresentada como um tipo ideal.

A sociologia, segundo ele, constrói conceitos de tipos e procura regras gerais dos acontecimentos, encontrando seu material nas realidades da ação consideradas também relevantes para a história. Como ciência, ela forma seus conceitos e procura regras levando em conta se:

Pode prestar um serviço à imputação causal histórica dos fenômenos culturalmente importantes [...] Como em toda ciência generalizadora, seus conceitos, devido à peculiaridade de suas abstrações, têm de ser relativamente vazios quanto ao conteúdo, diante da histórica realidade concreta. O que pode oferecer, em compensação, é a maior univocidade dos conceitos. Alcança-se esta maior univocidade pelo ótimo possível de adequação de sentido, tal como o pretende toda a conceituação sociológica. [...] Em todos os casos, racionais ou irracionais, ela se distancia da realidade, servindo para o conhecimento desta da forma seguinte: mediante a indicação do grau de aproximação de um fenômeno histórico a um ou vários desses conceitos torna-se possível classificá-lo [quanto ao tipo].¹³

Sendo assim, os modelos evangelizadores da IC aqui estudados são entendidos como tipos ideais e o que se persegue é um olhar mais objetivo sobre o objeto em questão, pois “quanto mais nítida e inequivocamente se constroem esses tipos ideais, quanto mais alheios do mundo estejam, neste sentido, tanto melhor prestarão seu serviço, terminológica, classificatória, bem como heurísticamente.”¹⁴

Diferindo de Karl Marx e Émile Durkheim, a sociologia de Max Weber se orienta pelo sujeito e não pelo objeto, ou seja, para compreender a sociedade e suas instituições, a análise se dá por meio do comportamento dos indivíduos. Para ele, tudo o que existe na sociedade é fruto da atividade humana e seu método propõe observar as motivações e razões que deram origem as instituições e comportamentos. Assim, sua metodologia compreensiva tem como objetivo compreender o significado da ação social.

Para a sociologia, importa recuperar a razão e a finalidade que os próprios indivíduos conferem as suas atividades – bem como as suas relações com os demais indivíduos com a sociedade (SELL, 2002, p. 110).

¹³ Id., Ibid., p. 12.

¹⁴ Id., Ibid., p. 13.

Mesmo considerando fundamental o papel das motivações no desenvolvimento histórico, Weber em nenhum momento defende que o indivíduo seja capaz de guiar a história segundo suas intenções. Na verdade, é o contrário, uma vez que ele estuda os fatores que limitam ou condicionam as ações e observa consequências não intencionais próprias das ações do indivíduo, como observa Mariz (2010, p. 85) acerca da análise weberiana em *A Ética Protestante e o 'Espírito' do Capitalismo*, “os protestantes puritanos agiam asceticamente procurando a salvação de suas almas e não o desenvolvimento do capitalismo. Esse último foi uma mera consequência não intencional”.

Nota-se vasta preocupação de Weber com o estudo da religião, contudo seu interesse se concentra na compreensão da sociedade moderna ocidental e seu processo de racionalização e não na religião em si. Ele percebe na religião a capacidade de formar atitudes e conduta nas diversas sociedades. Nesse sentido, por meio dela, é possível compreender também as intenções dos agentes.

Em suas análises históricas de diferentes grupos religiosos se pergunta em que circunstâncias as motivações religiosas levam a rupturas com o modo de vida e sociedade dominantes e em que outras apenas os reforçam Mariz (2010, p. 86).

Weber também aponta para a possibilidade de mudança social através da religião e do carisma, tanto que para ele o sucesso ou fracasso de uma profecia é fruto de lutas entre grupos de interesses distintos.

Elementos teóricos presentes também na sociologia da religião weberiana, os conceitos de racionalidade e racionalização são fundamentais em sua teoria da modernidade. A racionalização existe nos mais diversos tipos e se expressa de maneira distinta, nas diferentes esferas da vida.

Por meio da religião, Weber procura identificar o surgimento e a propagação de um tipo de racionalidade e identifica que há afinidade entre o capitalismo e o protestantismo, buscando compreender as motivações para a racionalização da vida econômica. No entanto, acompanha o autor certo pessimismo e um reconhecimento das limitações da ciência e da racionalidade ocidental, que embora tenha oferecido ao homem a capacidade de dominar o mundo, trouxe a perda de sentido e de liberdade.

Em *Economia e Sociedade* Weber tenta sistematizar um estudo que chama de ações sociais religiosas ou magicamente orientadas e em

alguns textos analisa processos históricos que ajudam a compreender o surgimento do processo de racionalização. O autor percebe, ao analisar as grandes religiões universais, que elas se diferenciam na teoria religiosa quanto a imagem de Deus e do mundo, sendo que estas diferenças direcionam as práticas de vida do crente para alcançarem a salvação.

Dentre as diferentes imagens de Deus criadas pelas religiões há dois tipos: as teocêntricas e as cosmocêntricas, e as práticas religiosas podem ser místicas ou ascéticas, para dentro ou para fora do mundo. De acordo com Habermas (1987), tais imagens elaboradas por Weber podem ser explicadas do seguinte modo:

A primeira, a ocidental, se serve da concepção de um Deus criador, supra-mundano e pessoal; a outra, muito difundida no oriente, parte da ideia de um cosmos impessoal e não criado. Weber fala aqui de uma concepção supra-mundana e de uma concepção imanente de Deus.¹⁵

Outra maneira para explicar as imagens de Deus, segundo as diferentes religiões, foi organizada por Sell (2002, p. 126). Neste caso, nas religiões teocêntricas Deus está fora do mundo e existem dois caminhos de salvação: se a imagem do mundo for negativa, o caminho da religião será o da dominação ascética do mundo (caso protestante), portanto haverá uma atitude 'ativa', mas se a visão do mundo seja positiva, não há exemplos apresentados por Weber. Já nas religiões cosmocêntricas Deus é o próprio mundo, e caso a imagem do mundo for negativa, o caminho da salvação será a fuga do mundo, mas se for positiva o caminho da salvação será a acomodação diante do mundo. Assim, nestes tipos de religiões (cosmocêntricas) os caminhos de salvação levam o agente a uma atitude 'passiva' no mundo.

Nos estudos weberianos sobre a religião, interessa-nos compreender que a IC, enquanto pertencente ao cristianismo, assim como toda religião redentora, tem como objetivo assegurar ao que é salvo um estado sagrado, podendo apresentar-lhe um hábito que garanta salvação, e este hábito pode evoluir para uma ética.

A religião possui um valor, que é a salvação do mundo e pode ser encontrado em dois tipos ideais: ascetismo (ação) e misticismo (possessão), sendo que ambos possuem vertentes intra e extramundanas. Conforme Weber (1982, p. 375), em geral, a mágica foi o que legitimou

¹⁵ Id., *Ibid.*, p. 269.

o profeta ou salvador das religiões e a utilização da magia foi um meio para garantir reconhecimento e conseguir adeptos para a missão. Assim, o significado da profecia ou mandamento é dirigir o modo de vida tendo como base um valor sagrado, e este modo de vida é sistematizado e racionalizado. De acordo com Weber, o controle dessa conduta cabe aos sucessores qualificados pelo carisma (discípulos).

Quanto mais a religião tenha se sublimado do ritualismo para o controle dessa conduta, ou seja, quanto mais avançado tiver na racionalização da posse exterior das ‘coisas mundanas’, mais forte se torna a tensão com o mundo, pois

Racionalização e sublimação consistem das relações do homem com as várias esferas de valores [...] permitindo que elas se inclinem para as tensões que permanecem ocultas na relação originalmente ingênua com o mundo exterior.”¹⁶

Nessa perspectiva, o mundo é considerado como centro do sofrimento nas religiões de salvação e a concepção de Deus, criador extramundano, na ética religiosa é importante para a busca da salvação.

No ascetismo o indivíduo age dentro do mundo, embora o renuncie. Seu desejo é de dominação do mundo através do trabalho numa vocação mundana, ou seja, ele renuncia o mundo, mas o domina em virtude dos poderes que conquista pela renúncia. Nessa ideia de vocação está um sentimento de cumprir as ordens de Deus. Já no misticismo não há negação, mas fuga do mundo. Não há ação, mas possessão contemplativa do sagrado, em que o indivíduo é um recipiente do divino. O místico está no mundo, mas apenas se acomoda para ter certeza de seu estado de graça, que é justamente o de oposição.

Como são tipos ideais, o contraste entre ascetismo e misticismo podem desaparecer, pode ocorrer uma combinação entre ambas as formas e até mesmo o contraste entre ambas pode continuar, mas disfarçado de aparente semelhança externa. Relacionando estes tipos ideais com o SJ e a Pastoral Juvenil, parece que a IC faz a opção por reduzir o contraste entre uma tendência mais ascética com a mística, porém, ainda assim é forte a ideia de dominação do mundo, ou seja, de que o jovem católico tem uma vocação, um dever: o de evangelizar.

A partir dos elementos da sociologia weberiana apresentados até aqui é possível estabelecer relações com o problema de pesquisa, principalmente no sentido de projetar caminhos para uma análise

¹⁶ Id., Ibid.

compreensiva e interpretativa. Seja ao reconhecer o potencial de debate acerca da disputa que a PJ e outros modelos evangelizadores, especialmente a RCC que está em evidência na IC do Brasil desde a década de 1990, empreendem pela hegemonia da ação evangelizadora. Como também no exercício de captar o sentido das ações dos militantes da PJ e suas reações diante das mudanças institucionais encaminhadas pela CNBB, que formula novas estratégias para manutenção do carisma, mantendo a dominação da evangelização juvenil por meio de uma série de estratégias: documentos, nova estrutura de organização, eventos de massa e coerção.

Ainda pensando no sentido das ações é possível perceber que as reações para a manutenção da hegemonia ‘pejoteira’ apontam para distintas racionalidades, ou seja, há evidentes lutas de caminhos de salvação mobilizados pelos agentes, que se chocam entre atitudes ‘ativas’ e ‘passivas’ em relação ao mundo. Mas, mais do que enxergar as possíveis consequências que a relação entre PJ e RCC ou outros grupos da IC possa gerar, interessa reconhecer a racionalidade investida pela IC para ao criar novas estruturas administrativas para organizar a evangelização juvenil.

Pretende-se também, apresentar nesta revisão teórica, conceitos políticos que possam ser mobilizados na análise sobre as relações de poder na IC e em seu interior, onde convivem diversos grupos, com distintas concepções teóricas e práticas. Para tanto, será discutido o conceito de dominação em Weber, que deve contribuir para se pensar a estrutura, ou seja, o nível macro sociológico.

Para começar a adotar os termos de Weber é preciso estabelecer clara distinção entre os conceitos de poder e dominação. O primeiro é entendido como a capacidade de impor a própria vontade dentro de uma relação social, já a dominação seria a probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandato. Assim, na sociologia de Weber o conceito ‘poder’ é amorfo, ele prefere trabalhar com a categoria dominação, por significar “a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis” (WEBER, 2012, p. 33). Definir tais conceitos é fundamental, pois em Weber interessa entender o que torna legítima a autoridade, quais razões justificam a dominação e quais são os conflitos de interesses em sua busca.

A ideia de dominação, ou, probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandato pode ter fundamento em diversos motivos, interesses e vantagens, bem como depender dos costumes, hábitos ou do afeto. De acordo com Gabriel Cohn (1991), em Weber se entende

dominação legal, como aquela que é regida por um estatuto e a burocracia; dominação tradicional a que se dá “em virtude da crença na santidade das ordenações e dos poderes senhoriais de há muito existentes,”¹⁷ cujo conteúdo das ordens está fixado pela tradição; e por fim, a dominação carismática tem relação com a devoção afetiva à pessoa do senhor, mas especialmente “a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória.”¹⁸

Assim, além de nos preocuparmos em reconhecer as racionalidades que se apresentam nas ações dos sujeitos militantes da PJ, por meio da no entendimento de dominação em Weber nos ocuparemos em compreender quais os objetivos da IC ao criar o SJ e a Pastoral Juvenil como estruturas administrativas e burocráticas.

1.1 Perspectiva neweberiana

A temática da ação e da ordem na sociologia de Max Weber será debatida aqui sob o olhar do chamado neweberianismo, desenvolvido por pesquisadores da universidade de Heidelberg na Alemanha, desde os anos de 1970. Estes pensadores têm se concentrado em um extenso trabalho exegético e hermenêutico na reinterpretação da obra de Weber com o objetivo de atualizá-la, para pensar sobre sua validade na resolução de questões teóricas e empíricas da sociologia multiparadigmática nos dias de hoje.

O resultado deste minucioso trabalho de repensar questões teóricas atuais por meio de Weber ainda apresenta discordâncias quanto ao conteúdo das questões a serem trabalhadas sobre o seu caráter: se é um paradigma ou um programa de pesquisa, conforme explica Sell:

Conforme a sistematização de Wolfgang Schluchter, um "programa de pesquisa de orientação weberiana" estaria assentado em dez premissas fundamentais: 1) racionalismo crítico; 2) tipos-ideais; 3) compreensão explicativa; 4) racionalismo heurístico; 5) individualismo metodológico; 6) análise de múltiplos níveis; 7) orientação por resultados ou valores intrínsecos; 8) discussão sobre valores; 9) conflitos de classe, de ordens de vida e de instituições e 10)

¹⁷ Id., *Ibid.*, p. 131.

¹⁸ Id., *Ibid.*, p. 134.

personalidade. Gert Albert (2010), ao contrário, propõe explicitamente um "paradigma weberiano", embora explique que empregue o conceito de paradigma não no sentido de Thomas Kuhn, mas na acepção que lhe é dada por Robert Merton, qual seja, como um programa de pesquisa de médio alcance. Na visão deste último autor, a agenda a ser incluída no desenvolvimento deste paradigma inclui três grandes eixos que dizem respeito a problemas ontológicos, metodológicos e empíricos (2014, p. 37).

Para identificar a contribuição do pensamento de Weber, para o atual debate micro-macro na sociologia, vamos considerar as contribuições de Wolfgang Schluchter, autor da “escola neoweberiana”. Mesmo reconhecendo que em Weber o indivíduo é tido como o átomo do seu método sociológico, empreenderemos uma tentativa de integrar as abordagens micro e macro. Na leitura de Schluchter os problemas metodológicos em Weber se entrelaçam com os problemas da teoria da ação, entretanto nos concentraremos apenas em seus fundamentos teórico-metodológicos para pensar o problema apresentado nesta pesquisa: das relações entre macro (IC) e micro (militantes da PJ).

Conforme Sell, na sua elaboração teórica, Schluchter (2009) utiliza-se do esquema desenvolvido por Hartmut Esser (1993), que entende como a tarefa fundamental da sociologia a explicação dos fenômenos de nível macro, embora seu ponto de partida sejam sempre os seus microfundamentos. A partir desse pressuposto, a análise social precisa distinguir três momentos diferentes.

O primeiro refere-se à *lógica da situação* e diz respeito às influências das estruturas sobre o nível da ação (macro-micro). O segundo momento - situado por inteiro no plano micro - refere-se à *lógica da seleção* e envolve as linhas de ação escolhidas pelo ator (micro-micro). O terceiro nível é denominado *lógica da agregação* e diz respeito aos influxos da escala micro sobre a escala estrutural (micro-macro) (SELL, 2014, p.37).

Schluchter encontra utilidade neste esquema de Esser, no sentido de lhe permitir diferenciar em Weber um plano micro e um plano macro claramente demarcados: a sociologia weberiana seria, sob este prisma, um modelo teórico de múltiplos níveis.

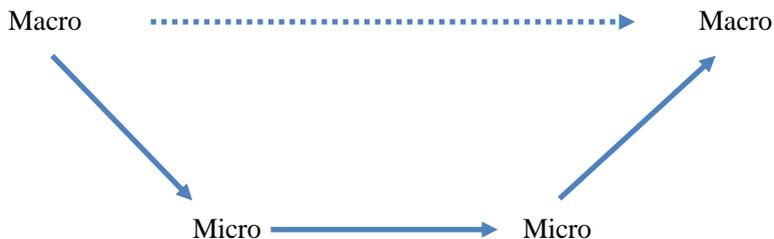


Figura 1: Modelo de múltiplos níveis

Fonte: SELL, 2014.

Nesta direção, o plano micro envolve os mecanismos de *orientação da ação* e diz respeito à tipologia weberiana das ações sociais. Já o plano macro envolve a transição para os mecanismos de *coordenação da ação*, incluindo tanto as relações sociais quanto sua configuração em ordens sociais motivadas por interesses (como o mercado) ou segundo princípios normativos (como a esfera política e jurídica), incluindo ainda a institucionalização destas relações em organizações formais (administrativas ou políticas). Finalmente, em um terceiro nível, ainda mais amplo, Weber apresenta uma teoria da cultura que se refere à forma como modos de orientação da ação e estrutura sociais estão institucionalizados em civilizações historicamente determinadas.¹⁹

Seguiremos a perspectiva teórica fixada por Schluchter, em que a sociologia weberiana é caracterizada pelos seus múltiplos níveis, partindo do plano da ação social para o plano da ordem e deste para o plano da cultura. E assim, o debate não se resume a teoria weberiana da ação social, mas considera o problema da articulação entre agência e estrutura. Assim, concorda-se com Sell, ao entender que:

¹⁹ Id., Ibid., p. 41.

Mais do que um precursor da discussão, a organização da sociologia weberiana em múltiplos planos (*Mehr-Ebenen Modell*) - que compreendem a lógica da situação, a lógica da escolha e a lógica da agregação - permite que o tema da relação macro-micro avance à ideia da dualidade da estrutura: o tratamento simultâneo dos dois níveis leva ou à redução do plano micro ao plano macro (redução deflacionária) ou à redução contrária (redução inflacionária). Mais do que uma temporalização sequencial de ambos os problemas, a disjunção de cada um destes níveis em suas características, propriedades e efeitos permite um tratamento teórico-analítico específico para cada um deles.²⁰

²⁰ Id., *Ibid.*, p. 60.

2. A JUVENTUDE E A IGREJA CATÓLICA

Neste capítulo abordaremos o contexto da pesquisa: a Igreja Católica (IC) e os jovens. A primeira parte é dedicada à caracterização sociológica da juventude e a compreensão de como o jovem contemporâneo se relaciona com a esfera religiosa na sociedade moderna e desencantada.²¹ Também observaremos como se dá a participação juvenil nesta instituição.

Adotando um viés sociopolítico descreveremos as transformações da IC no mundo, na América Latina e no Brasil a partir de acontecimentos internos tidos como reformadores, especialmente o Concílio Vaticano II. Mostraremos a variedade de grupos que disputam por hegemonia e legitimação, em seu interior, e apresentaremos a evolução histórica dos projetos evangelizadores de jovens na IC no Brasil, bem com as estruturas de organização.

2.1 Aspectos sociológicos da Juventude

Dados do recenseamento de 2010 apontam que o Brasil possui um contingente juvenil expressivo, são aproximadamente 51 milhões de jovens entre 15 e 29 anos (IBGE, 2010), representando um quarto da população.²² Compreender os significados que os jovens têm para a sociedade contemporânea e suas instituições, especialmente a IC é o propósito do texto que se apresenta, bem como recuperar debates sociológicos sobre a conceituação do termo juventude, que parece óbvio, mas esconde complexidade teórica capaz de gerar disputas em diversos campos das ciências humanas.²³

A abordagem desta temática requer clareza acerca do seu caráter plural e heterogêneo, bem como o reconhecimento da variedade de enfoques que podem ser dados. Destarte, Krauskopf (2003) ao analisar

²¹ Entende-se o conceito weberiano de desencantamento do mundo conforme a interpretação de Pierucci (2003) que reconhece dois possíveis significados e que se referem a ‘um mundo duplamente desencantado’ (p.139), portanto, há desencantamento religioso e científico.

²² Esta parcela da sociedade brasileira teve seus direitos e demandas reconhecidos em 5 de agosto de 2013 com a aprovação da lei nº 12.852 que instituiu o Estatuto da Juventude.

²³ Renato Dias de Souza (2010) faz uma discussão teórico-metodológica no artigo “História da juventude: aspectos teórico-metodológicos”, recuperando definições de juventude em diversas áreas das ciências humanas e observa que muitas se mostram limitadas ao incorrerem em reducionismos biologicistas ou pela ênfase em aspectos psicologicistas, ao invés de considerar aspectos sociais. Para ele, a juventude é constituída socialmente e a sua história só tem sentido se compreendida no interior da sociedade.

as políticas públicas para este segmento da sociedade faz, justamente, o exercício de mapear discussões na literatura e identifica quatro enfoques distintos: juventude como fase de preparação e transição para a idade adulta, juventude como etapa problemática, juventude como ator estratégico para o desenvolvimento, e juventude cidadã como sujeito de direitos.²⁴ No entanto, o debate sociológico não se resume a estes tópicos, como se observa em Abramo (2005, p. 41):

A noção de condição juvenil remete, em primeiro lugar, a uma etapa do ciclo de vida, de ligação (transição, diz a noção clássica) entre a infância, tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal (físico, emocional, intelectual) e da primeira socialização, de quase total dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, em tese a do ápice do desenvolvimento e de plena cidadania, que diz respeito, principalmente, a se tornar capaz de exercer as dimensões de produção (sustentar a si próprio e a outros), reprodução (gerar e cuidar dos filhos) e participação (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade).

A autora também ressalta que a significação social, os conteúdos e a duração destes atributos das fases da vida são históricos e culturais, e que a juventude no pensamento sociológico só passou a ser entendida como etapa singular na sociedade moderna ocidental.²⁵ Representava um tempo de preparação, efetivado pelas instituições, entre elas a escola, para enfrentar a complexidade das tarefas de produção e das

²⁴ Conforme a autora, na primeira abordagem o jovem é tido como um sujeito em preparação para a vida adulta, há foco na qualificação profissional e o adulto é referência para a projeção do futuro. Na segunda, a juventude é vista como etapa problemática e o enfoque se dá na vulnerabilidade juvenil: consumo de drogas ilícitas, violência e gravidez precoce e nos comportamentos de risco e transgressões. Na terceira discussão, o jovem pode ser um ator estratégico para o desenvolvimento do país quando entendido como capital humano e social e fundamental. Já na última, os jovens são vistos como “sujeito de direitos”, leitura que segue a perspectiva da cidadania, reconhecendo esta etapa da vida como singular e também prevendo a capacidade de participação e contribuição, reconhecendo-os como agentes críticos e conscientes de seus direitos.

²⁵ Na coletânea *História dos Jovens*, organizada por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt (1996) é possível encontrar uma visão de como foi construída a imagem da juventude em diversas sociedades ao longo da história.

relações sociais trazidas pela sociedade industrial.²⁶ No entanto, esta noção de juventude como transitoriedade foi criticada por ser restrita às condições de classe, visto que a experiência de tempo preparatório era exclusiva aos jovens das classes altas e médias.

A partir desta crítica a literatura sociológica oscilou em uma tensão entre análises que privilegiavam a ideia de condição juvenil como uma fase da vida e uma construção cultural desvinculada das condições materiais e históricas, e análises destituídas de significação social, que enfatizavam a posição na estrutura socioeconômica.

Tal tensão pode ser resolvida, como sugerem, entre outros, Abad (2003) e Sposito (2003), pela distinção entre *condição* (o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico geracional) e *situação*, que revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. E nesse sentido, como afirma Margulis, é fundamental levar em consideração estes diferentes planos de análise: ‘a juventude, como toda categoria socialmente construída, que atende a fenômenos existentes, possui dimensões simbólica, mas também tem que ser analisada a partir de outras dimensões: aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais toda produção social se desenvolve’.²⁷

Também mudanças históricas ao longo do século passado e transformações na cultura, no trabalho e nos direitos trouxeram novas questões, que conduziram a uma sutil mudança no uso do termo. Em vez de ‘juventude’ no singular, passou-se a adotar ‘juventudes’, a fim de reconhecer a pluralidade e diversidade próprias desta condição.

Esta mudança de alerta revela uma transformação importante na própria ação social: a *juventude*, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido para todos

²⁶ Esta noção moderna de ‘juventude como um tempo de transição’ tem significado social de “moratória” para Erikson 1986, Margulis 1998 e Calligaris, 2000.

²⁷ ABRAMO, 2005, p. 42.

os grupos sociais, embora apoiada sobre situações significações diferentes. Agora a pergunta é menos sobre a possibilidade ou impossibilidade de viver a juventude, e mais sobre os diferentes modos de como tal condição é ou pode ser vivida.²⁸

Concordando com esta abordagem, Groppo (2000) defende que não é possível adotar um conceito único ao se definir juventude, sendo o termo juventudes mais recomendável para que se compreenda a multiplicidade de condições juvenis presentes na sociedade brasileira. Para ele, a juventude quando definida como categoria social, torna-se concomitantemente uma representação sociocultural e uma situação social. Sendo assim, o jovem e seu comportamento se modificam conforme a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional e regional, etc.

A juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos.²⁹

No entendimento de Novaes (2006, p.105) a compreensão de que 'juventude' é um conceito construído histórica e culturalmente, já é senso-comum. Assim, para ela, as definições acerca do que é ser jovem e até quando se é jovem mudam no tempo e são distintas nas diversas culturas e espaços sociais. Partindo deste pressuposto é possível indagar se há consenso quanto aos limites da conceituação de juventude. Conforme a autora, os limites etários são flexíveis e demarcações precisam ser revistas em função de um alargamento da juventude até aproximadamente os 30 anos, em virtude de mudanças no mercado de trabalho e aumento de expectativa de vida.

Levando em consideração que a história não se repete, que cada experiência geracional é inédita e que a condição juvenil tem suas especificidades, a juventude contemporânea deve ser pensada a partir da velocidade das mudanças no mundo globalizado. Ampliam-se os espaços de socialização pelos meios de comunicação e inovações

²⁸ Id., Ibid., p. 44.

²⁹ Id., Ibid., p. 7-8.

tecnológicas, as noções de tempo e espaço sofrem modificações, e ao aproximar jovens de diferentes grupos sociais e culturais, seu papel na sociedade é radicalmente transformado.

E qual seria o significado da juventude na sociedade? Como ela pode contribuir para a vida social? Estas perguntas foram feitas por Karl Mannheim (1973) com a intenção de compreender o que a juventude poderia oferecer para a sociedade moderna e o que esperar dela. Ao responder tais questionamentos, ele observou que o significado nem sempre foi o mesmo, mudando conforme o contexto histórico, pois sua formação é definida a partir daquilo que se tem como expectativa dessa categoria social.

O problema sociológico é que, apesar de sempre surgirem novas gerações em função dos grupos de idade mais jovem, depende da natureza de uma dada sociedade esta fazer ou não uso delas, e depende da qual ela as utiliza. A juventude pertence aos recursos latentes de que toda sociedade dispõe e de cuja mobilização depende sua vitalidade.³⁰

Na concepção de Mannheim a juventude é predestinada às mudanças na sociedade, que distingue entre estáticas e dinâmicas, ao carregar um potencial de transformações conservadoras ou progressistas. Ela é uma reserva latente que toda sociedade possui e dependerá da estrutura social mobilizá-la ou suprimi-la para cumprir uma função social. Nas sociedades estáticas, as forças revitalizantes da juventude são negligenciadas, portanto nessas sociedades a taxa de mudanças é relativamente baixa, uma vez que a educação se preocupa mais em transferir a tradição e a confiança está na experiência das gerações mais velhas. Já nas sociedades dinâmicas, as gerações mais velhas confiam na cooperação da juventude para apresentar novas saídas e esta acaba tendo uma função de agente revitalizador por não estar completamente envolvida no *status quo* da ordem social. Assim, as sociedades dinâmicas utilizam as potencialidades da juventude para produzir transformações, contudo tal potencialidade só se torna função social com um processo de integração dos agentes.

Visto que os jovens nem sempre se enquadram nas culturas que a sociedade lhes propõe, atualmente os processos de transição para a vida adulta possuem natureza labiríntica (Pais, 2006) provocando sensação

³⁰ Id., Ibid., p. 49.

de confusão. Inseridos em novos contextos de uma sociedade globalizada, marcados por novos códigos culturais e sociais, desigualdades, destruição da natureza, quebra de tabus sexuais, os jovens contemporâneos passaram a conviver com o risco de não dar conta de assimilar todas as mudanças velozes e informações constantes, de um mundo conectado por meio da internet, e encontram dificuldades para construir sua identidade.

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem da casa dos pais para um dia qualquer voltarem; abandonam os estudos para os retomar tempos depois; encontram um emprego e em qualquer momento se veem sem ele; suas paixões são como ‘voos de borboleta’, sem pouso certo; casam-se, não é certo que seja para toda a vida.³¹

Diante de situações de inconstâncias e incertezas, o jovem corre o risco de tudo relativizar: escola, trabalho, relações afetivas, etc. Também há uma tensão em relação ao futuro que se encontra ‘desfuturizado’, quando sentem fracassar “em oferecer possibilidades de concretização das aspirações que em relação a ele se desenham”.³² Para enfrentar tais situações, há um refúgio no mundo virtual, diante da possibilidade de serem protagonistas e concretizarem desejos que dificilmente conseguiriam na realidade. Além disso, há aqueles que negam os valores tradicionais das gerações mais velhas, cuja vida é organizada seguindo caminhos rotineiros e transmissores de sensações de segurança e prudência, e preferem se guiar pelas aventuras, riscos e excessos.

Independente a faixa etária estabelecida, cabe perceber que a desigualdade é um elemento que deve ser considerado quando o objeto de estudo for a juventude brasileira. Ao considerar o contexto socioeconômico brasileiro³³ Novaes (2006, p.108) observa que as expectativas de mobilidade social interferem diretamente nas

³¹ Id., *Ibid.*, p. 9.

³² Id., *Ibid.*, p. 10.

³³ De acordo com o Censo do IBGE 2010, dos jovens (15 a 29 anos), 63% possuem renda per capita familiar de até um salário mínimo; 16,2% chegaram ao ensino superior e 46,3% concluíram apenas o ensino médio; 46,5% estão desempregados; e 84,8% dos jovens estão nas cidades contra 15,2% que permanecem no campo.

possibilidades que a juventude tem para projetar o futuro. De acordo com a autora, o cenário desigual da juventude brasileira, em termos socioeconômicos e culturais tem gerado medos em relação ao futuro. Estes medos estão intimamente ligados às incertezas de inserção no mercado de trabalho e à morte prematura, em virtude da violência.³⁴

Falar em juventude – na literatura e na história – é sempre falar de riscos, transgressões, aventuras, necessidades de adrenalina, violência etc. Contudo, do ponto de vista histórico, os limites são testados justamente porque o jovem está, em termos biológicos, mais longe da morte. Esta geração teme a morte e convive com a morte prematura de seus pares. Nesse sentido, não deixa de ser também um paradoxo historicamente inédito: na geração em que se alarga, cronologicamente, o “tempo de ser jovem” em relação às gerações anteriores da mesma sociedade moderna, amplia-se a expectativa de vida da população em geral, e, ao mesmo tempo, também se generaliza um sentimento de vulnerabilidade dos jovens.³⁵

Em síntese, o conceito de juventude deve reconhecer a diversidade inerente do segmento social que retrata e a adoção do termo no plural é recomendada para captar a complexidade proposta pelo debate teórico.³⁶ É também um conceito construído historicamente, com marcações etárias flexíveis, que depende de critérios socioculturais para ser definido e que se refere a um sujeito que, por ainda não estar inserido totalmente no *status quo* da sociedade, pode ser entendido como marginal. Isto lhe garante a condição de potencialidade, tanto para a conservação da tradição, como revitalização progressista da sociedade.

Outro aspecto acerca da juventude, foi notar que no Brasil, a sua condição é marcada por situações de desigualdade, enfrenta desafios para construir sua identidade e projeta o futuro em meio a valores

³⁴ O Mapa da Violência (2013) aponta que a taxa de homicídios juvenis no Brasil foi de 53,4 por 100 mil jovens. “Apesar dos ganhos globais, a taxa de mortalidade juvenil manteve-se praticamente estagnada ao longo do período, ainda com um leve aumento, passando de 127 em 1980, para 136 por 100 mil jovens em 2011” (WAISELFISZ, 2013).

³⁵ NOVAES, 2006, p. 111.

³⁶ Embora estejamos de acordo com esta interpretação, por questões estilísticas, será adotado, ao longo do trabalho, o termo no singular.

relativistas e medos. Tal panorama, tem levado a juventude a encontrar, na religião, espaços de refúgio e de construção de valores e sentidos.

2.1.1 Juventude e religião

Para compreender de modo mais abrangente a dinâmica sociocultural da juventude contemporânea é preciso considerar o tempo livre como um dos seus aspectos reveladores e constituintes. O jovem brasileiro ocupa este tempo com lazer e entretenimento, mas também o reserva às atividades religiosas, esportivas, culturais, domésticas e à desocupação. Além disso, é um tempo fundamental na construção das relações e da identidade, conforme aponta Brenner (et al., 2005, p. 176),

É principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os diferenciam do denominado mundo adulto. No contexto de menor controle das gerações adultas, os jovens elaboram subjetividades coletivas em torno de culturas juvenis. Não é incomum que a sociedade enxergue nessas culturas traços de marginalidade quando estas fogem ao social e culturalmente esperado pela ‘adulterez’ dominante de determinada época histórica ou pelos valores de determinadas comunidades de referência.

A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira³⁷ indica que a existência da desigualdade socioeconômica no país incide nas possibilidades de acesso à cultura, ao lazer e demais atividades que poderiam ser realizadas durante o tempo livre, contribuindo para a diversidade de expressões culturais. De acordo com os dados levantados, 45% dos jovens ocupam este tempo com lazer e entretenimento; 22% ficam em casa; 18% praticam esportes; 6% visitam parentes e amigos; 5% escolhem ir à igreja ou rezar e 4% se envolvem com atividades culturais.

Mesmo sendo uma minoria que participe de algum grupo, 15% dos jovens responderam estar engajados em alguma atividade associativa. Dentre estes jovens: 4% estão inseridos em grupos

³⁷ Organizada pelo Instituto Cidadania da Fundação Perseu Abramo em 2003.

religiosos; 1% em grupos esportivos (futebol) e 7% em grupos que desenvolvem atividades culturais: música, teatro e dança. A vivência associativa, pelas relações de afinidade e confiança, exerce uma forma de aprendizado das relações sociais e pode auxiliar na construção de identidades individuais e coletivas.

A partir dos dados apresentados é possível perceber que, entre uma gama vasta de espaços de socialização que a juventude pode ocupar em seu tempo livre, a religião foi invocada como opção. Constatando isso, Novaes (2005, p. 275-276) verifica que em todo o país, 65% dos jovens se declararam católicos, 22% evangélicos e 11% não tinham religião, sendo que desses jovens que disseram não ter religião, apenas 1% era ateu ou agnóstico.

Embora seja ainda a tendência religiosa que agregue mais adeptos no Brasil, nota-se que a IC vem perdendo fiéis no meio juvenil. Tal modificação no cenário religioso brasileiro teria relação com os valores da secularização presentes na sociedade contemporânea? Segundo Novaes, o fato de a pesquisa ter demonstrado que 10% dos jovens afirmaram ‘acreditar em Deus, mas não ter religião’, aponta para outras direções interpretativas e não necessariamente ao desaparecimento da religião. Para ela há um reavivamento religioso e um ‘espírito da época’,³⁸ no qual se amplia o fenômeno da adesão simultânea a sistemas diversos de crenças, combinando-se orientais e ocidentais no nível religioso, mas também terapêutico e medicinal.

Cabe observar que secularização é um termo caro para a sociologia da religião, e em parte, é um conceito que pode contribuir na análise proposta neste trabalho. Pela diversidade de abordagens,³⁹ faz-se aqui a opção de compreendê-lo a partir da interpretação de Peter Berger (1985) que vê este fenômeno como uma característica do processo de racionalização ocorrido na modernidade, gerador de um ‘desencantamento do mundo’. A secularização não é entendida necessariamente como o desaparecimento da religião, mas perda de importância na esfera pública, tornando-se mais particular.

Berger reconheceu que a sua interpretação apresentava limites diante do ressurgimento do religioso. Conforme Dias (2012) sua tese da

³⁸ Id., *Ibid.*, p. 272.

³⁹ Questões como a secularização e mudanças no cenário religioso também são discutidas pelos sociólogos brasileiros. Para Prandi (1997) no cenário da modernidade globalizada há crescimento da religiosidade, adesão voluntária dos fiéis com efeitos identitários e pluralidade religiosa que carrega pluralidade de posicionamentos políticos. Em Ortiz (2001) a noção de local e global traz mudanças nas igrejas, se tornam mundiais e disseminam seus repertórios e solidariedades além-fronteiras; também observa a existência de um desenraizamento que permite a construção de novos territórios do sagrado.

secularização, nos primeiros escritos, foi amplamente criticada pela efervescência religiosa notada no final da década de 1980 com o carismatismo católico, ativismo evangélico pentecostal, crescimento de partidos islâmicos, por exemplo. Porém, o autor reconheceu as limitações da sua interpretação de modernidade/secularização, que seria mais adequada a países da Europa ocidental e que o reavivamento religioso poderia ser uma reação aos limites da própria secularização.

A religião para Berger é uma forma de o homem dar significado ao universo e sua função é legitimar e estabilizar a construção da realidade. Esta legitimação depende da plausibilidade de uma comunidade que mantenha sua cosmovisão, mas na modernidade as legitimações perderam plausibilidade para diversos setores da sociedade, quando o homem passa a buscar significação secularizada e não religiosa. Logo, há uma crise de plausibilidade devido ao pluralismo de tentativas para se definir a realidade.

Ademais, a religião acabou incorporando uma situação de mercado para sobreviver. Para cumprir sua missão, dentro da lógica de mercado, de acordo com Dias (2012), a religião precisou racionalizar suas ações e desenvolveu uma burocracia especializada, além de formular estratégias de competição e regras de regulação para evitar a autodestruição na concorrência.⁴⁰

É nessa situação de regulação do mercado competitivo que Berger entendeu o movimento de diálogo entre as igrejas (movimento ecumênico) e posteriormente entre as religiões (macroecumenismo). O foco passa a ser o cliente. Por isso o fortalecimento dos movimentos de leigos como forma de fidelização da clientela.⁴¹

Acerca do pluralismo encontrado na modernidade, quando grupos étnicos e religiosos, divididos em suas reservas de sentido não estão separados espacialmente, são inevitáveis os encontros e choques de diferentes valores e concepções de mundo. Preocupado em perceber as reações religiosas a esta situação, Berger (2012, p. 40-41) observa que a tolerância se torna uma virtude necessária para garantir a capacidade de convivência de indivíduos e sociedades diferentes, contudo também leva

⁴⁰ No Brasil o debate da religião em situação de mercado é atual, a religiosidade se apresenta como um produto e é vendido pelas diversas ferramentas de marketing para conquistar fiéis.

⁴¹ Id., Ibid., p.124.

a um enorme relativismo dos sistemas de valores e a dissonâncias que se expressam em fundamentalismos.⁴²

Talvez o fator mais importante no surgimento de crises de sentido na sociedade e na vida do indivíduo não seja o pretense secularismo moderno, mas o moderno pluralismo. Modernidade significa um aumento qualitativo da pluralização. São conhecidas as causas estruturais desse fato: crescimento populacional e migração e, com isso, um aumento de cidades – pluralização no sentido físico e demográfico; economia de mercado e industrialização que misturam pessoas dos mais diferentes tipos e que as forçam a chegar a um entendimento mais ou menos pacífico; estado de direito e democracia que garantem institucionalmente este entendimento; os meios de comunicação de massa que exibem constantemente e com insistência uma pluralidade de modos de pensar e viver: tanto por material impresso que, com base na alfabetização massificada, foi difundido entre a população inteira por meio da obrigatoriedade escolar, quanto pelos meios eletrônicos mais modernos. Se não for possível limitar a interação, causada pela pluralização, por “muros” de um outro tipo, o pluralismo se tornará plenamente atuante e, com isso, também uma de suas consequências: a crise “estrutural” de sentido.⁴³

Segundo Novaes (2005, p. 271) e conforme já visto, a secularização é apenas um dos aspectos que auxiliam para compreender a diminuição de jovens católicos. Para ela, a juventude vive tensões relacionadas a emprego, violência, ao avanço tecnológico e a intensa difusão de informações que oferecem novas possibilidades de vivência da espiritualidade, e é o segmento da sociedade que mais transitam entre

⁴² O relativismo pode explicar em parte o fascínio que os diversos fundamentalismos exercem sobre as pessoas atualmente, diante de um clima de incerteza e insegurança relacionados à dinâmica do pluralismo moderno. Conforme Berger (2001) o fundamentalismo é a expressão de uma ‘tradição sitiada’ e o clamor pela afirmação de um absoluto ameaçado. Há na base dos fundamentalismos paixão religiosa e uma reação de oposição às forças secularizantes, como pode se perceber no cenário internacional em que movimentos conservadores, ortodoxos ou tradicionalistas estão crescendo.

⁴³ Id., *Ibid.*, p. 51.

vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais. “Para essa geração nada pode ser visto como muito estável, pois o que mais caracteriza é a disponibilidade para a experimentação, o que ocorre também no campo religioso”.⁴⁴ Assim, a juventude vivencia um sincretismo, combinando elementos de diferentes espiritualidades, capaz de produzir uma síntese pessoal que pode gerar novas identidades institucionais e até mesmo novos fundamentalismos.

Ademais, justamente por ser a juventude uma fase de indagações importantes sobre o projeto de vida pessoal, a busca contínua por expressões de fé que deem sentido existencial se manifesta intensamente e a religião se apresenta como possibilidade de suprir essas necessidades, oferecendo sentidos.⁴⁵

Quanto a participação dos jovens na IC, que interessa particularmente a esta pesquisa, o teólogo Libanio (2004, p. 98-99) defende que a confusão afetiva vivida na fase da adolescência gera mudanças religiosas e abandono de muitos que não se sentem atraídos pelas práticas tradicionais ou não estão de acordo com os preceitos morais e exigências da doutrina. Porém, o autor observa que ainda existem jovens ‘tradicionais’,⁴⁶ seguidores das práticas religiosas aprendidas na infância, no interior da família e na catequese; e estes são mais abertos aos trabalhos pastorais, geralmente assumindo as atividades nas comunidades ou continuando as práticas herdadas pela tradição.⁴⁷

⁴⁴ Id., *Ibid.*, p. 27.

⁴⁵ De acordo com a CNBB (2007, p. 122-125 *apud* PEREIRA 2005) há também elementos culturais que podem ser levados em conta para se compreender as vivências religiosas juvenis: centralidade das emoções e relativização dos valores e das tradições; valorização do momentâneo com poucas perspectivas para o futuro; descrédito em compromissos definitivos; preferência por relações democráticas, horizontais e abertas; valorização dos grupos de amigos e a ‘boa relação familiar’; rebeldia diante de instituições ‘retrógradas’ e que se opõem ao novo, impaciência com autoridades opressoras; confusão quanto à imagem de si mesmo; crescente igualdade de condições entre homem e mulher; enfoque da subjetividade, em que a pessoa está centrada quase unicamente nos seus problemas e necessidades pessoais; desinteresse pela macropolítica e grandes estruturas, e inclinação pelas pequenas transformações do que pelas grandes obras ou revoluções; tendência ao sincretismo religioso e às formas religiosas ecumênicas; tendência ao hedonismo e à vulnerabilidade psicológica; dificuldade de elaboração de momentos de frustração, do tempo de espera, das angústias; e por fim, opção preferencial pelo prazer e pela felicidade, entretenimento e consumo imediato.

⁴⁶ Id., *Ibid.*, p. 42.

⁴⁷ Esta análise condiz com o resultado coletado no trabalho de campo desta pesquisa. Quando perguntados ‘como começou a participar/acompanhar esse modelo de evangelização?’ os entrevistados foram unânimes ao relatarem que o ingresso no grupo de jovens ou em funções de lideranças se deu num processo de continuidade da catequese ou por incentivo familiar.

No interior da IC a juventude está presente nas CEBs, congregações e institutos, nas pastorais, paróquias, novas comunidades, nos movimentos eclesiais,⁴⁸ grupos de liturgia e atualmente há um ativismo religioso no ciberespaço, por meio das redes sociais. No entanto, conforme aponta o documento 85 da CNBB (2007) há uma mudança etária, ou seja, nota-se aumento de adolescentes (12 a 18 anos) nos grupos que foram idealizados e eram constituídos essencialmente por jovens (18 a 24 anos).⁴⁹

2.2 Igreja Católica no Brasil

Até a Proclamação da República em 1889 o regime do Padroado⁵⁰ garantiu a hegemonia da IC no Brasil. No Estado laico, pouco a pouco o cenário religioso foi se modificando com a chegada de outras denominações religiosas, especialmente as protestantes, trazidas pelos imigrantes europeus e a partir do século XX, os grupos protestantes pentecostais vindos dos EUA. Apresentar algumas reações da IC para manter-se atualizada e atraente no país é o objetivo deste texto, observando que a instituição ainda é majoritária na quantidade de fiéis, embora haja sensível redução desde o primeiro censo demográfico, como pode ser observado na tabela.

Tabela 1. População católica no Brasil

Ano	Quantidade em %
1872	99,7%
1970	91,8%
2000	73,9%
2010	64,6%

Fonte: <http://censo2010.ibge.gov.br>

⁴⁸ Portella (2009) e Sofiati (2011) apresentam uma análise sociológica ao estudar estes grupos. O primeiro autor tem como objeto de pesquisa a participação juvenil na Comunidade Toca de Assis e Sofiati analisa a juventude do movimento da RCC no Brasil.

⁴⁹ Outro dado coletado na entrevista, que será explorada em profundidade no último capítulo, vem ao encontro da constatação feita pela CNBB sobre a redução da faixa etária. Ao serem questionados: “Qual é o perfil do jovem que participa dos grupos da PJ?” os entrevistados das dioceses de Joinville e Chapecó relataram que a média de idade dos participantes vem diminuindo e varia entre 13 e 16 anos.

⁵⁰ A concessão do Padroado, conforme Dillmann (2012), aos reis da Ibéria, pela Santa Sé, transmitia o direito e os encargos religiosos à alçada dos monarcas em seus países e em suas colônias. Logo, estariam os reis incumbidos de aprovar leis eclesiásticas, prover as igrejas, nomear bispos e sustentar demais eclesiásticos.

Desde a publicação da Encíclica *Rerum Novarum* (1891) do Papa Leão XIII (1878-1903), a qual reafirmou as doutrinas e deu diretrizes para a ação política cristã, a IC tem percebido que o mundo havia mudado e se faziam necessárias novas respostas na compreensão das relações entre igreja e sociedade. Assim, a IC passou a se enxergar como responsável pela transformação do mundo e não mais somente pelo conforto espiritual e à salvação da alma. Com o lançamento da Ação Católica (AC) pelo Papa Pio XI⁵¹ em 1929, inaugurou-se uma aproximação entre hierarquia e leigos, dando abertura à participação laical na missão apostólica da Igreja, por meio da metodologia *ver, julgar e agir*.⁵² Este método trouxe como contribuição, segundo Souza (2006, p. 53), a militância em diferentes ambientes da sociedade e da IC, com o intuito de transformá-los em espaços mais justos e democráticos.

Em 1945, com o fim da ditadura Vargas, a Ação Católica Brasileira tornou-se importante instrumento para a participação dos leigos na vida democrática e no exercício pleno da cidadania. A Ação Católica teve o mérito de levar a doutrina social da Igreja às escolas, às universidades, às fábricas, aos meios de comunicação, aos sindicatos e estimulando a criação de inúmeros outros movimentos sociais de inspiração cristã.⁵³

Inicialmente os leigos participantes deste movimento eclesial organizavam-se em grupos de homens, mulheres e jovens. No meio juvenil, a partir da década de 1950 as associações passaram a ser formadas de acordo com atividades específicas e nascia a Ação Católica Especializada (ACE) no Brasil, representada pelos seguintes grupos: Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC).

Convocado pelo papa João XXIII,⁵⁴ com duração de quatro anos (1961-1965) o Concílio Vaticano II foi o evento que pode ser entendido

⁵¹ Pontificado de 1922 até 1939.

⁵² De acordo com Souza (2006) este método criado pelo cardeal Joseph Cardijn se tornou referência metodológica para diversos grupos da IC e até hoje a CNBB adota este modelo nas Campanhas da Fraternidade e em suas orientações pastorais. De modo sintético, este método segue três passos: o primeiro é *ver* a realidade, fazer uma análise da situação em que o povo se encontra, para *julgar* tendo como referência os textos bíblicos e por fim *agir* de forma concreta para transformar esta situação, inspirando-se na interpretação evangélica.

⁵³ Id., *Ibid.*, p. 55-57.

⁵⁴ Pontificado de 1958 a 1963.

como a gênese do catolicismo contemporâneo, sendo definitivo para posicionar a ação da IC na modernidade.

Rejeitava-se, enfim, oficialmente a estrutura de uma Igreja aguerrida contra o mundo moderno, e convocavam-se as comunidades cristãs profundamente diversas, mas unidas numa só comunhão, a testemunhar o dom de Deus e a se tornar o fermento de um mundo novo.⁵⁵

O Concílio trouxe reformulações à instituição e sua ação evangelizadora, houve modificações na liturgia, deu-se maior abertura ao apostolado leigo, e começaram a ser acolhidos os discursos sobre liberdade religiosa e ecumenismo. Para Prandi & Souza (1996, p. 61), a partir deste evento, a IC no Brasil deu à luz dois irmãos antagônicos que não conviveriam facilmente no mesmo espaço: a Renovação Carismática Católica e a Teologia da Libertação.⁵⁶

Na década de 60, no seu processo de adaptar-se aos novos tempos, no *aggiornamento*, a Igreja se encontrou num caminho de mão dupla: de um lado fermentou as ações de esquerda e liderou uma importante mudança institucional que foi confirmada pelo Concílio Vaticano II e que significou importante passo na direção de uma elaboração teológica mais voltada para os problemas sociais, a teologia da libertação; de outro, foi tomando a trilha mais conservadora que veio dar na Renovação Carismática.⁵⁷

A IC do Brasil e da América Latina identificou a sua face nas tendências progressistas do Concílio Vaticano II e disseminou discursos de valorização a um modelo de igreja popular, que fazia opção pelo excluído e marginalizado. Foram criados os conselhos nacionais e continental do episcopado latino-americano,⁵⁸ descentralizando o poder de Roma, no sentido de dar liberdade para que a evangelização

⁵⁵ CATÃO, 1986, p. 38

⁵⁶ Indicam-se como referências complementares acerca da RCC e TL: *Renovação Carismática: entre a tradição e a modernidade* (CAMURÇA, 2001); *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências* (CARRANZA, 2000); *A Renovação Carismática Católica no Brasil: uma revisão da bibliografia* (MARIZ, 2004); *Marxismo e Teologia da Libertação* (LÖWY, 1991); *Teologia da Libertação: perspectivas* (GUTIÉRREZ, 2000).

⁵⁷ Id., *Ibid.*, p. 61.

⁵⁸ A CNBB teve início em 1952, já o CELAM foi fundado em 1955.

respondesse às demandas e aos contextos locais. Também se realizaram as Conferências de Medellín e Puebla,⁵⁹ eventos impulsionadores de ações pastorais engajadas em lutas por justiça social.

Durante o período do regime militar (1964-1985) a IC, no Brasil, presenciou a militância dos setores progressistas. Houve conflitos, repressões, prisões, torturas e assassinatos de estudantes, operários, padres, bem como perseguição a bispos engajados nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e pastorais sociais, influenciadas pela Teologia da Libertação (TL).⁶⁰

Na década de 70, a Igreja Católica brasileira mostrou-se como a mais progressista de toda a América Latina. Foi aqui que as CEBs se tornaram modelo para a Igreja dos países do terceiro mundo. Aqui se formou, sob a tutela da Igreja, toda uma militância política de esquerda.⁶¹

Contudo, a partir da década de 1980, sem o apoio de papa João Paulo II,⁶² a TL perde influência e novas formas de evangelização tomam corpo, principalmente a Renovação Carismática Católica (RCC). Este modelo se mostra menos preocupado com as questões de militância política e se concentra em renovar as práticas tradicionais do catolicismo com uma experiência mais pessoal com o divino. O fortalecimento da RCC pode ser entendido como reação da IC ao avanço de outras denominações religiosas e a consequente perda de fiéis.

Ao analisar as tendências contemporâneas do catolicismo, Benedetti (2009, p.19-29) entende que houve com João Paulo II e Bento XVI⁶³ uma tendência mais conservadora e preocupada em centralizar o poder e controlar o próprio discurso da IC com suas verdades eternas, imutáveis e sagradas. Este discurso, segundo o autor, é mobilizado pelos diversos grupos de acordo com seus interesses.⁶⁴ Benedetti observa também que os temas ligados à esfera moral e ética se chocam com os valores modernos e se mostram distantes e ineficazes, podendo cair no

⁵⁹ A segunda Conferência ocorreu em Medellín no ano de 1968 e a terceira, na cidade de Puebla de los Angeles em 1979.

⁶⁰ No livro *Brasil: Nunca Mais*, desenvolvido pelo cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e especialistas, podem-se encontrar registros de perseguição, tortura, desaparecimentos e assassinatos no período do regime militar. No texto é apresentada uma síntese de mais de 700 processos do Superior Tribunal Militar relatando como se dava a repressão política no país.

⁶¹ Id., *Ibid.*, p. 62.

⁶² Pontificado de 1978 a 2005.

⁶³ Tornou-se Papa em 2005 e renunciou em 2013.

⁶⁴ Id., *Ibid.*, p. 26.

vazio. Para ele, há desafios em relação ao crescente carismatismo, que pode denotar incapacidade institucional em responder a busca de sentido, levando muitos fiéis a abandonarem as práticas dominicais para participarem de reuniões carismáticas, devido a identificação grupal e laços emocionais.

Concorda-se com Benedetti quanto a tendência mais conservadora nos últimos pontificados, que pode ser notada pelas opções evangelizadoras latino-americanas nas Conferências de Santo Domingo (1992) e Aparecida em 2007. Nestas reuniões de bispos são apresentadas propostas para revigorar a vida cristã no continente, convocando os leigos a assumirem o compromisso com a IC e a sociedade, numa perspectiva de discípulos-missionários, assim como é possível notar no argumento que segue:

Todos os homens e mulheres batizados devem tomar consciência de que foram configurados com Cristo Sacerdote, Profeta e Pastor, através do sacerdócio comum do Povo de Deus. Devem sentir-se co-responsáveis na construção da sociedade segundo os critérios do Evangelho, com entusiasmo e audácia, em comunhão com os seus Pastores (CELAM, 2007, p. 282).

No entanto, com a interrupção do papado de Bento XVI em 2013 e eleição de um latino-americano como bispo de Roma, surgem expectativas quanto a novas tendências que podem se desenvolver e os setores ligados a esquerda católica já se mostraram confiantes com a possibilidade de retomada dos seus projetos,⁶⁵ devido a compatibilidade temática com o novo pontífice. Enquanto Joseph Ratzinger preocupava-se com questões filosóficas, criticando a ‘ditadura do relativismo’, o Papa Francisco apresentou uma agenda crítica ao sistema econômico e suas contradições geradoras de desigualdades.⁶⁶

Para além das tendências conservadoras ou progressistas e sua natural disputa pela hegemonia, constitui o cenário do catolicismo

⁶⁵ Notou-se nas entrevistas, da fase de campo, que as lideranças da PJ avaliam positivamente o Papa Francisco. A mesma aprovação pode ser percebida nas declarações de um dos teóricos brasileiros da TL, Leonardo Boff, na entrevista à Deutsche Welle (WS), quando afirma que o pontífice inaugura um processo de transformação na IC, mudando o clima, que ‘era severo e sombrio’. Para Boff, “Francisco não vestiu o figurino clássico do ‘papa monarca’ com o primado jurídico absoluto e com a supremacia doutrinal e pastoral”.

⁶⁶ Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que publicou em novembro de 2013, Francisco dá pistas dos temas que pretende tratar em seu pontificado, tecendo severas críticas ao capitalismo.

brasileiro contemporâneo um elemento de fundamental importância: a utilização dos meios de comunicação e ocupação dos espaços midiáticos para disseminar a mensagem religiosa. Para Carranza (2009, p. 43) a RCC é a responsável por inaugurar esta nova fase de evangelização no país e faz brotar um catolicismo que é, ao mesmo tempo, “um meio de sintonizar com a sensibilidade social de rejuvenescimento, como expressão de modernidade, e com o gosto pelo espetáculo e o entretenimento como formas de agregação e experiência religiosa”. Embora tenha levado mais tempo que as igrejas pentecostais para dominar os meios de comunicação como ferramenta evangelizadora, e tenha sofrido resistência interna de grupos que combatiam as inovações surgidas na sociedade de consumo, a IC se mostra estratégica com esta investida modernizante frente a redução de fiéis.

2.2.1 Diversidade de tendências no interior da IC

Para interpretar a trajetória da ação evangelizadora da IC no Brasil é fundamental compreender a história e os contextos nos quais ela foi elaborada e é executada. De acordo com Sofiati (2012), há um consenso entre os autores que estudam a IC no país e na América Latina, especialmente Michael Löwy e Scott Mainwaring, de que as mudanças internas e externas possibilitaram a tomada de posição a favor dos pobres⁶⁷. “O discurso da Igreja Católica passa a ser feito do ponto de vista das camadas populares, dialogando com toda a sociedade, mas necessariamente apresentando reflexões a partir da realidade sofrida do local em que vive o empobrecido.”⁶⁸

Esta IC de bases populares, influenciada pela TL, ganha força no Brasil entre os anos de 1970 e 1980 e apresenta afinidade com a proposta socialista de Gramsci, Goldman e Mariátegui. É uma igreja que ressalta a sabedoria do povo, respeita suas crenças, reconhece potencial de opressão nas estruturas sociais e entende que a instituição deva ser sinal instrumento de implementação do projeto cristão no mundo: o Reino de Deus.

⁶⁷ No artigo *O povo visto do altar: democracia ou demofilia?* Pierucci (1996) faz uma exegese da palavra povo, compreendendo que quando a igreja brasileira - setores progressistas - utiliza este termo, na verdade está falando de um recorte da população: pobres, fracos, trabalhadores, oprimidos, humildes, simples, etc.

⁶⁸ Id., Ibid., p. 33.

Gustavo Gutiérrez, em sua obra sobre a TL, a define como ‘expressão do direito dos pobres de pensar sua fé’. Afirma que essa teologia é a tentativa de leitura dos sinais dos tempos, segundo a exortação de João XXIII e do Concílio Vaticano II. Dessa forma, a TL, expressão da maturidade da sociedade e da Igreja latino-americana, faz uma análise estrutural da realidade. Segundo Gutiérrez, há uma conjunção entre oração e compromisso em que se propõe uma maneira de ser cristão, na qual não é possível separar a solidariedade com os pobres da oração.⁶⁹

Gerada em ambientes progressistas do Concílio Vaticano II, a TL entende que libertação tem significação teológica, política, social, econômica e cultural, não se limitando a concepções morais e religiosas. Encara a questão da pobreza de modo reflexivo, não assistencialista, buscando compreender as causas estruturais para desenvolver uma ação efetiva de transformação, denunciando situações de desigualdade, exploração e miséria. Na América Latina, esta linha teológica critica a concentração de riqueza e o poder nas mãos de poucos, bem como o individualismo e valores que remetam ao sistema capitalista. Conforme Sell (2004, p. 101) a Teologia da Libertação,

Pode ser entendida tanto como um movimento intelectual, quanto como um movimento sócio-eclesial. Como movimento intelectual, ela trouxe para a igreja católica uma nova proposta de metodologia teológica. Já como movimento eclesial, ela propõe uma nova forma de organização religiosa centrada na ideia de “comunidade”. E, como movimento político, a teologia da libertação propõe uma atuação explícita e direta da igreja em questões de ordem política e social, tendo como horizonte utópico o socialismo.

Embora alguns teólogos defendam que seja apenas uma ferramenta de análise da sociedade, há nítida influência do marxismo no discurso da TL. Este movimento teve seu ápice no Brasil com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), principalmente no período do

⁶⁹ Id., *Ibid.*, p. 59-60.

regime militar e enfraqueceu no final da década de 1980, quando a esquerda entra em crise e não consegue se impor ao discurso neoliberal, e ao surgimento de novas problemáticas que estariam relacionadas ao reconhecimento do outro (alteridade). Para Sell, após o período de crise há uma ‘virada mística’,⁷⁰ na qual os teólogos da libertação passam a se preocupar, especialmente, com o tema da espiritualidade, que deixa de ser uma questão a mais para acrescentar novo conteúdo ao método já desenvolvido na teologia.

O engajamento político-partidário de alguns cristãos provocou tensões internas nas comunidades e a unidade da IC passou a ser questionada por setores conservadores. Então a TL passou a ser combatida pelo próprio Vaticano, que por meio da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, organismo voltado ao doutrinamento das igrejas nacionais, tomou medidas disciplinadoras, principalmente direcionadas ao clero militante. A crítica à tendência libertadora se deu pela utilização de termos marxistas que poderiam colocar a evangelização em segundo plano ou se tornar excludente pela opção preferencial por um único segmento da sociedade.

A alguns parece até que a luta necessária para obter justiça e liberdade humanas, entendidas no sentido econômico e político, constitua o essencial e a totalidade da salvação. Para estes, o Evangelho se reduz a um evangelho puramente terrestre” (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1984, p. 12).

Também se inclui a acusação de que os teólogos da libertação assumem uma ideologia incompatível à visão cristã de homem e que sua *práxis* é partidarista, marcada pela luta de classes.

Para interpretar as modificações ocorridas na ação evangelizadora da IC, iniciadas no final da década de 1980, é possível inserir o contexto da globalização e considerar o cenário político nacional e internacional, que mudava. Com o fim do socialismo real o neoliberalismo apresenta-se como um modelo socioeconômico atraente e seus efeitos no campo religioso, segundo Sofiati (2012, p.101), subordinam o sentido de Deus e da própria pessoa humana “à ideia de um materialismo prático que prega o individualismo, o utilitarismo e o hedonismo”. Nas palavras de

⁷⁰ “Trata-se, a nosso ver, de uma temática que traz profundas implicações para a estrutura teórica da teologia da libertação e, especialmente, para o modo como ela se insere no contexto do campo religioso e do campo social” (2004, p.123).

Santos (2001), há uma tomada de consciência dos limites da modernidade, dado que a racionalidade técnico-científica não cumpriu suas promessas de construir uma sociedade igual, fraterna e libertadora. Assim, nasce uma cultura nova, cuja lógica é satisfazer os próprios desejos de modo imediatista e a possibilidade de um bem-estar coletivo que triunfe sobre a vida privada é refutado. “A constelação ideológico-cultural hegemônica do fim do século parece apontar para a reafirmação da subjetividade em detrimento da cidadania” (2001, p.235).⁷¹

Diante dos contextos apresentados, a partir da década de 1990, no interior da IC brasileira, novas tendências se fortalecem. “A ação dentro da Igreja Católica fica restrita aos critérios e possibilidades estabelecidos pela hierarquia que na atualidade têm se apresentado para a sociedade de forma cada vez mais conservadora”, observa Sofiati.⁷² Portanto, a ação intraeclesial dificulta a ação dos teólogos da libertação e dos grupos que seguem esta orientação, como a própria PJ, que modifica sua ação evangelizadora juvenil, diminuindo a preocupação com militância social e se concentrando nos trabalhos de evangelização nos grupos juvenis das paróquias.

Carregando características de uma igreja tradicional, mas de modo atualizado com a cultura, a RCC, ao receber apoio durante o pontificado de João Paulo II, ganha força no cenário religioso nacional. Este modelo evangelizador tem suas origens e influências no pentecostalismo norte-americano nascido nos grupos protestantes e chega ao Brasil em 1969.⁷³ Embora ocorram manifestações similares as do pentecostalismo protestante, devido à valorização da ação do Espírito Santo, por meio de curas, milagres, profecias e utilização de línguas como dom divino,⁷⁴ o movimento eclesial católico preserva as doutrinas da IC e as características do catolicismo popular, podendo ser entendido como uma reação ao avanço pentecostal protestante e ao militantismo social e político dos grupos influenciados pela TL.

⁷¹ O autor defende que esta mudança é, na verdade, “a revolta da subjetividade contra a cidadania, da subjetividade pessoal e solitária contra a cidadania atomizante e estatizante” (2001, p. 249).

⁷² SOFIATI, 2012, p.128.

⁷³ Consoante a CAMPOS Jr., (1995), embora o pentecostalismo protestante tenha sido importado dos EUA para o Brasil, a partir de 1910, a origem da RCC – pentecostalismo católico - tem como marco o ano de 1967, com um grupo de estudantes, professores e clérigos da Universidade de Duquesne, na Pensilvânia.

⁷⁴ “O falar em outras línguas é algo defendido ardentemente pelos pentecostais desde o surgimento. Tal prática provocou dissensões nos meios protestantes históricos tradicionais. Mas o significado básico da ocorrência é de que o crente ou fiel está sob a ação do Espírito Santo” (CAMPOS Jr., 1995, p. 69).

O discurso mágico-religioso é priorizado e posto em contraposição ao racionalismo, no modelo evangelizador pentecostal. Torna-se preocupação constante o desenvolvimento de uma liturgia menos racional, na qual a emoção e o sobrenatural ocupam maior destaque e os encontros são marcados por testemunhos de conversão e rejeição às vivências ‘pecaminosas’ anteriores. Para difundir a mensagem religiosa há investimento intenso nos meios de comunicação de massa,⁷⁵ especialmente TV e rádio, e a evangelização se dá nos grupos de oração e em encontros de massa que reúnem multidões.

De acordo com Campos Jr. (1995) as religiões pentecostais têm encontrado espaço propício para se desenvolver no Brasil, pela diversidade cultural e étnica, envolvendo tradições religiosas indígenas, católicas, africanas, etc., mas também pelos problemas e transformações econômicas e sociais, resultantes da urbanização. “No contexto de uma sociedade em que as pessoas vivem com medo e a qualidade de vida se deteriora, o apego ao discurso salvacionista e escatológico torna-se uma defesa”.⁷⁶ Esta linha argumentativa serviria, na visão do autor, para explicar a relação entre pentecostalismo e as camadas mais pobres da sociedade brasileira, que esperariam a vinda de um redentor para melhorar suas condições de vida. Ao oferecer garantias de segurança, proteção e prosperidade, este modelo pode exigir condições rigorosas, conservadoras, puritanas e até reacionárias das práticas religiosas.

A predominância da experiência sobre a doutrina é uma característica da RCC. Apresentando um catolicismo festivo, litúrgico, estético e espiritual, as reflexões tendem ao impacto emocional e afetivo. Múltiplas são ações de socialização religiosa que mesclam devoção e espetáculo, tendo ressonância principalmente no público mais jovem: cristotecas, barzinhos de Jesus, rebanhões, encontrões, carnafolia de Jesus, baladas santas, missa-show.⁷⁷

Neste modelo o engajamento interno na IC é incentivado e os problemas relacionados à pobreza da população se resolvem com assistencialismo ou pela pregação do amor e conversão de pessoas. Para Carranza (2009, p. 52), chama atenção o modo com que o movimento da RCC encara a modernidade, quando insiste “em estar no mundo, sem ser do mundo, estar na mídia sem ser da mídia, na universidade sem ser da universidade, na internet sem ser da internet”.

⁷⁵ Em 1980 a Canção Nova adquiriu uma emissora de rádio de frequência AM e em 1989 inaugurou sua transmissora de TV (CAMURÇA, 2009, p. 64). Nas palavras de CARRANZA (2009), a RCC é quem inaugura uma nova fase da IC: o catolicismo midiático.

⁷⁶ Id., *Ibid.*, p. 117.

⁷⁷ CARRANZA, 2009, p. 39.

Embora tenham sido debatidas até aqui somente duas tendências evangelizadoras no catolicismo brasileiro, a IC comporta uma diversidade de grupos e organizações. O teólogo Libanio (1999) identifica essa diversidade por meio de quatro cenários e as categorias propostas por ele são inspiradas em tipos ideais weberianos: carismático, tradicional e legal. Nas ciências sociais, Gramsci e Löwy preferem observar a diversidade interna da IC, batizando a categoria de ‘tendências’: tradicionalistas, modernizadores conservadores, reformistas e radicais. Em termos de análise, o objeto que importa para a teologia são as diferenças eclesiais, já para os cientistas sociais o interesse se concentra nas relações dos católicos com as diversas formas de poder na sociedade, conforme sintetiza a tabela que segue:

Tabela 2. Categorias de análise da diversidade interna na IC

	Sociologia	Teologia
Teórico	Gramsci e Löwy	Libanio
Categoria	Tendências	Cenários
Interesse	Relações dos católicos com as diversas formas de poder na sociedade.	Diferenças eclesiais.
Grupos	Modernizadores conservadores Tradicionalistas Radicais Reformistas	Carismático Tradicional Libertador Legal

Fonte: SOFIATI, 2012.

Essas tendências são definidas por Löwy da seguinte maneira: 1) Tradicionalistas – formado por “um grupo muito pequeno de fundamentalistas, que defendem ideias ultrareacionárias e às vezes até semifascistas”; 2) Modernizadores conservadores – formado por “uma poderosa corrente conservadora” extremamente “hostil à Teologia da Libertação e organicamente associada às classes dominantes”; 3) Reformistas – formado pelos moderados “pronta para defender os direitos humanos e apoiar certas demandas sociais dos pobres”; 4) Radicais – composta de uma “minoría pequena, mas influente”, simpatizantes da TL e solidária aos movimentos sociais (SOFIATI, 2012, p. 53).

Adotando o referencial de Löwy interessam para o debate, aqui suscitado, a tendência dos ‘modernizadores conservadores’, na qual se insere o Movimento da RCC, e dos ‘radicais’, formada pelos setores ligados à TL como a PJ. A escolha por comparar apenas os dois modelos se justifica pelos papéis políticos de ambos na IC e por serem diametralmente opostos em sua metodologia e visão teológica, ou seja, sua ação religiosa no mundo. Espera-se que a partir da compreensão das lógicas que estruturam RCC e TL seja possível analisar as possibilidades e limitações de trabalho conjunto na ação evangelizadora juvenil católica, conforme orienta a CNBB em seus documentos.

2.2.2 Evangelização da juventude

De modo sintético, pretende-se observar aqui a trajetória da IC brasileira com a juventude para perceber como se deram as construções e opções no modo de evangelizar e mobilizar este contingente de fiéis. Foi nas associações coordenadas por adultos e de cunho mais devocional: Congregações Marianas, Filhas de Maria, Cruzada Eucarística, Legião de Maria, Jovens Vicentinos, Apostolado da Oração e nas diversas atividades das congregações religiosas no campo da educação que a evangelização da juventude na IC brasileira teve sua gênese.⁷⁸ Por volta da década de 1930, com o surgimento da Ação Católica Geral (AC), movimento reativo às ideologias do materialismo e liberalismo, que acolhia uma atuação mais ativa do leigo nas atividades pastorais, a juventude tem destacada participação. Conforme pondera Sofiati (2012, p. 39), embora a IC tenha aberto espaço de participação das mulheres e juventude, diferente do que apontam os textos oficiais, os leigos jamais fizeram parte do corpo eclesiástico e a burocracia centralizadora da instituição jamais permitiu a extensão de seu poder ao laicato, principalmente à juventude.

O modelo da AC se especializou e nas décadas de 1950 e 1960 a IC conheceu os grupos juvenis JAC, JEC, JIC, JOC, JUC. Com um novo método de atuar com as juventudes inseridas em diversos meios sociais: escolar, agrário, operário, universitário e de classe média e alta, os grupos da ACE aprofundaram os conteúdos da fé e espiritualidade, e também refletiam na perspectiva da transformação social. Alguns destes grupos direcionavam seus projetos evangelizadores sob uma ótica dos empobrecidos e lutaram por transformações sociais, sendo, inclusive,

⁷⁸ CNBB, 2013, p. 26.

resistência ao regime militar instaurado no país. A JOC⁷⁹ foi o primeiro grupo a surgir, tornando-se alvo dos militares no final dos anos 1960, em virtude de sua liderança nos movimentos sociais e compromisso com o socialismo; também a JUC teve sua trajetória marcada pela militância política e este modelo foi extinto pela própria cúpula da igreja entre os anos de 1967 e 1968.

Um projeto evangelizador menos combativo se desenvolveu na década de 1970 com o enfraquecimento dos grupos da ACE. Inspirados no Cursilho da Cristandade, os Movimentos de Encontro⁸⁰ realizavam reuniões nos finais de semana com o objetivo de converter e catequizar, rendendo para os quadros internos da IC muitos grupos e vocações religiosas. Estes encontros tinham como característica o impacto emocional, valorizam testemunhos de fé e oração e eram coordenados por adultos.

Contudo, a IC vivia também a efervescência da TL e dos discursos progressistas das Conferências Episcopais Latino Americanas de Medellín e Puebla que destacavam a figura do jovem e do pobre como opções preferenciais.

A Igreja confia nos jovens. Eles são a sua esperança. A Igreja vê na juventude da América Latina um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização. Por ser verdadeira dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja faz uma opção preferencial pelos jovens com vistas à sua missão evangelizadora no Continente (CELAM, 1979).

Foi justamente nos espaços eclesiais em que estes discursos progressistas tinham acolhida, que a Pastoral da Juventude teve seu início. Esta organização católica, que tem como data fundadora o ano de 1973, entende o jovem como sujeito da ação evangelizadora, ou seja, como agente protagonista⁸¹ a serviço da animação pastoral e na luta para conquistar espaços de participação efetiva tanto na igreja quanto na sociedade civil. A partir da década de 1980, influenciada pelos grupos da ACE, a PJ se especializa com o surgimento de grupos juvenis em

⁷⁹ SOFIATI, 2012, p. 41-44.

⁸⁰ CNBB, 2007, p.136-138.

⁸¹ “Com base no projeto e na pessoa de Jesus Cristo ter o jovem como protagonista e agente libertador, tornando-o sujeito da história, de acordo com seu meio” (SILVA et al. (orgs.), 2012).

diferentes ambientes. Além da Pastoral da Juventude (PJ),⁸² cujo foco da ação se concentra nas paróquias, se organizam a Pastoral da Juventude Rural (PJR), a Pastoral do Meio Popular (PJMP) e a Pastoral da Juventude Estudantil (PJE).

Embora existissem outras iniciativas de evangelização juvenil, organizadas pelos movimentos eclesiais internacionais e congregações religiosas, por exemplo, o projeto da Pastoral da Juventude do Brasil (PJB),⁸³ inserido no Setor Juventude da CNBB,⁸⁴ tornou-se hegemônico e incorporou o modelo orgânico de pastoral, comum às demais pastorais da IC no Brasil. A expressão PJB só foi assumida oficialmente em julho de 1995, na ocasião da 11ª Assembleia Nacional,⁸⁵ antes disso PJE, PJR e PJMP tinham organizações próprias. A figura que segue ilustra como era a entendida esta organização.

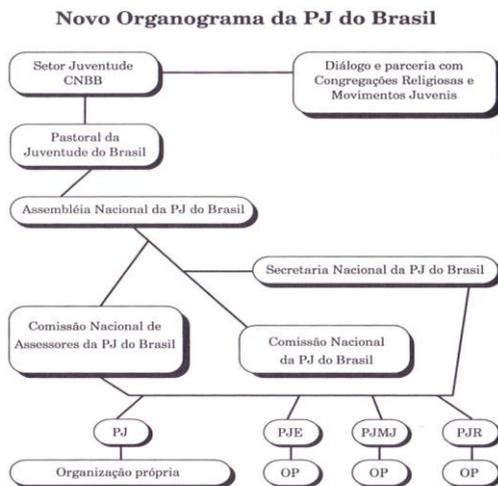


Figura 2: Novo organograma da PJB
Fonte: Estudo 76 da CNBB, 1998, p. 190.

⁸² O termo PJ se refere exclusivamente aos grupos que atuam nas paróquias.

⁸³ A PJB é o conjunto das quatro Pastorais da Juventude: PJ, PJR, PJMP e PJE.

⁸⁴ O termo Setor Juventude aqui pode gerar dúvida, mas não refere à estrutura proposta pelo Documento 85. Foi criado 1983, como uma sessão da CNBB para tratar dos assuntos juvenis. Era constituído pelo bispo responsável na Comissão Episcopal de Pastoral e o assessor nacional, tendo a função de animar a PJB e desenvolver o diálogo com os diversos grupos que atuavam com a juventude, por meio de encontros específicos (CNBB, 1998, p. 190 e 191).

⁸⁵ Id., Ibid., p. 165.

Qualificando seus agentes pastorais e formando grupos de base, a PJ tem sua história marcada pelo engajamento social e político, e devido a esta característica sua consciência de pertença à igreja se mostrou frágil em alguns momentos, conflitando com modelos autoritários ainda presentes nos quadros eclesiais. A partir da década de 1990, assim como os grupos influenciados pela TL perdem espaço, a PJ militante se mostra limitada pelo excesso de reflexão/ação e não avança no aprofundamento teológico e espiritual,⁸⁶ ao contrário da tendência pentecostal no que se fortalece no interior da IC, com os grupos de oração da RCC, por exemplo. Utilizando recursos midiáticos e uma linguagem mais atualizada com a cultura contemporânea juvenil os grupos da RCC, tornam-se mais atrativos ao apresentarem a mensagem cristã como resposta aos problemas da vida pessoal e oferecem experiências místicas, conversões e rejeição a vivências pecaminosas.

Frente aos novos cenários políticos, econômicos, sociais e culturais, o investimento na evangelização dos jovens ganha intensidade a partir da década de 1990. Em 1992 a Campanha da Fraternidade tem como tema a Juventude; em 1998 é publicado o Marco Referencial da PJB e poucos dias antes de se reunir com o papa Bento XVI na Conferência de Aparecida (2007), a CNBB lança o primeiro documento oficial voltado à evangelização dos jovens. Este documento é fruto de ampla discussão nos espaços eclesiais e leigos da igreja. De modo sucinto, a tabela que segue indica os pronunciamentos oficiais da CNBB sobre a evangelização juvenil.

Tabela 3. Pronunciamentos oficiais da CNBB

Título dos textos	Ano	Tipo
Pastoral da Juventude no Brasil	1986	Estudo – n. 44
Marco referencial da Pastoral da Juventude do Brasil	1998	Estudo - n. 76
Evangelização da Juventude. Desafios e perspectivas pastorais	2006	Estudo – n. 93
Evangelização da Juventude. Desafios e perspectivas pastorais	2007	Documento - n. 85
Pastoral Juvenil no Brasil – Identidade e horizontes	2013	Estudo - n. 103

Fonte: Estudos e documentos da CNBB.

⁸⁶ Nas palavras do teólogo Boran (2003) “A evolução da consciência e da militância política frequentemente não foi acompanhada por um aprofundamento espiritual e pela prática sacramenta [...] Perdia-se a centralidade de Jesus Cristo e a oração pessoal. As celebrações tornaram-se reflexões intelectuais sobre os problemas sociais. As ideologias políticas esvaziaram o conteúdo da fé” (p. 144-145).

Intitulado *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*, o Documento 85 da CNBB lança um olhar atualizado quanto à ação evangelizadora, dirigindo-se a todos que atuam com juventude e não mais somente à PJB, o que inaugura mudanças internas na IC. No texto é declarada, pelos bispos, opção afetiva e efetiva pelos jovens, valoriza-se o protagonismo juvenil, propõem-se um itinerário formativo que considera a integralidade da pessoa e o jovem é convidado a ser discípulo-missionário na evangelização de outros jovens. Ademais, intensifica-se um discurso de valorização da diversidade entre as organizações juvenis, visando garantir a unidade e a superação de competitividades e isolamentos. Para tanto, a CNBB propõe a criação do Setor Juventude (SJ) nas dioceses.

Queremos colaborar com a pluralidade de pastorais, grupos, movimentos e serviços que existem em nossas Igrejas particulares para que trabalhem em conjunto, visando ao bem da juventude, e para que os nossos jovens, reconhecidos como sujeitos e protagonistas, contribuam com a ação de toda a Igreja, especialmente na evangelização dos outros jovens. (CNBB, 2007, p. 11).

A fórmula de SJ é apresentada como sugestão organizativa para congregar, valorizar e favorecer o diálogo das diversas expressões que atuam com os jovens, em busca de unidade. O objetivo, portanto, é tornar a ação evangelizadora mais ampla e eficaz, porém, não há recomendações de se criar uma macroestrutura de organização que ultrapassasse as fronteiras diocesanas, visto que cada expressão juvenil já possui a sua própria estrutura. Sendo assim, para garantir a articulação dos diversos grupos, o SJ seria um espaço de encontro para o planejamento e execução de alguns projetos em comum como os eventos de massa.

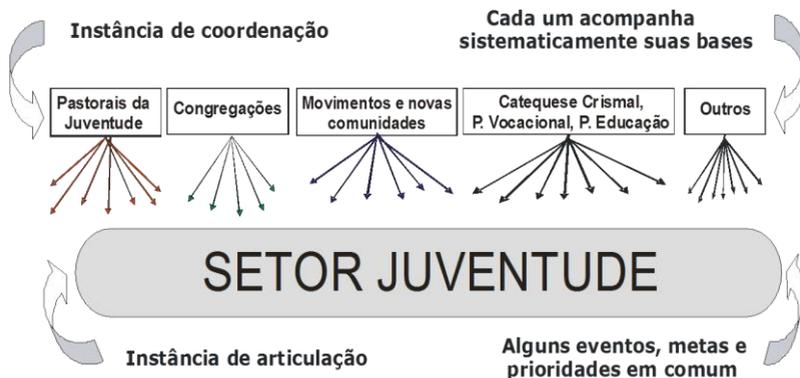


Figura 3: Organização da ação evangelizadora – Setor Juventude
Fonte: Documentos 85 da CNBB, 2007, p. 156.

Uma das consequências imediatas dos pronunciamentos do *Documento 85* foi a perda da hegemonia da PJ, entendida até então como a porta voz da CNBB para a evangelização juvenil. Embora cada diocese tivesse liberdade para interpretar as orientações do documento, visto que o SJ só seria implantado com o aval do bispo, em algumas o processo de modificações não se deu de modo sereno. Em Santa Catarina, por exemplo, bispos decretaram a criação da nova estrutura organizativa, transferiram a função remunerada do liberado da PJ para o SJ e recomendaram que os eventos de massa, como o DNJ, passassem a ser realizados conjuntamente.⁸⁷ Além disso, houve casos em paróquias onde a PJ foi proibida de realizar suas atividades e a juventude só teve autorização para continuar se reunindo como grupo com a condição de aceitar o SJ como proposta.

Após o lançamento do *Documento 85* os bispos continuaram desenvolvendo ações voltadas à evangelização dos jovens e criaram, em 2011, a Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude, a partir do SJ, anteriormente vinculado à Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato.⁸⁸ Esta comissão foi criada na 49ª Assembleia Geral da CNBB, sendo constituída por bispos e padres, é auxiliada por 17 bispos referenciais da juventude de cada regional da CNBB, pela Coordenação da Pastoral Juvenil Nacional, por diversas equipes dedicadas à evangelização juvenil e por assessores convidados.

⁸⁷ Informações obtidas na observação participante e nas entrevistas.

⁸⁸ CNBB, 2013, p. 21-24.

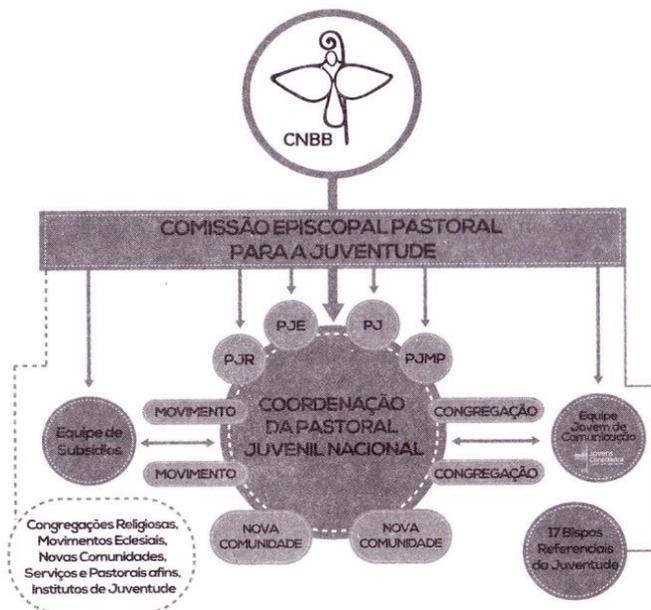


Figura 4: Organograma da Comissão Episcopal para a juventude

Fonte: Estudo 103 da CNBB, 2013, p. 101.

Dentre as novidades desta Comissão está a Coordenação da Pastoral Juvenil Nacional, formada por representantes das pastorais, movimentos, novas comunidades e congregações religiosas, consolidando uma nova estrutura organizativa. Sua função é integrar as diversas expressões que atuam na evangelização dos jovens.⁸⁹

Além das ações já mencionadas, uma série de eventos ocorreu em 2013: Bento XVI renunciou ao papado e foi eleito o primeiro pontífice de origem latino-americana, que adotou por Francisco seu nome, realizou-se a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) na cidade do Rio de Janeiro, reunindo cerca de 3,5 milhões de participantes. Em nível local, a CNBB lançou nova Campanha da Fraternidade⁹⁰ tendo o jovem como tema e publicou o *Estudo 103: Pastoral Juvenil no Brasil: identidade e horizontes*, texto que propõe continuidade às reflexões do documento 85 e apresenta um novo conceito: Pastoral Juvenil, reposicionando de vez a PJ na organização interna da IC.

⁸⁹ No Anexo A consta a lista a relação de todas as expressões juvenis que atuam com a evangelização de juventude na IC no Brasil.

⁹⁰ <http://www.cnbb.org.br/campanhas-1/fraternidade>

Pastoral juvenil: é a organização da ação da Igreja, presente em cada uma das expressões juvenis ou na articulação entre elas, que garante a Evangelização da Juventude. Anteriormente, toda a Pastoral Juvenil no Brasil era conhecida com o nome de Pastoral da Juventude (PJ). A partir do Documento 85, ao reconhecer a significativa presença eclesial das demais expressões a favor dos jovens, a Pastoral Juvenil se compreende, principalmente, como a ação organizada eclesial de cada uma delas e de todas elas em conjunto. [...] Como no passado toda a ação oficial da Igreja do Brasil, em vista da juventude, se chamava Pastoral da Juventude, as expressões em espanhol *Pastoral Juvenil* e *Pastoral de Juventud* nos documentos latino-americanos foram sempre traduzidas para o português como “Pastoral da Juventude”. Hoje, ao pretender envolver mais intensamente todas as expressões juvenis na caminhada latino-americana, a tradução daquelas expressões para a nossa língua passa a ser “Pastoral Juvenil” (CNBB, 2013, p. 102).

Atenta às modificações nos cenários externos e também às práticas religiosas juvenis, que resultam em diminuição de fiéis, nota-se que a IC no Brasil, representada pela CNBB, molda-se ao longo da história, buscando a cada época responder estrategicamente aos contextos que a desafiam em sua missão. Embora não abra mão da unidade, a IC não deve ser compreendida como um bloco monolítico, pois admite em seu interior uma diversidade de organizações e projetos evangelizadores que seguem múltiplas tendências teológicas e interpretam suas ações no mundo de modo diverso. Ao lançar a proposta de SJ em 2007 e quando cria o termo Pastoral Juvenil, a CNBB centraliza as diversas iniciativas e grupos sob a sua tutela e surge um ambiente de tensão entre os organismos, principalmente àqueles que eram entendidos como o modelo hegemônico e que a partir das novas orientações precisam redefinir sua posição dentro da própria IC para preservar sua identidade e legitimidade.

3. PASTORAL DA JUVENTUDE

Neste capítulo descreveremos o objeto da pesquisa, abordando os elementos que constituem a Pastoral da Juventude no Brasil e nas Dioceses de Chapecó e Joinville: trajetória, influências teológicas, método e estrutura organizativa. A fim de realizar uma descrição menos generalizante, a coleta de dados ocorreu distintamente. Foram consultados documentos e estudos da CNBB, sites institucionais das dioceses e PJ, bem como materiais produzidos por esta organização juvenil católica: planejamentos, cartilhas e livros. Em termos de referencial sociológico, os estudos de Sofiati⁹¹ serão cotejados. Durante a fase em que ocorreu o trabalho de campo notou-se precariedade de informações históricas sistematizadas nas duas dioceses, seja em materiais institucionais ou trabalhos acadêmicos que abordassem a temática. Diante da escassez de fontes documentais e bibliográficas, optou-se por recorrer também a registros orais, captados nas entrevistas.

As origens históricas da PJ podem ser encontradas na AC, projeto evangelizador reativo da IC frente aos valores da modernidade, principalmente quando este modelo se especializa com os grupos JAC, JEC, JIC, JOC e JUC, na década de 1950. Deu-se abertura à participação dos leigos no apostolado da IC, até então imersos em uma fé tradicional e devocional; especializaram-se os grupos e agentes pastorais para dar eficiência aos desafios da nova realidade, por meio do método ver-julgar-agir; acolheu-se a juventude e as mulheres; e a evangelização foi promovida de acordo com o meio social específico em que o povo se encontrava.

Também contribuíram para a criação da PJ o ambiente progressista suscitado a partir do Concílio Vaticano II, espaço onde se forjou uma nova consciência de igreja-povo, valorizando a corresponsabilidade dos leigos e religiosos na missão evangelizadora da IC, as conferências do episcopado latino-americano de Medellín e Puebla, assumindo um discurso de opção preferencial pelos pobres, o fortalecimento das pastorais sociais ligadas à TL: CEBs, Pastoral da Terra (CPT), Pastoral do Índio (CIMI), Pastoral Operária, bem como as mobilizações da sociedade civil pela volta da democracia. Tais influências desenvolveram uma lógica de pastoral orgânica e pedagogia

⁹¹ No texto *Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação*, de 2012, o autor faz uma análise do processo de formação – métodos e opções políticas - utilizado pelas Pastorais da Juventude do Brasil (PJB), identifica as mudanças ocorridas entre as décadas de 1970-2000.

de estímulo às práticas transformadoras na IC e sociedade por meio do protagonismo juvenil.

As primeiras articulações da PJ se dão entre os anos de 1973 e 1983,⁹² período em que as dioceses organizam grupos - entre 12 e 25 jovens - e são promovidas, pela própria CNBB, iniciativas para reunir as diversas experiências de grupos juvenis dispersos pelo Brasil. São realizados encontros nacionais que resultam na definição dos princípios e organização de um projeto em nível nacional e surgem grupos que ficaram conhecidos como as PJs específicas: no nordeste do país, em 1978, nasce a PJMP; em 1982, na cidade de Goiânia a PJE inicia seus trabalhos; e no Rio Grande do Sul organizam-se os grupos da PJR, a partir de 1983. Ao longo da década de 1980 a PJ se dedica a elaboração teórica, realizaram-se encontros, seminários e assembleias nacionais para refletir e acompanhar as experiências locais dos grupos juvenis. É definida a metodologia, a estrutura organizativa, o processo de formação e a espiritualidade, e são formados grupos e lideranças para atuar na IC e nos movimentos sociais e outros setores da sociedade civil.

Redefinições no projeto marcam os anos de 1990, exigindo da PJ reflexões devido a modificações no cenário político e religioso brasileiro⁹³ e disputas internas entre as PJs específicas. Com a ascensão dos movimentos eclesiais, como a RCC, na IC são realizados encontros nacionais para rever a metodologia e a formação integral da PJ, principalmente no que tange ao processo de educação na fé, levando a complementações no projeto, para torná-lo mais dinâmico, atualizado e atrativo. Diante de uma fase de retração e crise interna na PJ, chega-se a um novo entendimento organizativo e na 11ª Assembleia Nacional, realizada em 1995, é instituída a Pastoral da Juventude do Brasil (PJB),⁹⁴ organização conjunta das quatro PJs específicas. Esta nova forma de se organizar torna a PJ responsável apenas pelos grupos

⁹² SILVA et al. (orgs.), 2012, p. 28.

⁹³ O teólogo Jorge Boran entende que a euforia e o entusiasmo após o Concílio Vaticano II começam a retroceder diante das dificuldades para implantar as novas reformas na IC e que a juventude se torna mais conservadora, levando a um cansaço generalizado entre os agentes de pastoral (2003, p.144).

⁹⁴ De 1983 a 1995 a PJ teve sua organização junto com as outras PJs, sendo entendida como PJ geral, mas a partir do surgimento da PJB ela passa a ser também uma específica. Até a construção do modelo PJB houve disputas entre os grupos, porque a participação de representantes da PJ era superior às demais PJs. Para a organização da PJ houve perda de espaço no sentido de participação, pois ao tornar paritária a quantidade de vagas, os participantes passaram a ser por pastoral e não pelos regionais da CNBB como era de costume. Além disso, a PJ não contava mais com o espaço para deliberar sua articulação nacional (SILVA et al. (orgs.), 2012, p. 28-31).

juvenis das paróquias e CEBs,⁹⁵ assim, começa a reestruturar sua missão, organização e identidade, passando a produzir conteúdo específico e a realizar encontros nacionais sem a participação das PJs.⁹⁶

Em Santa Catarina, a primeira assembleia estadual realizada em 1982 é tida como o marco histórico da PJ.⁹⁷ Cinco anos mais tarde conquista-se a liberação de uma pessoa para articular os trabalhos pastorais no estado e a partir da década de 1990 há integração com as PJ's específicas. Dentre as atividades evangelizadoras são destaques na trajetória pastoral catarinense: as Celebrações da Caminhada, comemorando 10 anos de atividades, em 1992, evento que reuniu aproximadamente 10 mil jovens na cidade de Timbó; os 20 anos das PJ's concentrando cerca de 25 mil jovens em Curitiba; as Assembleias nas quais as lideranças definem os projetos e elegem o jovem liberado; e mais recentemente os projetos de formação e a Missão Jovem.

Considerando o período entre 2007 e 2013, que esta pesquisa se concentra, são realizadas nas dioceses de Santa Catarina: duas edições do projeto Missão Jovem - em 2008 na cidade de Joinville, tendo a participação de aproximadamente 500 jovens e em 2011 na diocese de Blumenau, reunindo 300 participantes; é priorizado o acompanhamento das assessorias; são realizadas campanhas contra a violência juvenil; a participação nas conferências municipais e estadual de Juventude é amplamente incentivada; a PJ estabelece parceria com a Faculdade Católica de Santa Catarina, contribuindo para a criação do curso de pós-graduação *lato sensu* em Juventude, Religião e Cidadania; e a partir de 2010 a organização estadual deixa de ser entendida como PJ's, quando PJMP e PJR deixam de participar das instâncias de decisão regionais. Há também que se considerar na trajetória histórica um contraste numérico expressivo no maior evento de massa organizado pela PJ de Santa Catarina e que pode ser entendido como sintoma das mudanças nas dioceses, a partir do *Documento 85* da CNBB: na Celebração dos 30 anos da PJ (2013) participaram cerca de 2 mil jovens,⁹⁸ enquanto a Celebração realizada em Ituporanga em 2008, contou com mais de 18 mil participantes.

⁹⁵ Estimava-se que em 1995 só a PJ tivesse cerca de 30 mil grupos de jovens (CNBB, 1998, p. 170).

⁹⁶ Até o período contemplado nesta pesquisa (2013) haviam sido realizados dez Encontros Nacionais da PJ, tendo o último ocorrido em Maringá-PR, em janeiro de 2012, reunindo cerca de 700 participantes.

⁹⁷ CASAGRANDE & SILVA, 2009, p. 11-13.

⁹⁸ www.jovensconectados.org.br/pastoral-da-juventude-de-santa-catarina-celebra-30-anos.html

Em sua essência a PJ assume a opção evangélica pelos pobres e pelos jovens, propõe-se denunciar situações contrárias aos valores cristãos, relativos aos ideais de justiça social, solidariedade e dignidade humana, e incorpora ao seu discurso elementos marxistas, indicando influências da TL.

A Teologia da Libertação é a nossa referência na fundamentação da fé e no compromisso de luta e pé no chão. Nossa opção é por uma espiritualidade da libertação e da opção da Igreja pelos pobres. Podemos dizer, por isso, que a espiritualidade da Pastoral da Juventude é uma espiritualidade da alegria e anúncio de Jesus da vida, com a cara e o jeito da juventude. Por isso, necessitamos investir na nossa formação espiritual, participando e realizando momentos de estudo da palavra, escolas bíblicas e litúrgicas e conhecimento do Ofício Divino das Comunidades e da Leitura Orante, para cultivar uma espiritualidade inculturada e ecumênica (SILVA, 2009, p. 18).

Na proposta pedagógica da PJ o jovem é entendido como protagonista, sua função é evangelizar os seus pares, atuando na igreja, a serviço da animação das comunidades e CEBs, e na sociedade civil com propósitos transformadores. Os pilares da PJ são: formação, ação, espiritualidade e articulação. Acerca da identidade, esta organização católica juvenil se define da seguinte maneira:⁹⁹

1 – Somos Pastoral da Juventude organizada dentro da Igreja Católica, no Brasil, com linha e metodologia própria, aberta ao novo e com acolhimento dos anseios da juventude, garantindo o seu protagonismo, evangelizando de forma inculturada na realidade em que vivemos.

2 – Somos jovens felizes, apaixonados, ternos e motivados pela fé. Encaramos a vida com potencial criativo muito grande, valorizando a arte (dança, poesia, música...), o lazer, o corpo, o símbolo, a cultura, com ardor, sonhos e amor pela causa do Reino de Deus.

⁹⁹ SILVA et al. (orgs), 2012, p. 18-19.

3 – Somos jovens das diversas realidades regionais do país, na maioria empobrecida e, a exemplo de Jesus Cristo e da Igreja da América Latina, fazemos opção pelos pobres e jovens. Encontramo-nos em grupos para partilhar e celebrar a vida, as lutas, os sofrimentos e cultivar a amizade baseada em uma formação integral e mística próprias.

4 – Somos grupos de jovens motivados pela fé, atuando dentro das comunidades eclesiais, a serviço da sua organização e animação.

5 – Atuamos, também, na sociedade, inseridos nos movimentos sociais, com destaques para a participação política partidária, movimentos populares e outras organizações que lutam em defesa da vida e da dignidade humana.

6 – Organizamo-nos de acordo com as coordenações dos grupos, paróquias, setores ou regiões pastorais, dioceses e regionais, inseridos na Igreja Católica do Brasil e da América Latina. Assim construímos e registramos nossa história, criando unidade na diversidade.

7 – Diante de uma política desumana de manipulação dos meios de comunicação social e de uma realidade tão diversa, ousamos assumir e propor os projetos da Pastoral da Juventude do Brasil, como alternativa na construção da Civilização do Amor, sendo presença gratuita e qualificada no meio da juventude, atuando também em parceria com outras pastorais e organizações da sociedade.

Para a PJ, o grupo de jovens ou grupo de base é um espaço privilegiado a partir do qual a ação evangelizadora acontece. Seguindo a metodologia ver-julgar-agir os jovens se reúnem nos grupos, com frequência determinada, para rezar e refletir temas acerca da vida da juventude e da comunidade na qual estão inseridos. Entendido como opção política-pedagógica da PJ, os grupos além de serem espaços de socialização juvenil, devem oferecer um itinerário de educação à fé e uma proposta de formação integral.

Toda a estrutura organizativa da PJ é entendida numa lógica de horizontalidade e valorização dos princípios democráticos que favoreçam a participação. Por ser uma pastoral orgânica, existem diversos níveis de articulação que se estendem do grupo de base até

encaminhar as decisões nacionais, elaborar projetos financeiros e ações conjuntas à PJB e Pastoral Juvenil, além de ser responsável por preparar os Encontros Nacionais, Assembleias e reuniões Ampliadas.

Embora não exerçam papéis deliberativos na organização da PJ, existe uma instância de assessoria constituída por adultos, leigos e/ou religiosos cuja função é acompanhar os grupos de base e lideranças, dando-lhes suporte por meio de capacitações e produção de subsídios. Em nível nacional há uma Comissão de Assessores, formada por cinco representantes, eleitos pelos jovens e sua responsabilidade é manter a formação e a articulação entre os assessores dos regionais.

Comungando com a CNBB, a PJ tem como proposta pedagógica a formação integral dos jovens, entendendo que ela se dá por meio de cinco dimensões:¹⁰² personalização, refletindo a identidade pessoal; integração, em que se investe na aprendizagem relativa à convivência; evangelização, preocupando-se com as questões existenciais, relações transcendentais e as experiências místicas, ao realizar aprofundamento catequético; conscientização, focando em despertar o senso crítico e o desejo pelo compromisso dos jovens com a sociedade; e capacitação, dimensão ligada ao ‘aprender a fazer’, seja nos espaços dos grupos ou profissionalmente. Esta formação que considera o jovem na sua integralidade se dá por meio de um processo de educação na fé, que prevê etapas desde a convocação do jovem para participar do grupo de base, até chegar à militância na sociedade civil ou nos espaços eclesiais, conforme pode ser observado na imagem a seguir.

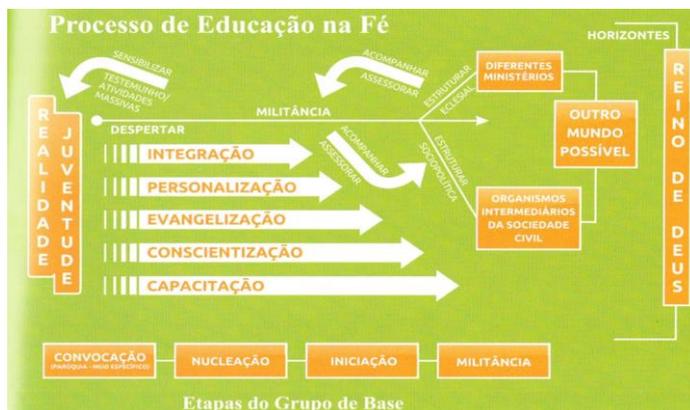


Figura 6: Itinerário de Educação a fé proposto pela PJ
Fonte: SILVA et al. (orgs.), 2012, p. 55.

¹⁰² SILVA et al. (orgs.), 2012, p. 54 – 59.

Dentre as ações evangelizadoras dinamizadas pela PJ, algumas iniciativas ganharam destaque ao longo dos anos e passaram a integrar seu calendário anual. Elaboradas a partir da lógica de formação integral: a Semana da Cidadania, a Semana do Estudante e o Dia Nacional da Juventude¹⁰³ são atividades permanentes da PJ, cujo objetivo é propor a reflexão sobre temas ligados a vida da juventude, em consonância com a Campanha da Fraternidade. Estas ações permanentes garantem a integração entre as PJs e as expressões juvenis da IC no Brasil e são entendidas como espaços de mobilização, capacitação e conscientização dos jovens.

Analisando sociologicamente os métodos pedagógicos e opções políticas assumidas pela PJB em seu processo de formação, Sofiati (2012) concentra sua investigação em identificar as mudanças ocorridas nesta organização juvenil da IC desde a gestação na década de 1970 até meados de 2000. Ao observar os anos de 1980, período histórico em que surgiram as PJs específicas, constituiu-se uma metodologia nacional, formaram-se lideranças e houve intensa militância nos ambientes extraeclesiais. Para Sofiati, há desencaixe entre o discurso sobre a PJB e a realidade sociológica da organização, devido a maioria dos jovens militantes serem provenientes da classe média e assumirem um ponto de vista em defesa das classes populares.

Grande parte, senão a maioria, dos jovens das pastorais da juventude era proveniente da classe média, sendo que a principal característica da Pastoral foi fazer com que jovens de classe média assumissem o ponto de vista da tendência da IC, que defende as classes populares, pois o processo mostra que a proposta de organização por classes sociais não foi adiante, prevalecendo a proposta de organização segundo o meio social – escola, bairro, zona rural, comunidade eclesial.¹⁰⁴

A identidade e as opções pedagógicas definidas pela PJ preveem contribuir na construção de um projeto utópico, que é compartilhado entre grupos seguidores do modelo progressista de IC e setores de esquerda da sociedade civil organizada. Este sonho é apresentado na proposta da construção da Civilização do Amor, termo cunhado pelo Papa Paulo VI¹⁰⁵ e entendido como o “conjunto das condições morais,

¹⁰³ Id., *Ibid.*, p. 154-156

¹⁰⁴ Id., *Ibid.*, p. 86.

¹⁰⁵ Pontificado de 1963 a 1978.

civis e econômicas que permitem à vida humana uma condição melhor de existência.”¹⁰⁶ O desejo de construção da Civilização do Amor se materializa como crítica ao capitalismo e ao socialismo, e ao mesmo tempo se mostra abstrato, por não ser uma plataforma política, nem um sistema social, mas um ideal a se realizar, inspirando a ação evangelizadora da PJB, que na década de 1980 vivencia intenso engajamento social e político, participando dos processos de redemocratização do Brasil.

No entanto, no período seguinte começa a viver uma crise de perspectivas em decorrência do fortalecimento da presença do movimento pentecostal/carismático no interior da IC e também em virtude das profundas mudanças que o cenário nacional e internacional passava naquele momento: queda do Muro de Berlim, fim da União Soviética, vitória da direita nas eleições de 1989, crise da modernidade e desenvolvimento do neoliberalismo no Brasil.¹⁰⁷

Na avaliação de Sofiati (p. 144) a nova conjuntura trouxe mudanças no interior da PJB, principalmente relativas ao método de formação. Se na década de 1980 a organização juvenil católica teve sua trajetória marcada pela militância política, nos anos de 1990 há uma guinada para o interior da IC, afastando-se das questões políticas e assumindo uma perspectiva mais subjetiva da vida e de privatização dos interesses do indivíduo. Essa mudança de perspectiva da PJB coincide com a discussão fomentada por Sell (2004), quando compreende que a TL sofre modificações em seu discurso, distanciando-se da interpretação exclusivamente marxista para incorporar e ampliar seu repertório com questões ecológicas, éticas e principalmente místicas.

Se nas décadas anteriores a prioridade era o social e o político, com forte participação na sociedade civil, a década de 1990 inverte esse processo e propõe uma ação voltada para o cotidiano e para o pessoal. A preocupação com a afetividade e a sexualidade ganha espaço na formação pastoral, que passa a desenvolver seu método pedagógico nessa perspectiva. As opções políticas continuam

¹⁰⁶ Id., *Ibid.*, p. 143.

¹⁰⁷ Id., *Ibid.*, p. 97.

as mesmas, isto é, a PJB continua defendendo a construção de uma nova sociedade, chamada pelo Cristianismo da Libertação de *Civilização do Amor*. Todavia, a ação é diferenciada: busca-se o equilíbrio entre política e espiritualidade, entre o coletivo e pessoal. No entanto, a tentativa de equilíbrio desencadeou uma prática mais eclesial, mais pessoal, comprometida com a resolução de problemas individuais.¹⁰⁸

Compreende-se pela análise elaborada por Sofiati que a PJB redefine seu método para uma ação intraeclesial, mudança de perspectiva que acompanha a TL, com uma visão mais distante das questões políticas, centrada em aspectos de espiritualidade e mais preocupada com questões individuais. Para ele, a PJB, influenciada por questões externas, deixa de representar uma resistência ao *status quo*, já que ‘nada conforme a maré’.¹⁰⁹ Contudo, não descarta que há readequações na sua organização, cujo objetivo é manter elementos importantes para a identidade, como a formação crítica e a proposta de transformação da sociedade.

Concordando com esta linha de interpretação, nota-se que frente às novidades apresentadas a partir do *Documento 85* da CNBB, com a criação do SJ nas dioceses e mais recentemente a adoção do termo Pastoral Juvenil, reconfigurando as relações entre os diversos grupos que evangelizam jovens ao centralizar o poder na hierarquia da IC, a PJ tem demonstrado reações. Além de priorizar as atividades permanentes e ações locais, são firmados projetos em âmbito nacional como resposta às necessidades e demandas atuais da juventude. Em 2011 na Ampliada de Imperatriz (MA) são assumidos seis projetos para a ação pastoral até 2017:¹¹⁰ 1) Formação de Lideranças e Assessores – Caminhos de Esperança; 2) Mística e Construção; 3) A Juventude quer viver; 4) Teias da Comunicação; 5) Ajuri – Conhecendo a Realidade Indígena, Quilombola, Ribeirinha e Rural; 6) Tecendo Relações.

O projeto *Formação de Lideranças e Assessores – Caminhos de Esperança*¹¹¹ prevê qualificar seus agentes, jovens ou adultos que prestem trabalhos de assessoria, ao entender o acompanhamento dos jovens, dos grupos e das instâncias de organização como uma opção pedagógica fundamental. Também visa a potencialização de iniciativas

¹⁰⁸ SOFIATI, 2012, p. 162-163.

¹⁰⁹ Id., *Ibid.*, p. 164.

¹¹⁰ SILVA et al. (orgs.), 2012, p. 74.

¹¹¹ Id., *Ibid.*, p. 78-83.

participação dos conselhos municipais e estaduais de juventude, a realização de debates sobre políticas públicas e mobilizações pela *Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens*.¹¹⁵ Esta última ação tem ganhado espaço, nos últimos anos, em diversos eventos da PJ e é entendida como uma bandeira de luta. Já foram organizados fóruns, seminários e marchas, inclusive durante a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) no Rio de Janeiro.

“Favorecer a articulação e o fortalecimento da rede de comunicação interna e externa da Pastoral da Juventude de forma criativa, inovadora e democrática, potencializando sinergicamente a ação pastoral de evangelização dos jovens”¹¹⁶ é o objetivo do projeto o *Teias da Comunicação*, preocupando-se com as questões relacionadas à comunicação da PJ, buscando fortalecer sua identidade e divulgar os projetos e ações. O *Ajuri – Conhecendo a Realidade Indígena, Quilombola, Ribeirinha e Rural* é o projeto da PJ voltado ao conhecimento e defesa das realidades sociais e culturais dos povos tradicionais.¹¹⁷ E o *Tecendo Relações*¹¹⁸ foi elaborado com o propósito de contribuir na formação da identidade dos jovens que desejam aprofundar temáticas relacionadas à sexualidade, afetividade, diversidade e corporeidade.

3.1 Diocese de Joinville: PJ e diversidade

A Diocese de Joinville, criada em 1927, é constituída por 56 paróquias e 431 comunidades e conta com mais de 100 padres e 30 pastorais e movimentos que desenvolvem as ações evangelizadoras.¹¹⁹ A mitra possui profissionais leigos e religiosos de diversas áreas que atuam no atendimento pastoral e administrativo e todas as paróquias estão integradas por uma ferramenta de gerenciamento das rotinas pastorais e financeiras. Existe também a Associação Diocesana de Promoção Social (ADIPROS) que organiza e articula as diversas entidades católicas prestadoras de serviços assistenciais.

¹¹⁵ Esta Campanha entrou na agenda da PJ em maio de 2008 com o propósito de debater as diversas formas de violência contra a juventude e pressionar o poder público na garantia de direitos.

¹¹⁶ Id., Ibid., p. 103.

¹¹⁷ Id., Ibid., p. 110-113.

¹¹⁸ Id., Ibid., p. 116-120.

¹¹⁹ www.diocesjoinville.com.br

Abrangendo 18 municípios da região norte e nordeste de Santa Catarina, o território diocesano atinge uma população estimada de 800 mil católicos e tem um cenário cultural marcado por influências dos povos imigrantes: italianos, alemães e suíços. As principais atividades econômicas dos municípios da diocese são à base da indústria (metalmecânica, plástico, automotiva e de eletrodomésticos), mas também a agricultura, o comércio e os setores têxtil, mobiliário, cerâmico e pesqueiro.

Dividida em cinco comarcas, a diocese realiza seu trabalho evangelizador priorizando os Grupos Bíblicos de Reflexão (GBR), a pastoral do dízimo, os movimentos eclesiais e a formação de lideranças leigas por meio de escolas de teologia, liturgia e comunicação, por exemplo. Além disso, há projetos específicos em prol da promoção vocacional religiosa, são incentivados projetos missionários e as paróquias e comunidades são organizadas por conselhos deliberativos, nos quais atuam leigos e religiosos.



Figura 8: Território Diocese de Joinville - Comarcas

Fonte: www.diocesejoinville.com.br

Referente à evangelização da juventude a Diocese de Joinville tem como característica a diversidade de grupos e expressões, mas desde a década de 1980 até o lançamento do *Documento 85* a PJ é quem tem sido compreendida como a organização da IC responsável pela atuação com os jovens. Visando a integrar esta diversidade, em 2008 foi lançado

o ano temático da Juventude e o clero diocesano iniciou o processo de criação do SJ, sob o consentimento do bispo. O processo de mudança organizacional foi entendido como necessário para evitar conflitos entre as lideranças e pelo reconhecimento de que a maioria dos grupos juvenis já não pertencia a PJ.

Assim, em 2011 a diocese organiza oficialmente suas ações evangelizadoras juvenis por meio do SJ e passa a contar com um profissional liberado, dentro do quadro de funcionários da mitra, para executar as funções burocráticas e de animação dos projetos, tendo acompanhamento de um padre referencial. A missão do SJ é promover diálogo e comunhão entre as diversas expressões para “que a juventude, alimentada pela palavra de Deus, pela Eucaristia e, na força do Espírito Santo, busque constantemente os valores cristãos no serviço evangelizador, pastoral, social, missionário e profético”.¹²⁰ Como projetos evangelizadores o SJ é responsável pela Jornada Diocesana, Missa da Juventude e seminários, mas também foram assumidos como projetos comuns a participação nos eventos de massa já dinamizados pelas pastorais e movimentos: o DNJ, conduzido pela PJ e o Festival de Dança Sacra e o Hosana Jovem da RCC, por exemplo.

A PJ está organizada na diocese desde os anos 80, atuando de modo integrado às PJs de Santa Catarina¹²¹ e ao longo de sua trajetória conquistou a liberação de um jovem para atuar na coordenação das atividades evangelizadoras. No entanto, há interrupções em sua história. Em 2003, por decreto episcopal, houve a suspensão das atividades da PJ, extinguindo-se inclusive o cargo de liberação e até 2006 a PJ foi coordenada pelo clero diocesano,¹²² quando se elegeu, em assembleia, uma nova coordenação jovem, desencadeando um novo processo, conforme conta um dos entrevistados.

Quando voltou pra mão dos leigos, no caso os jovens, a coordenação não tinha nada, só se tinha os grupos nas paróquias, então se teve que começar todo um trabalho na diocese. Tinha

¹²⁰ www.diocesejoinville.com.br

¹²¹ “É no final da década de 1970 e início de 1980, que em Santa Catarina iniciam as primeiras articulações da PJ. O marco histórico das Pastorais da Juventude (PJ’s) catarinense é o ano de 1982. Neste ano realizou-se a 1ª Assembleia Regional” (CASAGRANDE & SILVA, 2009, p.11).

¹²² Na fase de campo, principalmente por meio das entrevistas, notou-se especulações acerca desta ruptura. Embora incomodados ao falarem neste assunto, alguns assessores e jovens entrevistados acreditam que as motivações foram políticas, pelo envolvimento das lideranças da PJ no Movimento do Passe Livre, mas também de ordem moral.

quatro pessoas pra fazer todo um trabalho que foi começando aos poucos [...] há uns 10 anos agora ela vem se fortalecendo com algumas coordenações, a gente percebe que há um envolvimento das pessoas cada vez maior, cada ano que passa assim. Então hoje já temos comarcas organizadas, já temos uma coordenação diocesana bem estruturada, têm pessoas que já tem uma formação adequada pra prestar trabalhos como formações, assessorias e tudo mais.¹²³

O período estudado nesta pesquisa coincide com a reorganização da PJ na diocese de Joinville, fase em que há intensas visitas nas paróquias para mapeamento de grupos e formação de lideranças. Em 2008 ocorre o projeto *Missão Jovem* da PJ estadual, reunindo cerca de 500 participantes e esta atividade intensifica ações para difundir sua identidade, desperta líderes e motiva a criação de novos grupos. A partir de 2008, são realizados estudos do documento 85 e encontros entre os diversos grupos que evangelizam jovens, iniciando um processo de instituição do SJ, oficializado em 2011 com a contratação de um jovem liberado.

É pelos grupos base que a PJ se organiza na diocese e as suas instâncias de participação variam desde o nível comunitário até diocesano. Para definir seus projetos, missão, parcerias com pastorais afins, participação no SJ e eleger a coordenação diocesana são realizadas assembleias eletivas a cada dois anos. Desde 2007 não houve vacância na coordenação eleita, estruturando-se também uma equipe de assessores para o acompanhamento e formação da juventude.

Tendo como desafio para as ações evangelizadoras, o ambiente urbano, diante da variedade de opções de atividades de lazer para a juventude, bem como a rotina dos jovens, dividida entre trabalho e escola, e ainda levando em conta um perfil etário, variante entre 14 e 17 anos, dos participantes dos grupos de base, a PJ diocesana realiza estudos, constantes, da conjuntura para definir suas estratégias de ação. Há preocupação com o fortalecimento da identidade dos grupos, com a fidelidade de participação, bem como a criação de um processo contínuo, que considere sua trajetória histórica na diocese, embora precariamente registrada, conforme narra o coordenador da PJ:

¹²³ Assessor Joinville, entrevistado em 13 de dezembro de 2013.

Um caminho que se fez foi, eu acho, de perca de identidade na história da PJ da diocese. Acho que a diocese não investiu na identidade dos grupos durante muito tempo e faz com que hoje a gente tenha tanta miscigenação, tanta mistura, tantos jeitos e nada tão definido quanto pastoral e que hoje a gente sente a necessidade de estar fortalecendo tanto essa identidade que talvez seria um processo de continuidade, não de início [...] Agora em 2011 a gente conseguiu começar um recaminhar e ver com um pouco mais de prestígio na diocese também, porque a gente conseguiu ajeitar a casa, e daí num processo mesmo de fazer agora um caminho andar. Também nesse mesmo caminhar veio o Setor Juventude e a gente conseguiu criar um diálogo, mas é algo muito vago, a história contundente mesmo da diocese a gente não tem. Eu tenho a história recente, daquilo que eu pude caminhar, mas historicamente qual foi o processo [...] a gente procura registrar muito as coisas agora, o máximo possível delas, pra garantir que exista continuidade, pra que o que venha depois olhe pra trás e veja: - olha, eles estão caminhando nesta direção, a gente não pode simplesmente chegar e fazer assim.¹²⁴

Dentre as atividades realizadas pela PJ entre 2007 e 2013, período no qual o SJ foi instituído e a CNBB escreveu o documento e o estudo, são destaques os DNJs, a Missão Jovem e as Escolas de Formação de Lideranças. Todos estes três projetos foram amplamente debatidos nas reuniões do SJ e a PJ conquistou o direito de continuar sendo a responsável por animá-los, devido ao entendimento de que são atividades essenciais para a manutenção do carisma. Além da atuação intraeclesial na diocese, a PJ é porta voz da IC nos Conselhos Municipais de Juventude das cidades de Joinville e Jaraguá do Sul, realizou caminhadas e debates pela Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens e participou da 1ª Conferência Estadual da Juventude realizada em 2008.

¹²⁴ Coordenador PJ Joinville, entrevistado em 19 de novembro de 2013.

3.2 PJ como modelo hegemônico no oeste catarinense

Criada em 1958, a Diocese de Chapecó é a presença da IC no oeste catarinense. Até 1917 seu atendimento pastoral estava submetido à jurisdição do bispado de Curitiba, mas após a questão do Contestado¹²⁵ ser resolvida esta região foi integrada a Santa Catarina. Tanto as Conferências Episcopais Latino Americanas de Medellín e Puebla, quanto o Concílio Vaticano II podem ser entendidos como eventos que influenciaram a trajetória evangelizadora da diocese, pela sua perspectiva progressista, de incentivo à participação do laicato e discurso de opção preferencial pelos pobres.

Dom José Gomes,¹²⁶ bispo de Chapecó de 1968 a 1998 é tido como um símbolo das opções teológicas da Diocese, representando a influência da TL nos projetos pastorais. Com ele, nas décadas de 1970 e 1980, as pastorais sociais tiveram impulso e intensa atuação, especialmente a Pastoral da Terra, a Pastoral Indigenista e as CEBs. Nessa mesma época, os setores da IC, além de atuarem na formação dos leigos para a ação intraeclesial, incentivaram a criação de movimentos sociais como o Movimento dos Sem Terra (MST) e o Movimento das Mulheres Agricultoras (MMA), sindicatos, cooperativas e partidos.

Na década seguinte, percebendo mudanças no interior da IC em relação a TL, a diocese de Chapecó se reorganiza e cria mecanismos para garantir a participação dos leigos nos espaços de decisão. Prezando por princípios democráticos e insistindo em uma visão de construção coletiva, a trajetória da ação evangelizadora na diocese, a partir da década de 1990, deu-se por meio da formação de leigos com cursos de teologia e de assembleias, em que leigos e religiosos assumiram metas e projetos na tarefa de animar a IC no oeste catarinense, assumindo uma dimensão de compromisso com a transformação da sociedade e valorizando ideais de igualdade e justiça social.

Diferenciando-se de todas as dioceses de Santa Catarina, Chapecó era a única do estado a não ter instituído o SJ até o período estudado nesta pesquisa, embora o *Documento 85* da CNBB tenha indicado esta direção. Assim, a PJ tem garantido hegemonia na evangelização da juventude desde quando iniciou suas articulações em 1980 e procura manter sua característica de engajamento político e social.

¹²⁵ Conflito armado ocorrido entre 1912 e 1916 em território disputado pelos estados do Paraná e Santa Catarina, discutido em profundidade por Paulo Pinheiro Machado (2004).

¹²⁶ Sua biografia é elaborada por Uczai (2002), texto que confere a Dom José os títulos de Bispo dos Pobres, Profeta da Esperança, Pastor dos Oprimidos e Bispo da Libertação.

Para dinamizar seus projetos, a Diocese de Chapecó está organizada em 10 regiões pastorais e conta com diversos grupos.



Figura 9: Território Diocese de Chapecó – Regiões Pastorais

Fonte: www.diocesechapeco.org.br

Em sua trajetória histórica, desde quando começou a organizar seus grupos, a PJ realiza uma caminhada conjunta com a PJMP, a PJR e demais pastorais da diocese. No ano de 1985, reúne cerca de 25 mil jovens em uma concentração para comemorar o ano internacional da juventude e esta atividade torna-se referência, inclusive para as novas gerações de participantes.¹²⁷

Na década de 1990, a PJ firma sua identidade e metodologia, ao dinamizar romarias, assembleias e DNJs, e a partir de 2000 investe na criação de um projeto de escolas de formação, voltando-se à capacitação dos jovens líderes e integrantes dos grupos de base. Este projeto iniciado na instância diocesana se multiplica para as regiões pastorais e atinge todas as paróquias da diocese. Outras iniciativas também compõem o projeto formativo, como as jornadas diocesanas e a missão de férias.

¹²⁷ O ano internacional da juventude foi instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) e o evento realizado pela PJ na Diocese de Chapecó para celebrar esta data, conforme mencionado, é tido como uma referência histórica. Nas entrevistas, foi amplamente mencionado.

Dos anos 2000 pra cá a gente percebe que transformações muito grandes na realidade da região oeste principalmente. A gente passou de uma realidade rural para uma realidade urbana. Os jovens que antes eram de famílias grandes de 10 a 12 membros. Agora são famílias mais pequenas de três ou quatro, então houve essa redução da quantidade de jovens [...] a gente percebe já uma mobilidade, uma fluidez maior do jovem, os limites foram encurtados, o que antes era uma distância grande, um limite pro jovem, hoje já não é mais. [...] Então essa fluidez e os espaços se encurtaram, mas ao mesmo tempo a distância entre um jovem e outro aumentou muito. Então, a PJ, desde 2000, ainda tá aprendendo a lidar com essas transformações. Nesse sentido a gente tem alguns projetos, algumas caminhadas muito boas e bonitas, como foi em 2010 a *Jornada pela Vida da Juventude*. A gente conseguiu fazer novamente como foi organizado nos anos 80. Um encontro reunindo milhares de jovens, em torno de uma proposta construída nas bases [...] Então foram esses momentos assim maiores de profecia que eu conheci da PJ, isso a nível de diocese [...] E a partir disso também a Pastoral se envolve em muitas outras atividades, como a conferência, as duas conferências de juventude que teve a PJ marcou presença em todos os municípios aqui das SDRs [...] Então tudo isso são espaços que eu vejo que a PJ se faz presente e leva a sua proposta, leva essa dinâmica, esse objetivo que a gente tem, de defender a vida da juventude no sentido amplo.¹²⁸

Com o objetivo de garantir a participação do jovem e favorecer o exercício do protagonismo, a PJ de Chapecó desenvolveu ao longo dos anos uma estrutura organizacional complexa, sendo constituída por diversas modalidades e instâncias.¹²⁹ A Assembleia, espaço maior de decisão, é realizada em triênios, e tem a função de deliberar sobre os objetivos, metas e prioridades, distribuir responsabilidades e eleger um jovem para assumir a função de liberado, para assim representar a PJ na diocese e no Regional Sul IV.

¹²⁸ Jovem de Modelo, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

¹²⁹ Dados extraídos de cartilha elaborada para a 6ª Assembleia Diocesana, realizada de 9 a 10 de novembro de 2013.

Visando ao acompanhamento dos compromissos firmados na assembleia, criaram-se Encontros Ampliados, com periodicidade anual, que reúnem jovens delegados de cada uma das regiões pastorais para avaliar o andamento dos projetos. Em termos de organização, há também uma coordenação diocesana, composta por jovens de todas as dez regiões pastorais e o liberado; equipe de assessores, formada por leigos e religiosos e uma equipe de comunicação, responsável por divulgar as ações, atualizar a página da PJ no *facebook* e garantir registros históricos.

O perfil dos jovens que participam da PJ na Diocese de Chapecó varia de acordo com a etapa formativa na qual se encontram. Os iniciantes nos grupos de base são em sua maioria adolescentes, já quem exerce funções de liderança, em geral, é maior de 18 anos e além da PJ se dedica ao engajamento nos movimentos sociais, nas cooperativas e até mesmo em funções políticas em cargos executivos e legislativos. Outra característica da Diocese é o predomínio dos grupos da PJ nos ambientes rurais.

No campo muitas vezes não tem outra coisa para o jovem fazer aí o grupo de jovens acaba sendo mais atrativo e no urbano também tem outro desafio onde não há nucleação, onde são grandes comunidades que a juventude não encontra muito espaço. Então geralmente a juventude não consegue participar da liturgia, não consegue participar do conselho. Já no campo não, muitas vezes, numa comunidade do interior o jovem é o único que sabe ler lá. Os quatro ou cinco jovens que têm lá são os que sabem ler. Os mais de idade ou não enxergam mais pra ler ou tem dificuldade com a leitura, então automaticamente eles estão inseridos dentro da comunidade. E o jovem, eu tenho isso por experiência própria, não gosta de ficar de plateia. Quando você vai numa celebração, gosta de participar da celebração, seja estar contribuindo na liturgia ou mesmo dentro da celebração, gosta de cantar junto. Então o jovem gosta de ser envolvido! Se o jovem é envolvido na comunidade automaticamente você conquista ele para o grupo de jovens.¹³⁰

¹³⁰ Assessor de São Miguel do Oeste, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

Diante de novos cenários sociais, políticos e culturais e das tendências eclesiais mais conservadoras, inclusive no cenário religioso brasileiro, a PJ na Diocese de Chapecó se mostra resistente dentro da IC catarinense, ao preservar seu projeto e visão embasados na TL, mas mesmo assim enfrenta resistências de grupos e fiéis que questionam sua hegemonia, entendendo-a como privilégio. Analisar esta situação é um dos propósitos do próximo capítulo, buscando compreender quais estratégias são mobilizadas tanto pela PJ quanto pela hierarquia da IC que exige novas formas de organizar a evangelização juvenil.

4. ANÁLISE DAS MUDANÇAS NA PJ EM SANTA CATARINA

O intenso trabalho realizado na fase de campo da pesquisa, em que se empreendeu parte da coleta de dados com entrevistas de profundidade e observação participante, especialmente, nas Assembleias da PJ de Chapecó e Joinville, no 10º Encontro Nacional da PJ e na JMJ, constitui a dimensão empírica desta dissertação. Analisar este conteúdo, sintetizando as entrevistas e estabelecendo relações com o referencial teórico é o que se pretende neste capítulo, a fim de responder a problemática da pesquisa.

Baseando-se no modelo teórico de múltiplos níveis de Hartmut Esser para diferenciar os planos micro e macro na sociologia weberiana, a argumentação analítica concentrar-se-á primeiro em compreender a lógica da situação (macro-micro), percebendo as influências da estrutura sobre os agentes. Para isso será destacado o entendimento dos bispos acerca da evangelização da juventude e as estratégias que traçam enquanto representantes da IC, desencadeando mudanças organizativas, inclusive na PJ. O segundo passo será observar a lógica da seleção (micro-micro) em duas partes. Inicialmente foco será na recepção dos agentes, captando suas impressões acerca das mudanças nas estruturas de organização da evangelização juvenil, das motivações da IC e as consequências para a PJ. Na sequência serão observadas as reações dos agentes e sentidos atribuídos às mudanças, percebendo como atuam no SJ e na JMJ.

O entendimento pretendido aqui é de uma análise compreensiva e interpretativa nos termos weberianos, contemplando os níveis macro e micro, por meio do esquema de múltiplos níveis. Esta opção metodológica e teórica deverá organizar a lógica argumentativa, visando reconhecer, no plano micro os mecanismos que orientam a ação, apontando as distintas racionalidades mobilizadas que se traduzem em caminhos de salvação, ativos ou passivos em relação ao mundo e no aspecto macrossociológico o contexto da ação.

4.1 Estratégias da Igreja Católica: lógica da situação

“Se a igreja investe é porque acredita e sabe da importância do jovem no presente da igreja e também no futuro, porque o jovem é um presente aberto para o futuro”, “a igreja ama os jovens”, argumentaram os bispos de Chapecó e Joinville ao atribuírem significados aos investimentos recentes da IC na evangelização juvenil brasileira. Este

entendimento de juventude como opção evangelizadora preferencial pode ser interpretado, em parte, como uma estratégia da IC ao reconhecer a diminuição de fiéis nas últimas décadas, especialmente jovens, que se declararam sem religião, migram para outras denominações religiosas e vivem experiências religiosas mais sincréticas.

De acordo com os bispos, a IC percebe a necessidade de uma autoavaliação, de revisão dos métodos e compreensão das ações institucionais diante de novos cenários sociais, políticos, econômicos e culturais no Brasil. Opta-se então por buscar mecanismos que gerem acolhida dos fiéis, aproximação e abertura à participação. Embora no discurso conclusivo do documento oficial da CNBB, sobre a evangelização juvenil, os bispos justifiquem seu investimento de modo desinteressado, é possível perceber que este segmento da sociedade é visto como potencial para manutenção do carisma.

Diante da realidade complexa, diversa e desafiadora da juventude, como tema fundamental para a missão evangelizadora da Igreja no Brasil, nós bispos católicos, renovamos a opção afetiva e efetiva pelos jovens. O Papa Bento XVI, exortando os católicos da América Latina e do Caribe a serem discípulos e missionários de Jesus Cristo, nos oferece um novo impulso para a evangelização da juventude.

Reconhecendo a juventude como um lugar teológico, o nosso amor a ela é gratuito, independente do que possa nos oferecer. Essa gratuidade se inspira no amor incondicional de Jesus que livremente deu sua vida por todos (cf. Rm 5,6-11).

Como discípulos e missionários de Jesus Cristo queremos ir, com amor preferencial, ao encontro dos jovens que mais sofrem as consequências das injustiças, da pobreza e da falta de ideais capazes de abrir horizontes para suas vidas.

Como pastores, convocamos toda a Igreja a investir na evangelização da juventude, para que seja dinamizadora do corpo eclesial e social (CNBB, 2007, p. 120).

Há, portanto, expectativas no sentido de continuidade da tradição e dos valores católicos na sociedade brasileira, “que o jovem viva a fé cristã comprometida com o reino de Deus [...] que não tenha vergonha de ser cristão católico e testemunhe.”¹³¹ Espera-se que juventude atue em diversos setores da sociedade, sendo portadora da identidade católica e defensora dos seus valores, seguindo as orientações morais e éticas, inclusive no entendimento de família e na dimensão afetiva e sexual, seguindo a vocação leiga ou religiosa¹³² para atuar, principalmente, nos quadros internos da igreja, seja em pastorais, na hierarquia ou no diversos ministérios.

Desde a década de 1930 a IC, conforme já abordado nos capítulos anteriores, tem investido em ações evangelizadoras direcionadas à juventude e vem desenvolvendo mudanças significativas na concepção de igreja-mundo e da participação dos leigos nos espaços que antes eram reservados apenas ao clero.

O que é igreja? O povo não sabia o que era a igreja. Se você pedia todo mundo respondia que é uma casa onde o povo vai rezar, louvar a Deus, assim eles falavam. Hoje se a gente pergunta o que é igreja eles vão dizer: - é o povo de Deus. Mas isso foi fruto de um trabalho muito longo. Assim também foi que se começou a incluir os jovens [...] Me recordo então quando o padre Zezinho criou a missa da juventude. E eu era seminarista na minha terra lá e resolvemos fazer uma missa de arromba: uma missa da juventude. Ensaíamos com os jovens e todos nós tocávamos os instrumentos no canto da igreja; colocamos plantas, coqueiros, bananeiras artificiais e nós tocávamos lá de dentro e os jovens entrando, cantando os cantos da juventude. Puxamos os bancos, sentamos no chão pra quebrar aquele estilo antigo. Foi uma missa muito comentada. Daí o padre que celebrou a missa era alemão e depois do evangelho nós tínhamos orientado que ele pedisse que o povo sentasse no chão pra quebrar aquele estilo antigo de homens de um

¹³¹ Bispo de Chapecó, entrevistado em 11 de novembro de 2013.

¹³² Vocação aqui é entendida no seguinte sentido: enquanto leigos orienta-se a vida matrimonial e constituição de família, no caso dos optantes pela vida religiosa e/ou leiga consagrada, a atuação seria mais no sentido de renúncia do mundo, por meio de votos de pobreza, obediência e castidade.

lado e mulheres para outro. Pedimos para o povo se misturar. Foi uma revolução e tanto [...] Tudo foi convergindo para todo mundo. As coisas bonitas a espiritualidade que a igreja tinha a oferecer, de repente, de uma elite, passou a se popularizar.¹³³

A IC do Brasil, no período do regime militar, vive experiências de grupos que unem fé e engajamento político em seu projeto evangelizador. Nesta época cria a PJ e assim a CNBB dá respaldo à TL, cujos grupos, além de atuarem nos quadros da igreja, se engajam nas lutas pela redemocratização do país e se ligam aos setores políticos de esquerda. A PJ mostrasse integrada às demais pastorais, seguindo uma lógica orgânica de atuação, no entanto há fragilidades, no que diz respeito ao aprofundamento da dimensão bíblico-mística e nota-se predomínio de ideologias influenciadas por correntes marxistas nos discursos dos participantes.

A sua ação deve estar inspirada na palavra de Deus e eu acho que deveria dar mais destaque para isso. Principalmente a PJR e PJMP eu acho muito ideológica; muito o que eles pensam nem sempre vem da palavra de Deus, tem outras fontes que também é interessante, mas que não é a Palavra de Deus. Há pouco espaço para o celebrativo e para o litúrgico. [...] Eu acho que eles fazem uma deturpação do conceito da palavra mística. Mística é uma coisa profunda, mística é uma experiência de Deus forte e profunda, não é um teatrinho qualquer e às vezes me fazem um teatrinho, dizem que é mística. Eu me esforço nesses momentos, mas não consigo rezar.¹³⁴

No final dos anos de 1980, com a anuência do papa João Paulo II a IC do Brasil modifica suas ações evangelizadoras por entender que a conjuntura é outra. Há mudança de eclesiologia e a TL deixa de ser hegemônica na CNBB.

¹³³ Bispo de Joinville, entrevistado em 19 de dezembro de 2013.

¹³⁴ Bispo de Chapecó, entrevistado em 11 de novembro de 2013.

A TL é uma excelente teologia. O problema é que ela começou a ter uma mistura muito forte de ideologias. O que é uma ideologia? É você colocar um ideal na sua frente e querer que tudo e todos sejam iguais a esse pensamento. E não dá, não dá! Foi isso que nós vimos, o resultado foi isso. Se você fosse verificar o que sobrou dessas ideologias, normalmente em obras, não sobrou nada. Não foram feitas obras, mas o que foi feito: foi gritado muito, foi falado muito. Em geral muitas pessoas eram excluídas da igreja porque era só aquele ideal, aquela ideologia, as outras não prestavam, e as pessoas não entendiam que elas eram as excluídas e como consequência nós tivemos uma debandada de muita gente para as outras igrejas. Aí vendo isso começamos a nos perguntar: mas o que está errado? Nós pregando a opção pelos pobres, pregando, pregando e pregando, mas onde foram os nossos pobres? Para outras igrejas. Alguma coisa estava errada, por isso se entendeu que era preciso apresentar um novo estilo de igreja, um novo modelo de PJ e se chegou um ponto de um vazio muito grande. Só se falava mais em PJ e em que? Em política, em PT, em TL. [...] Você via então que esse modelo tinha que parar. Volto a dizer a TL é uma bela teologia e ela entrou na igreja, sobretudo, no Brasil aqui na América latina [...] Os bispos começaram a descer do trono sagrado do episcopado e começaram a servir mesmo [...] então toda a liturgia da igreja, a catequese da igreja mudou, foi incluindo o povo. Nasceu a CNBB que começou a encabeçar muita frente de trabalho [...] tinha uma voz forte diante do poder político no Brasil. Começavam a ter medo dos bispos os políticos, porque os bispos eram sérios e cobravam de modo muito sério nas questões fundamentais: de injustiça, de podridão, de questão financeira [...] Mas depois chegou o momento em que entraram essas questões mais de ideologia.¹³⁵

¹³⁵ Bispo de Joinville, entrevistado em 19 de dezembro de 2013.

Segundo relata o bispo da diocese de Joinville, como resposta à debandada de fiéis católicos para as igrejas evangélicas, dá-se abertura aos movimentos eclesiais, valorizando um novo catolicismo, mais midiático, espiritualista e focado em atender multidões.

Nós já estamos num tempo novo, nós temos também que nos vestir de outro jeito. Uma moda passa, também é assim na igreja! Temos que nos identificar mais com o nosso povo, aproximar mais, porque o povo quer outra coisa. O povo está debandando para outras igrejas, então vamos começar a ser mais acolhedores. Aí a palavra chave na igreja foi igreja-acolhedora, aí começou um novo estilo e os evangélicos faziam isso. A Igreja Católica não fazia isso. Então vamos acolher, vamos ter uma igreja diferente. Eu acho que já estamos crescendo nesse novo jeito de ser igreja. A gente vê também o retorno de muitos desses que debandaram para a igreja católica. [...] Oxalá que a debandada volte para a sua igreja, para a sua casa.¹³⁶

Em termos de evangelização juvenil, a CNBB além de abrir o diálogo com os movimentos, especialmente a RCC e as congregações, fez uma revisão no projeto da PJ e criou a organização que ficou conhecida como PJB em 1995. No entanto, em 2007, com o *Documento 85* foram definidas diretrizes que mudariam a hegemonia dos grupos evangelizadores. Como estratégia, a IC sugere a implantação do SJ em todas as dioceses, cuja função é fortalecer sua ação evangelizadora, acolhendo a diversidade e preservando a unidade. Assim aproxima os movimentos eclesiais, formados eminentemente por leigos e incentiva o clero a se introduzir neste espaço, bem como consegue controlar as insubordinações discursivas da PJ que se entende como autônoma/protagonista, diminuindo sua autoridade ao transformá-la em uma expressão evangelizadora dentre tantas no ambiente eclesial. Aperfeiçoando a proposta do SJ, cria-se a Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude, organização que centraliza ainda mais a responsabilidade pela evangelização juvenil nos quadros da hierarquia da igreja e é lançado o termo Pastoral Juvenil como nova referência.

¹³⁶ Bispo de Joinville, entrevistado em 19 de dezembro de 2013.

Nós tínhamos sempre dez comissões na CNBB, e aí, criar uma comissão só para a juventude? Isso foi graças a Jornada Mundial da Juventude que ia acontecer no Brasil, que motivou os bispos a assim, quase cegamente, aprovar mais uma comissão. Porque cada comissão pastoral da CNBB requer muito empreendimento, o envolvimento de muitas pessoas, a questão financeira, que também entra em jogo. Mas eu vi que os bispos quando votaram foi uma aprovação unânime, pela importância para a igreja que tomou consciência disso: da importância da juventude, que é fundamental. Daí sim a gente pode dizer que os jovens representam o futuro, mas também representam o presente. E o presente que a igreja precisa é uma igreja alegre, uma igreja entusiasta, uma igreja que nós vimos na Jornada Mundial da Juventude, que encantou o papa e encantou a todos nós, esta vibração. Como eles cantavam: ‘somos a juventude do papa’, enfrentando o frio, a chuva, ônibus ruins que se estragavam nas estradas e sem muito dinheiro. [...] a gente vê que a igreja não tem medido esforços pra que a juventude tenha o seu lugar dentro da igreja. E ainda temos que melhorar muito. Temos que nos abrir sempre mais pra que os jovens tenham sempre mais espaços.¹³⁷

Em Santa Catarina a estrutura do SJ foi instalada, primeiro na diocese de Tubarão, depois em Blumenau e a diocese de Joinville foi a terceira a contar com esta nova forma de organização. Até o final de 2013 somente a diocese de Chapecó não estava se organizando por meio do SJ e a PJ se mantinha como o principal modelo para evangelizar os jovens. Neste mesmo ano foi desencadeado o processo de criação de uma comissão estadual para articular a Pastoral Juvenil.¹³⁸

A evangelização da juventude no oeste catarinense, historicamente engajada em lutas sociais, continua tendo a PJ como referência. Ao contar com o reconhecimento da igreja local é respaldada com investimentos que lhe garantem um aparelho administrativo, ou seja, é disponibilizado pela diocese um profissional remunerado,

¹³⁷ Bispo de Joinville, entrevistado em 19 de dezembro de 2013.

¹³⁸ Interessa saber também, que o termo Pastoral Juvenil, embora não tenha sido oficializado por meio de discussões ou publicação oficial da CNBB, passou a ser largamente empregado.

chamado de liberado, que se ocupa das funções burocráticas para dinamizar o planejamento e execução dos projetos. Também há assessores religiosos: padres e irmãs que acompanham a PJ e existe um escritório na mitra diocesana, onde permanecem os documentos, arquivo histórico, biblioteca e materiais de expediente. Embora o SJ não tenha sido implantado, foram iniciados encontros em 2013, por orientação do bispo local, para os diversos grupos dialogarem e traçarem projetos em comum na direção de se criar a nova instância.

A Pastoral da Juventude é a oficial, digamos assim, mas existem outras expressões juvenis de evangelização, que ficam um pouco à margem, preciso ser sincero. A minha intenção é incluí-los também, porque eles são filhos de Deus [...] o meu desejo é incluir todas e por isso, sem querer decretar, passaremos por todo um processo de reflexão e com o tempo chegaremos naquilo que a CNBB chamou de Setor Juventude e agora parece que está chamando de Pastoral Juvenil. Meu desejo é incluir todos, é respeitar específico de cada um e continuar respeitando a PJ com a sua metodologia, mas que não seja a única expressão de evangelização da juventude. A conjuntura hoje na igreja e no mundo é outra e não podemos ser exclusivistas. A igreja é mãe de todos e não só de alguns.[...] Vamos devagar. É uma orientação da CNBB e nós, igreja de Chapecó, fazemos parte da CNBB e da igreja do Brasil. Não devemos ser uma ilha. Chapecó é muito ciumenta, digamos assim, dessa sua identidade. [...] Não podemos perder esse nosso rosto, essa nossa identidade, mas também não podemos nos isolar. Ter a identidade própria não significa nos isolar. Devemos estar em constante comunhão e se a igreja do Brasil se propõe a fazer essa proposta, acho que a gente deve caminhar para ela. Mas devagar, até que todo mundo ou que a maioria pense assim ou assuma isso.¹³⁹

Como observado no relato, mesmo pretendendo implantar o SJ, o bispo da Diocese de Chapecó optou pelo diálogo como estratégia para desenvolver a consciência da necessidade do novo espaço

¹³⁹ Bispo de Chapecó, entrevistado em 11 de novembro de 2013.

evangelizador. Ele sugere às lideranças que a própria PJ seja a responsável por conduzir o processo de diálogo e reconhece a trajetória histórica deste modelo evangelizador, garantindo aos jovens, embora leigos e não pertencentes à hierarquia da IC, a possibilidade do exercício democrático de participação nas decisões da diocese.

A maioria dos membros da igreja são leigos, não são da hierarquia. Nós temos o conselho de pastoral, mas aqui a maior percentagem dos membros do conselho são leigos e o conselho é deliberativo. Tudo o que a gente propõe para a diocese como pastoral passa pelo conselho e os leigos são a maioria. Portanto, são os leigos que praticamente decidem a caminhada da pastoral da nossa Diocese. É claro que o bispo marca a presença na hora de escrever qualquer coisa. Ele também dá a sua palavra e graças a Deus existe muito respeito pela palavra do bispo. Também as partes vão opinar e no final é votado, mesmo que se tenha muito respeito pela palavra do bispo. Não é porque o bispo disse, que é feito! Vai para a votação e a decisão é da maioria. A maioria tem a lei.¹⁴⁰

O SJ surge, na opinião do bispo de Chapecó, para contemplar a diversidade e como a PJ ainda é majoritária nas comunidades não houve pressão dos demais grupos para fosse instituído, porém mesmo assim percebe resistência da PJ em avançar neste projeto. Na opinião do padre assessor da PJ,¹⁴¹ o SJ exigirá a capacidade de convivência com o diferente, bem como habilidades políticas para negociação e convencimento, enquanto atualmente, as decisões têm se dado pela autoridade e tradição ‘pejoteira’.

Pode a PJ ficar medrosa, ficar enciumada e não querer fazer diálogo, ela se fechar. Se a PJ se abrir para o diálogo, mantendo a sua identidade, mantendo o seu carisma, mantendo o seu método, mantendo a sua forma de organização ela só vai aproveitar, vai se enriquecer com isso caso se disponha a fazer algumas atividades em conjunto. [...] A PJ tem esse medo de ser absorvida, de

¹⁴⁰ Bispo de Chapecó, entrevistado em 11 de novembro de 2013.

¹⁴¹ Padre assessor Chapecó, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

simplesmente desaparecer. Mas acho que a PJ só vai desaparecer se ela realmente contribuir para isso, se ela não manter a sua metodologia, a sua forma de organização, a sua identidade. [...] No caso a CNBB está propondo Pastoral Juvenil justamente para poupar a sigla PJ que é uma sigla consagrada. [...] Já se consagrou esse nome. Agora botar esse nome para todas as expressões juvenis aí seria extermínio. Aí seria um golpe na PJ. “Não, agora todas as expressões juvenis nós vamos chamar de PJ”. Aí seria um golpe mortal, mas a CNBB tem essa percepção e essa delicadeza, justamente de deixar o nome e manter essa expressão e deu outro nome: Pastoral Juvenil, porque respeita essa caminhada.¹⁴²

Entendendo a juventude como uma fase de inconstâncias, o bispo de Joinville vê desafios para a ação evangelizadora da IC, no sentido de se especializar para despertar o interesse dos jovens e acompanhá-los num itinerário formativo que garanta sua permanência e participação. Em sua diocese os trabalhos juvenis são coordenados desde 2011 pelo SJ, que congrega cerca de trinta grupos distintos, dentre eles a PJ.

Na nossa diocese eu sei que a composição de Setor Juventude inclui mais de trinta grupos diferentes, de jovens provenientes dos mais variados estilos de espiritualidades e eu acho isso uma beleza, porque ali é a igreja. [...] A igreja é como um grande jardim onde você não só encontra um tipo de flor, mas encontra uma variedade de todos os tipos de flores, de todo tipo de identidade, de todo tipo de cores.¹⁴³

Na diocese de Joinville o processo de implantação do SJ foi iniciado em 2008 sob a tutela de padres que acompanhavam a PJ e incentivaram a realização de encontros entre as pastorais e movimentos para planejarem atividades em comum. Estudou-se o *Documento 85* e as paróquias foram incentivadas a reproduzir em suas bases as novas orientações da CNBB. Favorável à criação do SJ, o bispo entendeu que esta tarefa caberia à PJ, contudo as lideranças não aderiram com tranquilidade esta orientação:

¹⁴² Bispo de Chapecó, entrevistado em 11 de novembro de 2013.

¹⁴³ Bispo de Joinville, entrevistado em 19 de dezembro de 2013.

Um tempo eu estava muito desconfiado, sobretudo, porque eu pedia pra que na Pastoral da Juventude estivesse incluído também esse grupo de pessoas dos movimentos. E eu iludido pensando que havia sido incluído, ou seja, havia sido criado o Setor Juventude. Um dia eu perguntei assim meio curiosamente: - jovem você que é o coordenador da juventude da diocese, como vai o setor? Aí ele disse: - o setor, o setor... então começou a gaguejar, aí disse: - quem tem que fazer isso é o bispo. É o bispo que tem que convocar os jovens, fazer uma assembleia pra decidir o setor. Eu na verdade fiquei chateado com a resposta, porque eu já achava que tinha sido criado o setor. Eu tinha dado o aval e tinha insistido várias vezes e ele vem me jogar isso: - ah é o bispo que tem que fazer. Eu tinha delegado a ele e como é que não constituiu? Quer dizer, uma teimosia que eu vi por trás. Se fosse assim uma coisa de outro mundo para criar. [...] o setor inclui todo mundo, a igreja acolhe a todos e não é só uma panelinha. E havia só essa panelinha da PJ e aí eu pensei: - não com esses, eu não posso confiar para criar o setor. E pedi para que dessem um jeito de colocar outros que tivessem outra mentalidade e foi com isso que nós convocamos esse jovem e assistimos realmente uma nova etapa da pastoral, dos jovens, porque foi criado o Setor da Juventude.

Embora tenha decretado a instituição do SJ por compreender que o modelo evangelizador da PJ esteja ultrapassado, o bispo de Joinville não proibiu as atividades deste segmento, cujas influências se encontram na TL. No entanto, não deixa de criticar o que entende como fechamento das lideranças *pejoteiras* para o diálogo com outros grupos:

Quando nasceu essa ideia de Setor Juventude a PJ ficou meio assim: - poxa, agora nós vamos perder a nossa identidade. Foi uma luta muito grande na diocese. Tem dioceses aí que ainda não deve ser fácil o Setor Juventude, ainda estão na tal da Pastoral da Juventude, aquele grupo, digamos, que vai na linha do passado. [...] Eu não sei por que a PJ às vezes fica ainda teimando que só eles que

são os donos da verdade, são eles que sabem tudo sobre jovens. Chega, esses eu diria que deveriam se aposentar! Quem tem essa mentalidade que deixe os novos, uma nova gente que tem uma mentalidade nova, com espírito renovado, espírito aberto pra entrarem nessa atividade da juventude. Agora a CNBB está propondo isso de Pastoral Juvenil e Setor da Juventude, então vamos por aí. É questão obediência! Ficam só insistindo em cima do mesmo. É uma coisa que começa a enjoar, ficar batendo, na mesma. Assim também a questão da PJ que quer só ela ter direito em relação aos jovens. Chega! Vamos dar vez a outros! Vamos nos abrir a Deus e não serem donos da verdade!

Na avaliação do bispo, em relação ao SJ, a PJ reclama o direito exclusivo de evangelizar os jovens e não tem essa autoridade. Conforme relata, há casos em que padres e bispos não permitiam a entrada de movimentos eclesiais em suas dioceses.

É um dito que um padre ou um bispo tem autoridade na sua paróquia, agora eles não podem impedir o Espírito Santo e que ele entre. Assim como no início da igreja ninguém pôde impedir o nascimento, mesmo que a igreja fosse perseguida, se reunindo nas catacumbas ou na escuridão da noite, nas casas, para poderem cultivar o cristianismo que estava nascente. Às vezes eu até me divirto com o padre que diz: - ah na minha paróquia não entra movimento tal, quando o pessoal que está no lado dele, tocando as missas é de um movimento e está vivendo em surdina, nas catacumbas de sua paróquia e cultivando uma espiritualidade. Então, por isso muitos ainda estão ali na PJ, porque a mentalidade vem desse ponto de vista: - não quero saber de movimentos, mas fica insistindo digamos, num modelo que já é ultrapassado, porque a igreja reconheceu os movimentos, reconheceu as novas comunidades. A igreja aceita e abençoa, assim como é a história das congregações religiosas.¹⁴⁴

¹⁴⁴ Entrevistado em 19 de dezembro de 2013.

Analisando as ações evangelizadoras da IC nos últimos anos e as estratégias adotadas pelos bispos das dioceses de Joinville e Chapecó, constata-se que a IC possui mecanismos para garantir sua unidade e que nenhum grupo sobrevive sem o apoio da instituição. Assim, tanto as CEBs, a RCC e as congregações precisaram em algum momento serem legitimadas e aceitas, o que representa em termos sociológicos, terem o seu carisma rotinizado com a institucionalização da profecia, que tornou o carisma pessoal em carisma de função.

A capacidade política, por parte da instituição, de absorver (colocar sob controle) ou isolar a inovação ainda é um fato. E nesse processo, movimentos e pessoas perdem sua capacidade inovadora. Transformam-se em grupos que a instituição eclesial põe a serviço da manutenção de suas estruturas. Essa capacidade de cooptação por parte da Igreja Católica e, da parte dos grupos, a necessidade de legitimação “visível” ainda são um dado. A perda da capacidade profética liga-se a essa obsessão pelo controle e temor às dissidências (BENEDETTI, 2009, p. 18).

Ao lançar a proposta da Pastoral Juvenil e de SJ, por meio do *Documento 85* e do *Estudo 103*, como ferramentas estratégicas, a IC realiza uma relação de dominação com seus agentes. Unindo os diversos grupos por meio do SJ em nível local e com a Comissão Episcopal para a Juventude e a Coordenação Nacional da Pastoral Juvenil na esfera nacional, os bispos criam novas estruturas de dominação legal com quadros administrativos e burocráticos complexos.¹⁴⁵ Tal ação, racionalmente construída, tem como fim garantir a unidade e reduzir os contrastes entre modelos evangelizadores ascéticos e místicos, conseguindo fazer ressoar hábitos e normas que podem ser compreendidos como caminhos para garantir a salvação.

Porém, seguindo por esse ângulo interpretativo, em que a lógica da ação e de dominação da IC seria motivada para o seu próprio fortalecimento, nota-se que, quando sugere uma nova organização, plural e diversa, por meio do SJ e da Pastoral Juvenil, fogem ao seu

¹⁴⁵ Conforme o *Estudo 103* da CNBB há estruturas de responsáveis pela evangelização da juventude, no entanto, o primeiro e principal agente é “o Espírito de Deus” (2013, p. 79).

controle algumas consequências: a uniformidade, a complementaridade e a hibridização dos grupos juvenis.¹⁴⁶

Além disso, cabe perceber que ao optar pelo SJ e a Pastoral Juvenil, a IC está instituindo a vigência de uma ordem. E em Weber, a vigência de uma ordem significa algo mais do que a mera regularidade, condicionada pelo costume ou pela situação de interesses, no decorrer de uma ação social. É na verdade, entendida como mandamento “cuja violação não apenas seria prejudicial, mas – normalmente – também é abominada de maneira racional referente a valores, por seu ‘sentimento do dever’” (WEBER, 2012, p. 19). Portanto, quando a instituição religiosa sugere aos jovens a missão de serem evangelizadores de outros jovens, por meio de testemunho da sua fé nos diversos ambientes da sociedade, está sugerindo uma vocação ou dever a serem cumpridos: o de evangelizar, ou seja, cristianizar o mundo.

Esta lógica da ação evangelizadora da IC, então, é semelhante à ética que Weber já identificou em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, no sentido de que há uma ideia de vocação a ser cumprida, de dever que deve ser realizado nas diversas esferas da vida. Reforça esta linha argumentativa a proposta de Pastoral Juvenil, que aparentemente parece assumir como pressuposto que o indivíduo já está imerso no cosmos do capitalismo e não pode alterar isso, devendo se adaptar às normas para viver. No entanto, se por um lado há indicações de uma postura mais passiva de ação no mundo, nota-se ao mesmo tempo, o reconhecimento de que o mundo e as pessoas precisam ser convertidos para a instalação de um projeto: a Civilização do Amor.

A proposta da Civilização do Amor surge tanto da crítica ao capitalismo quanto ao socialismo. Afirma-se que ambos os sistemas foram incapazes de formar novos homens. Na perspectiva do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), a Civilização do Amor não é uma plataforma política e nem um sistema social, pois não é tarefa da Igreja Católica desenvolver esse tipo de proposta. Dessa forma, também não é um novo

¹⁴⁶ Realizei uma pesquisa problematizando o relacionamento entre PJ e RCC na Diocese de Joinville. O estudo rendeu a monografia que foi apresentada em 2011 e o artigo: *Juventude Católica: unidade na diversidade*. Dentre as conclusões, entendi que a proposta de SJ pode: a) conduzir à uniformização na ação evangelizadora; b) gerar complementariedade entre os grupos, por meio de parcerias e assim ambos evoluem nas deficiências individuais; c) ter como consequência a hibridização, ou seja, a partir da junção dos modelos existentes nasce algo novo: um grupo que se diz PJ, mas cultiva a espiritualidade pentecostal, por exemplo.

partido político cristão. A Igreja Progressista defende que os cristãos, agentes de outras denominações religiosas e ateus – que assumiram o projeto de transformação da sociedade – devem construir conjuntamente um projeto político, com programa e plataformas definidas. Portanto, a proposta da Civilização do Amor é uma ideia a se realizar (SOFIATI, 2012, p. 143).

Nesse sentido, compreende-se que se a ação evangelizadora da IC possui como fim último a implantação da Civilização do Amor, implica conversão e submissão dos jovens às normas eclesiais e ao segmento de uma concepção específica de ação religiosa no mundo. Ademais, o próprio significado deste projeto passa a ser direcionado pela instituição, devido aos modelos evangelizadores terem distintas interpretações.

4.2 Recepção dos agentes: inverno pastoral

Os investimentos da IC nos projetos evangelizadores de juventude, desde a publicação do *Documento 85* em 2007 até a JMJ no Rio de Janeiro, têm criado um novo cenário na organização das expressões que atuam com os jovens, especialmente após a criação do SJ. Buscando empreender uma análise que considere a lógica da seleção, seguindo o esquema neweberiano já apresentado neste trabalho, pretende-se reconhecer como se dá a recepção dos agentes da PJ (plano micro) em relação às mudanças propostas pela IC (plano macro). Deste modo, procuraremos identificar qual o entendimento dos militantes *pejoteiros* acerca das motivações da instituição para evangelizar a juventude e modificar seus métodos, bem como captar as impressões sobre a PJ, enquanto grupo que não é mais, necessariamente, hegemônico.

Nas entrevistas realizadas durante o trabalho de campo prevaleceu uma linha argumentativa que considerava a diminuição de fiéis como o principal elemento para justificar as mudanças metodológicas da IC no trabalho com a juventude. Ou seja, ao tentar reagir à diminuição de fiéis, a IC se utilizaria da juventude como uma estratégia para a manutenção do seu carisma. Mesmo diante de crises institucionais, em que suas mazelas foram escancaradas pela mídia global¹⁴⁷ e por seus posicionamentos dogmáticos não conectados com a

¹⁴⁷ Denúncias constantes de corrupção e pedofilia, especialmente no pontificado de Bento XVI.

modernidade, condenando práticas como o aborto, eutanásia e casamento homoafetivo, por exemplo, a IC enxerga na juventude caminhos para a renovação e aproveita das vulnerabilidades juvenis para oferecer sentidos e valores, apresentando um discurso atraente.

A juventude vê a igreja como um lugar que ela possa procurar pra ter um conforto espiritual, uma paz interior e um lugar onde ela possa colocar, junto com uma equipe, um sonho desse mundo diferente. Onde eu posso sair sem ficar trancado em casa, eu posso me divertir, ser feliz sem preocupação. E ela procura felicidade na igreja, ou seja, na verdade é uma procura de sentido pra vida. No meu ver, essa juventude espera encontrar dentro da igreja, não normas, nem regras, mas um acolhimento e uma busca de um sentido. Eu acho que a sociedade não está acolhendo e o lugar que eles buscam ser acolhidos é na igreja, porque a igreja tem esse espaço.¹⁴⁸

Ainda na juventude, a IC prevê a continuidade do seu projeto e embora carregue o peso da tradição, podendo levar tempo para se atualizar, demonstra abertura à novidade das atuais gerações. Nesse sentido, os documentos são entendidos, pelos entrevistados, como mecanismos para mobilizar uma ação que dê conta das demandas contemporâneas, exigindo reformulações nas estruturas. Se por um lado reconhecem que há interesse genuíno da IC na juventude, ao se preocupar com suas vulnerabilidades, os entrevistados não deixam de criticar os interesses subjacentes.

Nós vivemos um boom da juventude que nunca tivemos na história e a juventude é um espaço em potencial também pra tu formar ou formatar. A Igreja em alguns aspectos têm algumas posturas né (risos). Ou ela forma pra emancipar, pra tomar o sujeito protagonista, ou ela quer alienar e transformar todo mundo em ovelhinhas, que ficam sempre sob a tutela. Então eu percebo que a Igreja instituição, não a Igreja povo, percebe a juventude como um espaço em potencial nesse tempo, porque nunca tivemos tantos jovens e nunca mais teremos [...] então eu acho que a igreja tenta

¹⁴⁸ Assessor Joinville, entrevistado em 13 de dezembro de 2013.

aproveitar esse potencial que a juventude tem e também mostrar a sua força [...] dizer que a igreja ainda é forte, que ainda responde algumas questões mesmo no século XXI, acho que é fundamental pra se manter como instituição. [...] Eu espero que a igreja espere da juventude seja sujeito e protagonista, mas a gente tem um olhar muito surrado e às vezes não representa isso.¹⁴⁹

Para os militantes da PJ, a IC vê na juventude potencial de renovação que traria novidades na forma da disseminação da mensagem católica, exigindo constante atualização nos métodos para dialogar com as culturas juvenis. Porém, também há potencial de conservação da tradição. Nesse sentido, de acordo com os entrevistados, as ações da IC orientariam um comportamento obediente dos jovens, controlando os excessos das paixões e ideologias, que poderiam deteriorar os valores da doutrina. Além disso, o investimento teria como fim a garantia de mão de obra para os serviços nas comunidades e paróquias.

Há muitas pessoas dentro da igreja que às vezes têm uma visão de que a juventude deve ajudar a conservar os velhos jeitos de ser igreja e infelizmente eu acho que não é por aí o caminho. A juventude está pra renovar, pra ajudar a igreja a ter um rosto jovem, um rosto novo [...] não aceita mais coisas que muitas vezes são tidas como verdades da igreja e que não promovem a vida; a juventude quer coisas que promovem a vida dentro da igreja. Então tem que ver o que é essencial dentro da igreja, isso a juventude com certeza não abre mão e não vai nunca deixar de defender. Agora, o que é secundário não conte que a juventude não é muito parceira não. A juventude não gosta muito de velhos estigmas, coisas que a igreja absorveu durante a história, isso não tem um bom impacto na juventude.¹⁵⁰

Por mais que a abertura da IC para o trabalho com a juventude seja entendida como positiva, os entrevistados observam que as estratégias adotadas na renovação do projeto evangelizador juvenil católico brasileiro se distanciam dos grupos influenciados pela TL e

¹⁴⁹ Jovem Xanxerê, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

¹⁵⁰ Assessor São Miguel do Oeste, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

priorizam um discurso que valoriza a diversidade, sem abrir mão da unidade institucional. Outro aspecto mencionado é a disseminação de um discurso religioso que valoriza questões mais individuais e o incentivo a projetos intraeclesiais. Estas tendências podem ser percebidas desde os documentos oficiais das Conferências de Santo Domingo e Aparecida, realizadas nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI.

A CNBB se efetivou no distanciamento ainda maior das questões sociais. Tanto é que neste ano se negou a emitir uma carta de apoio aos movimentos sociais. [...] foi uma questão do MST, da luta pela reforma agrária. A CNBB não assinou uma carta que apoiaria a luta pela reforma agrária. Então veja que a postura política da igreja do Brasil também está diferenciada, está mudada.¹⁵¹

Nesta atualização dos projetos evangelizadores, constata-se que o modelo pentecostal ganha espaço e a IC se atualiza ao utilizar os meios de comunicação de massa para difundir sua mensagem, assim a RCC se torna atraente pela capacidade que tem, por exemplo, de reunir multidões. Por seguir nesta direção, compreendem os militantes da PJ, que a IC opta por um projeto mais conservador, em consonância com as agendas dos antecessores do papa Francisco.

Com essas mudanças de paradigmas, de conceitos, tanto sociais quanto eclesiais, a igreja foi virando pra um lado mais conservador e a PJ, por seguir essa linha da TL, uma teologia libertadora, conseqüentemente vai questionar muita coisa da própria instituição. Parece que houve um medo, um certo receio de questionamentos, receio da prática da pastoral sendo muitas vezes acusado de que PJ não reza, não tem espiritualidade. E tudo isso foi caindo numa linha mais conservadora. Daí vem, também o crescimento de muitas outras comunidades, de muitos outros movimentos eclesiais juvenis, também levando em conta uma teologia da prosperidade, uma teologia talvez de não tanta opção pelos pobres e pelos jovens, como disse Puebla.¹⁵²

¹⁵¹ Jovem Modelo, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

¹⁵² Assessor Chapecó, entrevistado em 12 de novembro de 2013.

Para o jovem de Saudades (2013) o investimento da IC em tendências pentecostais e midiáticas é equivocado, devido à valorização do individual sobre o coletivo e pela lógica de mercado que orienta o discurso, distanciando-se do projeto cristão. Carranza (2005, p. 392), ao analisar o apelo midiático do catolicismo contemporâneo, também observa que a utilização da mídia moderna pela IC tradicional não torna imune a possibilidade de assumir a lógica de mercado, mesmo querendo sacralizar o meio para fins “santos”. Sendo assim, não é possível sacralizar os meios de comunicação e é inevitável que a cultura religiosa seja submetida às suas regras.

Então é de questionar mesmo a nossa estrutura da igreja. Até que ponto tudo isso é testemunho? Não vejo testemunho nenhum. São referências pra mídia, mas não pro jovem. E daí a gente trabalha tanto para evangelizar a juventude e vem lá um artista dar um testemunho, mas ele não vai ser testemunha de Jesus, ele vai ser testemunha da mídia, de marketing. Então é revoltante!¹⁵³

Procurando analisar as causas que levaram a IC criar novas estruturas, resultando na perda de hegemonia da PJ frente a outros grupos, entende-se que há choques com o discurso da instituição sobre variados assuntos: homossexualidade, aborto e a posição da mulher na hierarquia. As interpretações da PJ acerca dessas temáticas vão de encontro às referências morais e a doutrinárias da IC e, por conseguinte, “A PJ é vista como uma ameaça, como algo que não é tão pacífico de se ver”, conforme avalia o assessor de Chapecó.¹⁵⁴ Ao reformular seus projetos evangelizadores, na interpretação dos entrevistados, a intenção da IC estaria voltada à manutenção do controle das estruturas e discursos. Conforme o relato do jovem liberado da Diocese de Chapecó, citando uma carta que foi encaminhada ao bispo e a Roma, na qual os pejeiteiros foram acusados de heresia e apologia ao comunismo, o controle dos discursos é feito não somente pela hierarquia da IC, mas inclusive por membros de outros modelos evangelizadores.

E aí a Pastoral da Juventude faz esse debate das questões sociais e como hoje o discurso é outro, aí a PJ não representa mais e a igreja investe em outro modelo de evangelização [...] a estratégia

¹⁵³ Jovem Saudades, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

¹⁵⁴ Assessor Chapecó, entrevistado em 12 de novembro de 2013.

dos bispos é: “nós perdemos o controle das Pastorais da Juventude, então vamos acabar com ela”. [...] “Então, vamos investir nessas formas de evangelização da juventude, porque é isso que vai dar gente pra nós, não vai precisar discutir nada disso, é muito mais fácil para alienar” [...] “Daí eles não questionam os casos de pedofilia, de corrupção”. Tem quem não questione para não ser condenado, para não ir para o inferno. [...] Nós somos acusados de comunistas, porque a gente faz um debate dos modelos de uma sociedade desigual e pregamos transformar a sociedade e acabar com as realidades opressoras, mas isso não significa que a gente seja comunista.¹⁵⁵

A falta de atualização na metodologia, a forma como concebe a dinâmica de funcionamento dos grupos juvenis, a estrutura burocrática, a pouca penetração nos ambientes universitários, a predominância de trabalho com os adolescentes e o excesso de preocupação com a militância política e social, desvinculada da espiritualidade, foram apontados nas entrevistas como os pontos frágeis da PJ e que poderiam ser elementos levados em conta pela CNBB quando formulou o SJ e a Pastoral Juvenil para serem as novas estruturas organizadoras da ação evangelizadora para os jovens.

Acho que a Pastoral é frágil ainda em apresentar uma proposta mais concreta. Eu acho que a Igreja é frágil em apresentar uma proposta mais concreta nesse tempo. Acho que ninguém sabe né, é tudo muito novo, é tudo muito rápido [...] talvez o Setor seja um grande impulsionador pra que a gente se liberte das nossas estruturas arcaicas. A Pastoral também tem algumas estruturas arcaicas que não servem mais. A gente precisa dar esse passo de coragem, dizer: - não agora precisamos ser diferentes em alguns aspectos, precisamos avançar também!¹⁵⁶

Há compreensão, por parte dos entrevistados, de que a IC segue na direção de contemplar a diversidade pelo reconhecimento de outros grupos, gerando aprendizados e consciência de unidade, e em geral há

¹⁵⁵ Liberado PJ Chapecó, entrevistado em 12 de novembro de 2013.

¹⁵⁶ Jovem Xanxerê, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

abertura a esta dimensão. A proposta de acolhida da diversidade aproxima os movimentos eclesiais leigos da hierarquia e evita isolamentos e rivalidades, integrando os trabalhos nas comunidades locais. No entanto, nota-se o surgimento de novos grupos juvenis com identidade híbridas, ou ocorre o efeito de homogeneização, em que as identidades dos movimentos e pastorais são afetadas e, em alguns casos, os grupos deixam de existir.

Na prática, em algumas dioceses de Santa Catarina, foi colocado tudo no mesmo espaço, dizendo algumas coisas que teriam que ser feitas em comum, junto, esquecendo algumas identidades. E isso é um crime, porque a diversidade tem que agregar e não abafar, não de qualquer forma tentar calar.¹⁵⁷

Para os pejoteiros entrevistados, as novas orientações da IC criaram, portanto, um cenário de *inverno pastoral*, dificultando suas ações nas comunidades. Para eles há desconfiança em relação ao porvir, por não estar claro o que as mudanças possam gerar, contudo sentem que a PJ está sendo afetada, tanto que em algumas dioceses chegou a ser extinta. Captando o sentimento de prejuízo exposto pelos militantes da PJ, compreende-se que é fundamental perceber que a IC não repete a estratégia utilizada com a JUC, durante o período do regime militar, quando extinguiu o projeto evangelizador. Ao publicar o *Documento 85* e o *Estudo 103* a CNBB não elimina a PJ e orienta que esta não deve ser a direção. Para os membros da PJ, conforme comenta o liberado da PJ de Chapecó, as impressões são distintas:¹⁵⁸ “Em 2007 talvez eles não quiseram oficializar por respeito [...] mas tá vindo de uma forma meio camuflada. Se começa tirando os espaços, tirando os apoios. Não é uma morte escancarada”. Concordando com este ponto de vista o assessor de São Miguel do Oeste complementa: “hoje a PJ em nível de Brasil está órfã e não tem como negar. A igreja deu já deu sinais nítidos de que não quer mais a PJ e quer achar outro jeito de fazer a evangelização da juventude. A PJ não é mais prioridade”.¹⁵⁹ Já na opinião do jovem da cidade de Modelo,

¹⁵⁷ Assessor Chapecó, entrevistado em 12 de novembro de 2013.

¹⁵⁸ Entrevistado em 12 de novembro de 2013.

¹⁵⁹ Assessor São Miguel do Oeste, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

A Pastoral da Juventude está sendo, no mínimo, não vou dizer marginalizada, porque eu vejo que esse processo tá se consolidando (risos), mas ela é deixada vamos dizer assim: “caminhem como vocês quiserem caminhar, porque a gente não vai dar tanto suporte pra vocês não, vocês vão estar presentes sim pra decidir algumas coisas, mas não vai ser mais só vocês...” [...] O que a CNBB faz hoje, o que algumas dioceses fazem hoje, não vou dizer dismantelar a PJ, mas é não dar mais ressonância pra proposta que a Pastoral da Juventude já tem desde os anos 80. Hoje se prefere pra igreja, o que me parece, é que se prefere um jovem muito mais que junta as mãos e diz amém, que aquele jovem que bota uma camiseta e pega uma bandeira na mão e vai pra rua protestar. [...] Isso é o que eu percebo, é uma apelação mais para a conversão pessoal, do que a conversão social. Esse é o sentido que eu percebo de todas essas políticas que faz a igreja.¹⁶⁰

Como já visto, por meio do documento 85 a CNBB lança o SJ e pouco tempo depois, com a publicação do *Estudo 103*, o termo *Pastoral Juvenil* passa a ser adotado, mesmo sem ser aprovado oficialmente. Estas novidades, para os pejoteiros, tendem a gerar confusões em diversas esferas de organização: “foi muito rápido esses documentos, em questão de cinco anos mudou duas vezes. Isso deforma [...] parece que querem sufocar a PJ e hoje a gente sofre muito com isso”.¹⁶¹ No entendimento dos jovens as mudanças deveriam ser mais processuais e dialogadas, pois dificultam o trabalho da PJ nas bases.

Parece que o Setor veio pra engolir algumas coisas e a Pastoral da Juventude no meu ver é uma delas. Tipo esse ano no anuário da diocese não tinha a PJ, que foi colocada depois. Por que isso aconteceu eu não sei. E esse ano há uma pergunta nos bastidores: precisa colocar? [...] Em alguns lugares já se destruiu a nível diocesano [...] Não há um conflito aberto, nem uma rixa, mesmo porque eles reconhecem o bom trabalho desenvolvido pela nossa equipe. Mas se está se

¹⁶⁰ Entrevistado em 9 de novembro de 2013.

¹⁶¹ Jovem Saudades, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

desenvolvendo um bom trabalho, por que querer tirar? [...] A igreja perdeu de novo o controle sobre a ação das Pastorais da Juventude, principalmente do meio popular, estudantil e rural; a PJ especifica ainda tinha um certo controle, mas com os demais não. Então o que se faz? Vamos lançar o setor, juntar tudo numa panela só. A minha leitura disso é que a formação do setor nada mais é que retomar o controle sob uma situação, na área de evangelização juvenil e a PJ acaba, como tá acontecendo em muitos lugares, sendo extinta. Assim, como foram extintos alguns grupos da Ação Católica, mas isso não entra na história, que surgiu isso pra extinguir. Não pode entrar na história, porque mancha.¹⁶²

Para o coordenador da PJ de Joinville, a proposta de acolher a diversidade de expressões evangelizadoras pela IC, com o SJ, é uma estratégia política eficiente, pois garante à instituição um discurso de abertura democrática e facilita o controle, ou seja, ao incluir outros grupos mais obedientes, atinge facilmente a maioria nos espaços deliberativos, sem arbitrariedade. Contudo, observa que se a intenção era desarticular a PJ, o projeto não teve êxito pelas reações dos agentes.

Talvez onde deu pra desarticular deu, conseguiram, mas vejo que agora eles vão ter que criar um processo um pouco mais forte se esse for o objetivo. Nós Pastoral da Juventude conseguimos, mesmo não sendo mais a prioridade, não deixar de ser igreja e dizer para uma igreja que não nos referenda, que nós a referendamos como igreja. Seria cruel demais para a Igreja dizer que “nós não queremos mais vocês”. Então os documentos vão ser bem claros ao falar da importância da Pastoral da Juventude, ao dizer que a PJ não deve ser extinguida, quebrada ou tirada do seu protagonismo por conta dessas estruturas feitas a partir do documento 85, porém a prática é outra. A prática é de algo que vem mais assim exclusivamente pra quebrar mesmo a estrutura da PJ, no seu sentido de organização. [...] Mas a PJ conseguiu ver que

¹⁶² Assessor Joinville, entrevistado em 13 de dezembro de 2013.

talvez existiam caminhos que a gente conseguiria garantir a sobrevivência [...] Se talvez a ideia era confundir ao ponto de a gente não se encontrar, não deu certo.¹⁶³

Dentre as estratégias da CNBB, a utilização do termo Pastoral Juvenil, tem sido interpretada pelos pejeiteiros como controvertida. O termo surge, a partir do *Estudo 103* como a instância que abrange todas as expressões evangelizadoras juvenis do Brasil, entretanto os membros da PJ reclamam que a CNBB o está resignificando de maneira inapropriada. Para eles, a tradução de *Pastoral Juvenil* da língua espanhola e utilizada amplamente na IC latino-americana, corresponde à Pastoral da Juventude brasileira e porta uma teologia específica, ao contrário da tradução sugerida no estudo da CNBB, publicado em 2013.

Parece que a CNBB se apropria desse termo *Pastoral Juvenil* pra dizer outra coisa que não Pastoral da Juventude [...] e ah meu Deus do céu eu vejo isso de um jeito... “Tá, agora é Pastoral Juvenil, ou seja, não são vocês da Pastoral da Juventude” [...] O sentido que a CNBB e alguns padres e bispos se apropriam disso é justamente pra... é até complicado chamar isso de golpe, mas pra tirar esse destaque da Pastoral da Juventude e colocar pra outra coisa. Com certeza, se a gente fala em Pastoral Juvenil, a partir do projeto de evangelização do CELAM, o Civilização do Amor, a gente fala em Pastoral Juvenil para os países de línguas espanhola e pro Brasil é PJ, porque o que tá na Civilização do Amor, toda a base é Medellín e Puebla. É também Teologia da Libertação que tá ali. É de encontrar o jovem na sua realidade, de fazer o processo do ver-julgar-agir com o jovem. Então, tudo isso tá em consonância, mas daí como tem esse Pastoral Juvenil agora, se aproveita pra dizer outra coisa. Isso aí, pra dizer: “estamos em consonância com o projeto latino-americano, nós vamos fazer a Pastoral Juvenil”. Tá, mas e a PJ fica onde? Não fica né!¹⁶⁴

¹⁶³ Coordenador PJ Joinville, entrevistado em 19 de novembro de 2013.

¹⁶⁴ Jovem Modelo, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

Pelas entrevistas, pôde-se perceber que a apropriação do termo gera confusões, tanto que a maioria dos entrevistados preferiu não opinar a respeito, ao declarar não ter conhecimento acerca do *Estudo 103* da CNBB e do conteúdo do *Civilização do Amor*, produzido pelo CELAM. Mesmo assim, foi apontada a possibilidade de que novos significados estariam sendo atribuídos, porque um novo grupo de bispos, padres e assessores estariam à frente dos projetos evangelizadores no Brasil.

Ainda vale muito estudo sobre o estudo 103, mas a Pastoral Juvenil latino-americana é construída a partir do *Civilização do Amor* que é do CELAM e, historicamente, a tradução nas ações foi a Pastoral da Juventude. Criam agora a Pastoral Juvenil no Brasil, que nunca traduziu o *Civilização do Amor*, negando uma identidade. Negam a história que a Pastoral da Juventude sempre fez, mas hoje a gente cria a Pastoral Juvenil, porque existem outros interesses.¹⁶⁵

Conforme parte dos jovens entrevistados há um problema de coerência por parte da CNBB quanto à finalidade desta estratégia de apropriação do termo, porque o projeto latino-americano de IC e o atual projeto brasileiro apresentariam dissonâncias. Observando este aspecto da tradução ao utilizar *Pastoral Juvenil*, compreende-se que a CNBB adota uma estratégia poderosa, pois quer imprimir uma identidade que se apresenta como forma ideal para o trabalho de evangelização dos jovens, embora exista a possibilidade de colocar em jogo as identidades dos grupos já existentes.

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. [...] Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. [...] Fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. [...] Normalizar significa eleger – arbitrariamente

¹⁶⁵ Liberado PJ Chapecó, entrevistado em 12 de novembro de 2013.

– uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é ‘natural’, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade (SILVA, 2000, p. 82-83).

Sendo a Pastoral Juvenil esta identidade eleita como a ideal, nasce algo novo nas relações até então estabelecidas, entre as expressões juvenis. Além disso, uma possível consequência em relação aos modelos evangelizadores é o efeito de hibridização das identidades.

A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. Não se pode esquecer, entretanto, que a hibridização se dá entre identidades situadas assimetricamente em relação ao poder. [...] A possibilidade de ‘cruzar as fronteiras’ e de ‘estar na fronteira’, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter ‘artificialmente’ imposto das identidades fixas. O ‘cruzamento de fronteiras’ e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade (SILVA, 2000, p.87 e 89).

Além da possibilidade de gerar grupos híbridos, as novas diretrizes da IC para a evangelização da juventude, a depender das interpretações e contextos, podem levar à extinção de grupos da PJ ou dos movimentos eclesiais nas paróquias e comunidades, à mimetização as estruturas organizacionais, aumentando a burocracia para as lideranças e incorporando as atividades que eram dinamizadas pelos grupos até então estabelecidos, e à hibridização das identidades dos grupos juvenis. Estas consequências, percebidas nas dioceses de Santa Catarina conduziram as lideranças da PJ a uma série de reflexões e reações, conforme debateremos a seguir.

4.3 Rumo à primavera pastoral? Reações dos pejoteiros

Invadida por um colorido de jovens envoltos em bandeiras dos estados brasileiros, que formavam uma colcha de retalhos humana, a imponente Catedral de Maringá foi palco de um acontecimento simbólico na tarde de 11 de janeiro de 2012. O que era para ser a missa – ritual católico - de abertura do 10º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude (ENPJ) se transformou em um ambiente reativo, no qual os jovens militantes comunicaram ao clero sua posição acerca das novidades apresentadas a partir do *Documento 85* com a proposta do SJ.

No presbitério, padres, bispos e até o presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude assistiram a aproximadamente 700 jovens, representantes de todos os regionais da CNBB, entoarem e repetirem com vigor, enquanto participavam do ritual sagrado da eucaristia, a música: Se calarem a voz dos profetas.¹⁶⁶ Com os braços erguidos e punhos cerrados, os jovens cantavam convictos e suas vozes ecoavam o refrão, como em protesto: “É Jesus este pão de igualdade, viemos pra comungar, com a luta sofrida de um povo que quer: ter voz, ter vez, lugar. Comungar é tornar-se um perigo, viemos pra incomodar, com a fé e a união nossos passos um dia vão chegar”. Este ato, registrado na observação participante, é entendido nesta análise como símbolo de resistência, no sentido de reafirmação dos princípios que identificam a PJ e foi repetido incontáveis vezes ao longo do encontro.

Seguindo esta linha interpretativa, o 10º ENPJ pode ser compreendido como o evento responsável pela inauguração de uma nova fase dos projetos evangelizadores da PJ. Ao entregar para cada participante o subsídio de estudo *Somos Igreja Jovem – Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer* (2012), coordenação nacional e comissão nacional de assessores indicaram as diretrizes de ação para as bases. Tal instrumento, composto de informações sobre a história, projetos, valores e espiritualidade do modelo evangelizador, tem como objetivo a disseminação e aprofundamento da identidade da PJ.

Tendo como eixo “um jeito de ser e fazer” e, como estribilho, “SOMOS IGREJA JOVEM”, colocamos muita esperança neste instrumento. Ele, na sua razão de construção, sempre pautou a importância da articulação da caminhada pastoral como ação pedagógica, que se constitui com e para os jovens que procuram ser a Igreja da Boa-

¹⁶⁶ A letra da canção consta no Anexo B.

Nova e das utopias, lugar da realização do sonho de Deus e do projeto de Reino para a humanidade. Essa publicação carrega em si um momento e uma época no percurso da caminhada da Pastoral da Juventude rumo à construção do Reino de Deus, uma pastoral movida pelo compromisso histórico com os jovens empobrecidos, sujeitos da novidade e dos direitos (SILVA et al. (orgs.), 2012, p. 7-8).

Nota-se então que, a partir do ENPJ o discurso segue uma orientação no sentido do não-enfrentamento às autoridades religiosas e evitando conflitos, com outros grupos, pela recuperação do *status* de hegemonia. A estratégia, portanto, ao reformular os projetos nacionais, indica intensificação no trabalho formativo que difunda os conteúdos pejoiteiros em todos os seus níveis de organização, especialmente junto aos jovens nos grupos de base, para garantir a sobrevivência do carisma.

Como resposta ao cenário de *inverno pastoral* em que a PJ julgou se encontrar, conforme os relatos já apresentados, distintas reações em nível nacional, regional e nas dioceses catarinenses foram geradas e nelas recairá o olhar analítico. Para o assessor de Chapecó¹⁶⁷ os novos contextos obrigaram a PJ a redefinir suas estratégias de ação: “Quando a gente tá mais fraco e ameaçado é que a gente vai tentar buscar outro jeito de se reerguer. Em algumas dioceses foi isso que aconteceu, a PJ conseguiu fortalecer as bases, os grupos e tocar pra frente”.

Já na diocese de Chapecó, onde o SJ não havia sido implantado até 2013, mesmo diante de cobranças de outros segmentos evangelizadores e do bispo, as lideranças da PJ, compreendendo a sua instituição como um caminho irreversível, optaram por aprofundar os estudos no *Documento 85* e realizaram um encontro com representantes das congregações e movimentos. Porém, em vez de chamar SJ, batizaram o encontro como *Espaço Comum*. Tal estratégia, responde à demanda da criação de uma estrutura conjunta, e ao mesmo tempo reduz danos para a PJ, ao não institucionalizar nenhuma estrutura.

Não se usou o nome Setor Juventude, até porque muitas outras experiências que a gente acompanhou foram muito trágicas ou foram forçadas. Se extinguiu alguma coisa, se criava outra e na mesma hora não tinha processo, nem debate, nem reflexão. Então a gente preferiu usar o termo Espaço Comum, que é um espaço de

¹⁶⁷ Entrevistado em 12 de novembro de 2013.

partilha, onde essas pastorais, essas entidades, organismos, movimentos se reúnem pra partilhar o que eles trabalham em relação à juventude e aí, a partir disso, talvez agora continuando o diálogo se vá tirando algumas atividades em comum. Mas, desde que esses segmentos interiorizem isso como algo bom, ninguém forçando o Setor Juventude acontecer, a ser imposto ou algo assim. Foi deixado bem claro que o diálogo é interessante e acresce muito pra todos os que participam, mas que isso é algo que ia sendo construído gradativamente, respeitando as identidades, respeitando os espaços de cada um, tentando propor algo em conjunto, pra fortalecer também o trabalho com a juventude.¹⁶⁸

A estratégia de criação de uma estrutura com nome distinto ao que a CNBB orienta é vista, pelos próprios agentes, como um paliativo, mas de efeitos positivos pelo processo democrático que propõe e por gerar a possibilidade de integração. Por outro lado, ainda é possível notar um entendimento de que a PJ possui a hegemonia e não está disposta a perder este *status*.

Trabalhar em consonância é uma coisa, fazer processo é uma coisa, agora impor que tem que ser trabalhado em consonância é diferente né. “A gente poda a Pastoral da Juventude pra colocar em evidência também os outros”. E nesse modelo que a diocese tenta fazer a gente abre esse espaço pra trabalhar junto em consonância, mas não quer dizer que a Pastoral da Juventude deixe de ser prioridade, justamente pela questão histórica da organização que a gente já tem. A gente não pode jogar fora toda a organização que a gente já tem de grupos de jovens, de coordenações e tudo pra: “não, agora nós vamos ter que botar em evidência alguns outros movimentos que talvez não sejam tão abrangentes como a PJ está sendo na nossa realidade”.¹⁶⁹

¹⁶⁸ Assessor Chapecó, entrevistado em 11 de novembro de 2013.

¹⁶⁹ Jovem Modelo, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

Embora mascare resistência, no sentido de não aceitar passivamente a implantação do SJ, segundo os entrevistados, a PJ de Chapecó procura também se atualizar e encontrar novos métodos para comunicar sua mensagem e cativar os jovens. Logo, garante sua continuidade participando dos debates que elaboram as diretrizes evangelizadoras, realiza encontros de estudos, visando ao empoderamento dos agentes quanto ao discurso oficial da IC e valoriza atividades formativas para lideranças, projetando a formação de agentes “conscientes” sobre o projeto ‘pejoteiro’ e assim descentraliza os conteúdos das esferas intelectuais, que chegam às bases. Sobre a sua estrutura organizativa, a PJ de Chapecó aposta em iniciativas que deem conta de fortalecer aspectos da espiritualidade, mas também da atuação política e social, e aprimora seus mecanismos de comunicação. Por fim, preocupa-se intensamente com a identidade e mobiliza recursos simbólicos, recuperando de modo constante, nos encontros, determinados acontecimentos da sua trajetória, para justificar a potencialidade e virtudes na tarefa evangelizadora.

A gente não vai deixar perder a identidade, porque a gente tem uma história, uma caminhada e a gente precisa zelar por isso [...] Então o cuidado que a gente tem que ter de trazer presente, de fazer memória também da caminhada diocesana, que é uma história muito bonita [...] De Dom José Gomes com os movimentos sociais, com o MST, com os índios [...] se tem toda uma caminhada que faz valer a pena continuar e lutar contra isso. A gente não tá sozinho nessa caminhada.¹⁷⁰

Diferenciando-se da diocese mais ocidental de Santa Catarina, no sentido de ter o SJ implantado oficialmente desde 2011, as reações dos *pejoteiros* em Joinville têm se concentrado mais em ações internas para manter a identidade da PJ legitimada e se distancia de enfrentamentos com a hierarquia da IC. Na Diocese de Joinville, onde existem cerca de 30 expressões evangelizadoras de juventude, a PJ não é o grupo majoritário. Embora tenha sido o modelo hegemônico até 2007, a trajetória da PJ é marcada por conflitos com outros grupos que reclamavam reconhecimento, e assim, desde 2008 foi iniciado o processo de criação do SJ, coordenado pelo clero que abafou disputas internas e rivalidades.

¹⁷⁰ Jovem Saudades, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

Vejo com bons olhos a articulação do Setor Juventude na diocese de Joinville. Vejo que veio pra somar e pra dialogar e a gente conseguiu esse espaço na diocese e que nos dá muita credibilidade. Nós somos ali uma das cabeças, no processo de articulação. Muito influente no processo de decisão e eventos, não por mérito de uma pessoa ou outra, mas por conta de um processo que a gente tem até para ajudar numa organização de algo que não existia [...] Nós percebemos que nós conseguimos caminhar juntos. Que o Setor até referendou algumas coisas da pastoral e ajudou pra que nós tivéssemos mais espaço como igreja.¹⁷¹

Inicialmente o SJ foi criado com o objetivo de organizar alguns eventos diocesanos em conjunto e a PJ acolheu este projeto, adaptando sua estrutura organizativa. Na avaliação do coordenador da PJ, o SJ não prejudicou os grupos de base, nem dos demais modelos evangelizadores. O que gerou prejuízos, foram interpretações das lideranças e do clero nas paróquias e comunidades, que conceberam o SJ como um carisma e instância local, criando, inclusive, grupos com esta denominação.

Para lidar com essas situações em que a PJ foi desarticulada, a coordenação diocesana passou a organizar visitas às paróquias e assim garantir a comunicação com o clero e lideranças. Também investiu em projetos de formação de novos líderes jovens e priorizou o acompanhamento dos militantes e assessores aos grupos de base, para auxiliar nos processos de iniciação dos jovens. Tais ações têm como foco o fortalecimento da identidade da PJ, visto como uma estratégia eficaz para lidar com a desarticulação.

Trabalhar a identidade é o que mais tenho feito e tenho feito com muito gosto. É proporcionar a eles o conhecer, você se identificar [...] É fazer eles perceberem a identidade deles. Isso é o que a Pastoral tem feito é o trabalho que eu faço e acho que tem funcionado, pra você poder ajudar mesmo a juventude. “Eu sou assim, mas eu não sabia que eu era. Eu era PJ e nem sabia”. Você ouviu muito disso e depois eles levantando a bandeira com maior amor, é tão bonitinho (risos). [...] eu vejo

¹⁷¹ Coordenador PJ Joinville, entrevistado em 19 de novembro de 2013.

que a PJ pode ainda trabalhar a identidade, porque primeiro você tem que firmar o que você é. Firmando o que você é, você consegue depois fazer todo o trabalho com a juventude [...] Então eu vejo assim, que com toda essa implantação do Setor, Pastoral Juvenil, o que a gente tá fazendo e deve fazer é firmar a identidade, porque se o grupo é PJ não vai interferir o Setor, não vai interferir a Pastoral Juvenil, porque eles sabem o que eles são e eles vão trabalhar isso e vão levantar a bandeira. Somos da PJ indiferente do que aconteça. Mas se você não trabalha a identidade, não sabe o que você é, aí vai chegar um que vai mudar, vai chegar o próximo que vai mudar e vai virar essa confusão.¹⁷²

Outra estratégia adotada pela PJ de Joinville é estabelecer parcerias com pastorais afins como as CEBs e as Pastorais Sociais: “A gente está aprendendo a fazer parceria, as pastorais sociais confiam muito na gente e a gente quer que nos defendam em alguns espaços”.¹⁷³ Também entende-se como fundamental a participação nas instâncias deliberativas e consultivas como o Conselho Diocesano de Pastoral.

Não ser apático e dizer: ah eu não vou, porque não é meu espaço. Onde você não está no processo que a gente está tendo com a questão do Setor e a Pastoral Juvenil [...] é visto como se você não queira participar. E se você não quiser participar eles vão colocar outro movimento, outra pastoral que tá lá pra obedecer [...] Então a gente se insere nos espaços que são possíveis se inserir pra atuar e fazer a diferença neles como Pastoral da Juventude.¹⁷⁴

Mesmo que as estratégias das lideranças não almejem recuperar a hegemonia e sejam evitados conflitos com a hierarquia, há tensões. Conforme os entrevistados, o SJ de Joinville realiza investidas no sentido de mimetizar as estruturas organizativas idênticas a PJ e pleiteia assumir suas atividades.

¹⁷² Jovem Joinville Norte, entrevistado em 22 de novembro de 2013.

¹⁷³ Assessor Joinville Sul, entrevistado em 30 de outubro de 2013.

¹⁷⁴ Coordenador PJ Joinville, entrevistado em 19 de novembro de 2013.

Tá se tendo a ideia de setor em paróquia, comarca, que eu não sei como vai funcionar. Ok, vamos fazer um setor na paróquia, vamos convidar os jovens. Aí eles vão ter uma reunião pro setor, uma reunião pra coordenação interna de cada pastoral e movimento, uma reunião da comarca, uma reunião da diocese e daí termina quando essas reuniões pra fazer alguma coisa? Não é mais fácil os coordenadores diocesanos de cada pastoral e movimento estarem unidos e integrados e passar numa reunião só pras comarcas ou paróquias? Porque cada um tem já o seu trabalho, tem a sua agenda, as suas coisas e sobrecarrega muito. No documento, ao mesmo tempo que traz o setor, lá ele diz assim: o setor deve cuidar para não sobrecarregar o trabalho das pastorais e movimentos, congregações, ministérios e tudo mais. Enfim, para que nenhum deles seja consumido.¹⁷⁵

Estas iniciativas são condenadas e há resistência, pois, no entendimento dos líderes fere a identidade da própria PJ e foge aos propósitos do SJ. “A gente percebe que o Setor suga tudo isso da PJ pra nos fazer de *ovelhas e não cabritos*.¹⁷⁶ A ovelha você cuida e ela é quietinha, já o cabrito berra e reclama. Eles nos querem as vaquinhas de presépio e a gente não é”.¹⁷⁷ Neste sentido, acalorados debates foram realizados para que os projetos como DNJ, Missão Jovem e a Escola de Lideranças Juvenis continuassem sendo conduzidos pela PJ e que não fossem criadas estruturas além das diocesanas, para evitar burocratizar ainda mais a organização.

Todos os eventos da Pastoral da Juventude na diocese o Setor queria pra ele. Vamos organizar como setor o DNJ, a Missão Jovem, a Escola Juvenil, então houve o que? Houve necessidade de

¹⁷⁵ Coordenador PJ Joinville, entrevistado em 19 de novembro de 2013.

¹⁷⁶ Esta expressão, utilizada em vários momentos das entrevistas, foi cunhada pelo primeiro assessor nacional da PJ, o jesuíta Hilário Henrique Dick. Desde 1981 é um dos teóricos desta organização, contudo foi afastado dos quadros de referência da CNBB e faz oposição aos projetos recentes de evangelização juvenil. Em 2012 foi proibido pelos bispos catarinenses de assessorar nas dioceses do estado após polêmica aula no curso de Especialização em Juventude, Religião e Cidadania, organizado pela Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC).

¹⁷⁷ Assessor Joinville Sul, entrevistado em 30 de outubro de 2013.

uma defesa. De dizer “não, espera aí, isso é nosso, tem a nossa cara, a nossa identidade, por que vocês querem mexer no que é nosso e nos outros não? Então vamos botar tudo na mesma panela, os projetos dos outros também! Vamos colocar a dança sacra, vamos colocar o Queremos Deus, o Hosana Jovem. Joga aí no meio também, por que que não tá jogando? Por que vai jogar só os nossos?” Subentende-se o quê? “Joga o de vocês, porque você não vão existir mais e vocês ajudam a gente a trabalhar aqui”. Então há uma resistência da Pastoral da Juventude com relação ao Setor, porque a gente se sente ameaçado, não porque o Setor é ruim, mas porque a gente viu quantos irmãos nossos de caminhada, pejeiteiros, acabaram sendo dizimados do seu trabalho.¹⁷⁸

Até aqui observamos as reações dos agentes da PJ frente à implantação do SJ nas dioceses e a partir de agora nos concentraremos em perceber como reagiram diante da JMJ. Este evento, de dimensões mundiais que reuniu cerca de 3,5 milhões de participantes pode ser entendido como um retrato do modelo atual de evangelização juvenil no Brasil. Com extensa programação catequética, a JMJ apresentou os valores da tradição religiosa de maneira moderna, estética e midiática, porém, mesmo almejando um formato atualizado à contemporaneidade, houve cuidados institucionais para que as atividades não ‘invadissem o mundo’, ou seja, evitassem o profano. Deste modo a programação oficial constitui-se de: catequeses, feiras vocacionais, via sacra, vigílias, missas diárias e shows musicais, conduzidos por grupos sacros, cujo fim se concentrou na doutrinação.

Imagens como a do penúltimo dia do evento, em que os jovens montaram acampamento nas areias de Copacabana e permaneceram em vigília silenciosa ao longo da noite, ajoelhados na praia e munidos de velas, crucifixos, terços e bíblias, foram largamente veiculadas pelos de comunicação. Os rituais realizados das areias de Copacabana reforçaram a tradição, causando efeitos na IC local e global, ao gerar um sentimento de unidade e universalidade. Ademais, o evento despertou o interesse de jovens que não estavam ligados aos grupos e animou os fiéis inseridos nas pastorais e movimentos ao reforçar, com o amparo da mídia brasileira, a imagem da instituição, que ainda possui a capacidade de atrair multidões.

¹⁷⁸ Assessor Joinville, entrevistado em 13 de dezembro de 2013.

À margem das instâncias de organização do evento, a coordenação nacional da PJ organizou atividades paralelas com o objetivo de firmar a identidade da organização e divulgar suas ações. No subúrbio do Rio de Janeiro,¹⁷⁹ distante do local onde ocorreram as atividades oficiais da JMJ, foi organizada a Tenda da Juventude, espaço carregado de símbolos de resistência, no qual se debateram temas referentes à violência que acomete a juventude no Brasil, realizaram-se celebrações e foi criado um Santuário dos Mártires, com imagens de militantes da IC, ligados à TL e que foram assassinados em nome da defesa dos direitos humanos.¹⁸⁰ Também foi organizada a Marcha Internacional Contra o Extermínio de Jovens.

As dioceses de Joinville e Chapecó reagiram de modos distintos à JMJ. Enquanto os grupos de jovens da PJ de Joinville organizavam eventos para baratear os custos de viagem e levar a maior quantidade de jovens possível, a PJ de Chapecó reagiu em protesto e não se mobilizou. Em Joinville o SJ organizou uma extensa programação antecedendo o evento mundial, com a peregrinação da cruz, missas, encontrões e formou sua caravana oficial com 30 ônibus, sem contar os grupos independentes. Já em Chapecó foi organizado apenas um ônibus e não se deu ênfase às atividades de preparação à JMJ.

No entendimento dos militantes da Diocese de Chapecó a JMJ é um retrato da situação de *inverno pastoral* que a IC do Brasil vive. As críticas nesse sentido recaem sobre a centralidade na pessoa do papa e no caráter midiático e massivo do evento, cujo objetivo se concentrou em agregar a maior quantidade de fiéis, mas também no dogmatismo pregado nas catequeses, na linha pentecostal assumida na liturgia e nos shows com padres e artistas sacros. Para os entrevistados, a JMJ gerou experiências individualistas e embora tenha possibilitado a integração de jovens de todo o mundo, não agregou nos processos evangelizadores que a PJ prega para a formação integral da juventude.

Eu acho que a JMJ foi uma grande investida da Igreja de tentar mostrar a sua força, de tentar mostrar sua capacidade de reunir multidões, de dizer que a juventude ama o papa, que a juventude ama a igreja, embora o Francisco tenha alguns aspectos positivos [...] eu penso que a igreja

¹⁷⁹ Paróquia Santa Bernadete, localizada no bairro Higienópolis.

¹⁸⁰ Durante a entrevista comentou-se que a ideia de martírio compartilhada entre os militantes da PJ é considerada por muitos setores da IC como heresia, porque não são mártires reconhecidos pela instituição.

tentou isso, mostrar-se forte diante da sua fragilidade com a juventude e com o seu modelo de evangelização. Tentou da pior, talvez não da pior, mas de uma maneira perversa: reunir jovens do mundo todo pra mostrar sua força ainda hoje. E pra PJ isso soou não como um espaço de vida, porque a gente acabou se desgastando demais [...] enquanto todo mundo gritava que era a juventude do papa e tal, cadê a juventude de Jesus que tem um projeto claro, um objetivo de vida, de acolher o pobre, de viver com o pobre? Onde estavam os jovens das favelas durante a JMJ? [...] a PJ se desgasta, porque prega um encontro pessoal com o Cristo jovem e libertador. Aí toda a investida da Igreja também em querer que o jovem se encontrasse com o papa, e vem uma investida forte dos setores, do SJ, de outros modelos, todos menos a PJ, porque a PJ discutia de uma maneira diferente a JMJ. [...] Daqui algumas pessoas da PJ foram, mas umas 20 no máximo [...] Talvez esse foi um grande erro metodológico, porque a gente teve esse olhar de aversão, de discutir criticamente a jornada e dizer que ela não era boa.¹⁸¹

Esta aversão, apontada pelos jovens militantes, à JMJ que criticava a metodologia do evento e a centralidade na doutrinação, não foi exclusividade da PJ de Chapecó. Conforme o coordenador do SJ de Joinville, nas reuniões estaduais em que foram debatidas ações conjuntas das dioceses para participar do evento, percebeu-se a posição contrária das lideranças pejeiteiras, entendida pelo jovem como desobediência e falta de consciência unitária.

Nas reuniões que eu tive ouvia muitos comentários negativos da JMJ pela PJ. Havia muito deboche em cima da Jornada, que não era necessário fazer [...] Eu queria muito que a PJ tivesse um respaldo de unidade, de realmente dar as mãos [...] Eu gostaria que a PJ pudesse ter vivido isso, sentido isso, de que realmente foi engrandecedor pra vida de espiritualidade e práticas pastoral.¹⁸²

¹⁸¹ Jovem Xanxerê, entrevistado em 9 de novembro de 2013.

¹⁸² Coordenador SJ Joinville, entrevistado em 23 de dezembro de 2013.

Interpretada pelos entrevistados da Diocese de Joinville, como um sinal de que a *primavera pastoral* poderia estar a caminho, a JMJ foi vista como um encontro no qual os jovens puderam se reencantar pelo projeto religioso apresentado pela IC e a PJ ganhou força ao ter seus discursos legitimados pela autoridade papal.¹⁸³ Nas paróquias da diocese os grupos da PJ ganharam visibilidade e o protagonismo dos jovens foi incentivado, embora focado em participar do evento.¹⁸⁴ A figura do novo pontífice também teve repercussão positiva para os jovens da PJ de Joinville, ao incentivar um resgate à dimensão missionária e de uma igreja mais aberta e atenta às demandas juvenis.¹⁸⁵ Para os entrevistados a JMJ teve novo sentido com a mudança do papado, pois havia sido projetada com Bento XVI, mas foi executada com Francisco e o novo papa apresentou um discurso mais próximo ao que a PJ defende em seus projetos evangelizadores, fortalecendo assim sua identidade.

Os que foram lá vieram radiantes, porque eles encontraram não a imagem do papa, mas as palavras dele. Então o papa veio e quebrou muitas estruturas daqui, principalmente da nossa diocese. Ele mostrou a igreja a serviço, ele mostrou uma igreja que não pode ficar fechada dentro da construção, mas realmente a igreja no sentido de igreja: de ir ao encontro, de sair de si, de se doar. E ele resgata isso que a nossa diocese no meu ver perdeu, que é um trabalho mais pastoral, um trabalho mais pé no chão, um trabalho mais junto ao povo. [...] Os padres hoje poucos sabem trabalhar com a juventude [...] há uma boa intenção, mas há uma falha na formação, principalmente no que se refere à juventude. Então o Papa veio quebrar isso, veio retomar esse processo nas suas palavras e nos seus gestos. Isso aflorou, porque o jovem não quer saber só de promessas ou de palavras bonitas, o jovem tem um anseio muito grande de transformação social, todos eles querem.

¹⁸³ Cabe ressaltar que as ações evangelizadoras debatidas neste trabalho foram elaboradas durante o pontificado de Bento XVI, contudo, quando o Papa Francisco foi eleito surgiram expectativas. Acredita-se que uma teologia mais latino-americana e mais próxima da TL deva ganhar espaço no interior da IC, afastando-se do modelo mais conservador vigente desde João Paulo II e dando impulso aos grupos ligados a esta tendência.

¹⁸⁴ Assessor Joinville Norte, entrevistado em 30 de outubro de 2013.

¹⁸⁵ Padre Joinville, entrevistado em 12 de dezembro de 2013.

De acordo com a assessora da PJ de Joinville, nesta visita ao Brasil, o novo pontífice trouxe alguns dos temas que são prioridade no seu governo frente à IC, com uma interpretação próxima da TL.

Ele vem fazer essa proposta pra igreja, então o jovem se achou o máximo ali. Eles vieram com gás total agora, porque o que eles ouviram é o que eles queriam fazer e muitas vezes eles eram barrados. [...] As falas do Papa foram muito ricas na caminhada da PJ, porque é exatamente o que ela fala, acredita e quer viver. Que é a mesma coisa que as CEBs e que as pastorais sociais sonham; que é essa ação mais humanitária e que a gente não encontra. [...] era normal ver no facebook o pessoal pegando a fala do papa, os pejoteiros, e dizendo assim: “é isso que nós estamos tentando falar há 10 anos e ninguém nos escuta, é isso que a gente sonha, é disso que a gente quer”. Então foi um solavanco e despertou muitos jovens pra entender e acreditar também na PJ e houve uma procura muito grande. A nossa última assembleia reuniu bastante gente, bastantes paróquias [...] Então deu um gás pra PJ, justamente porque mostrou que a gente não está aéreo, que a gente está realmente com o pé no chão e que o papa está com a gente. Que a gente está fazendo o que a igreja determina, o que a igreja quer e sonha.¹⁸⁶

Mesmo avaliando que a JMJ tenha despertado grupos de jovens somente para atuarem no evento e gerado algumas distorções nas interpretações dos documentos da CNBB, o coordenador da PJ de Joinville acredita que o saldo é positivo para a PJ do Brasil, que passou novamente a ter legitimidade a partir dos discursos do novo papa.

O Papa Francisco foi a luz, onde a PJ viu que ainda, além da suas forças, não contava somente mais com ela, tinha mais um cara a fim de trazer uma igreja que olhava pra vida das pessoas e não pros templos, não para os carros, não pros luxos, não pro oba-oba, mas pé no chão. E daí ele mudou o rosto da JMJ do Brasil, porque nunca seria

¹⁸⁶ Assessor Joinville, entrevistado em 13 de dezembro de 2013.

absolutamente nada do que foi, se ele não falasse. E não viria do papa Bento também, nada no sentido do que ele falou. Não viriam as atitudes que ele tomou, não viria a perspectiva que ele teve e do que a Igreja do Brasil deveria fazer. Então houve isso pra diferenciar um pouco a perspectiva da PJ no Brasil inteiro e daí até provocou que a PJ buscasse estar mais atuante na Jornada. Na realidade, talvez sem a PJ a perspectiva da JMJ não seria tão grande, porque efetivamente quem articula nas dioceses? Eu olho pras dioceses do nosso regional, nós somos dez dioceses e apenas duas não foram articuladas pela PJ para ir a JMJ. Só duas! E isso não é diferente nos demais regionais. Então, olhar pra ver como a PJ é influente nessa articulação, como é necessária e se motivou pra ir, pra estar, pra vivenciar com o Papa Francisco. Ele motivou muito esse olhar!¹⁸⁷

Observou-se ao longo deste subcapítulo que após as orientações da CNBB, com a criação de estruturas organizativas - SJ e a Pastoral Juvenil - a partir das quais a PJ deixa de ser o modelo hegemônico para a evangelização da juventude na IC no Brasil, distintas reações foram geradas em nível nacional, regional, bem como nas dioceses de Joinville e Chapecó, e pode-se concluir que os contextos e as opções político-teológicas diocesanas influenciam ou condicionam as opções de ações disponíveis. Nesse sentido, os agentes interpretaram as orientações da CNBB e os contextos em que atuam e formularam ações que podem ser orientadas ou não por racionalidades nos termos weberianos.

Ao se preocuparem com a identidade da PJ, os militantes mobilizaram ações racionais valorativas, pois defendem uma espiritualidade e discurso específicos, em que há preferência pelos pobres e combate ao capitalismo, sendo este sistema entendido como gerador de desigualdades sociais. O investimento em ações reativas que privilegiam a identidade torna-se então uma estratégia voltada ao fortalecimento dos grupos e prevê a sobrevivência da PJ, como uma opção de modelo evangelizador diante da diversidade de grupos que existem na IC. Em termos práticos, estas ações podem ser identificadas por meio do incentivo aos cantos e rituais próprios da PJ, pela utilização do anel de tucum, das bandeiras, camisetas, além dos materiais customizados com a cor vermelha e a logomarca, por exemplo.

¹⁸⁷ Coordenador PJ Joinville, entrevistado em 19 de novembro de 2013.

A identidade da Pastoral da Juventude é inegociável. Alguns princípios que a PJ segue são inegociáveis, por exemplo, viver a espiritualidade da forma que ela vive [...] Na prática o que se tenta fazer é fortalecer os grupos de base, que é isso que dá a cara da PJ. Não dá pra imaginar uma paróquia, uma diocese sem comunidades, não tem sentido de existir. E a PJ tá tentando fazer isso, fortalecer os grupos de base, difundir a história, difundir a espiritualidade, a mística da PJ, porque é disso que a PJ se mantém. Também fortalecendo as coordenações e tentando entrar nesse debate né, mesmo que pra garantir identidade, pra garantir esse direito de ser PJ, esse direito de fazer, de ser diferente [...] então, acho que esse é um direito que a juventude tem: escolhe ou se sente chamado a viver uma espiritualidade e é essa espiritualidade que ela vai viver.¹⁸⁸

Percebe-se também que há condutas guiadas pela tradição, nas quais a história da PJ é mobilizada por meio de um discurso nostálgico, cuja função é estimular a continuidade do projeto. É evitado o enfrentamento e conflitos com a hierarquia, devido à compreensão de que ações motivadas pela emoção, em geral, causaram perdas para a PJ, ou seja, quando conflitou com as autoridades religiosas, que possuem o domínio tradicional, respaldadas pelo carisma, pelas normas e com um aparato burocrático, a PJ teve seus quadros extintos.

Além dos tipos de ação social já mobilizados para analisar as reações dos militantes da PJ, conclui-se que a categoria weberiana das ações racionais com relação a fins é a de maior amplitude explicativa neste caso estudado. Ou seja, numa aparente atitude de passividade e subordinação retórica, as reações pejoteiras seguiram uma postura de aceitação da perda de hegemonia e evitaram-se cismas e afastamentos em relação às autoridades religiosas. Somado a esta atitude de concórdia há vasto investimento na especialização dos agentes, incentivando o estudo dos documentos oficiais da IC para aprimorarem seus argumentos nos espaços consultivos e deliberativos que a PJ ocupa, assim, o objetivo último está na busca de legitimação institucional e garantia de acesso a recursos simbólicos e materiais.

¹⁸⁸ Assessor Chapecó, entrevistado em 11 de novembro de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar sociológico empreendido neste trabalho se concentrou nas mudanças e rupturas do cenário religioso brasileiro, especificamente na IC nos últimos anos. Percebeu-se que no Brasil, mesmo inserido em um contexto de modernidade e seguindo um projeto secular, em que ferramentas racionalizadas auxiliam na organização da vida em suas diferentes esferas, a religião ainda é uma dimensão privilegiada, por fornecer questões de sentido.

A adesão dos fiéis religiosos brasileiros tem mudado em sua forma: menos vinculada a simples transferência da tradição e mais racionalizada, ou seja, diante de uma diversidade de opções no ‘mercado religioso’, o ingresso e a permanência em alguma igreja têm se dado de modo voluntário e consciente. Além disso, os censos demográficos têm atestado redução de fiéis na IC no Brasil, levando a instituição a reformular seus projetos evangelizadores e a renovar sua relação com o mundo e com seus seguidores. Então, passar a realizar ações de abertura à participação dos leigos em espaços acessados, anteriormente, apenas pelo clero.

Nessa direção, a Ação Católica e o Concílio Vaticano II foram iniciativas que despertaram reformas na IC e a partir deles na América Latina foi abraçado um modelo de evangelização influenciado pela TL que gerou grupos, ações e estruturas com um discurso em que os pobres eram a opção preferencial. Então, durante o regime militar no Brasil, nasceram algumas tendências dentro da IC que entendiam a dimensão da fé ligada ao engajamento nas lutas pelos direitos sociais e incentivava a resistência política. Assim, estes setores se comprometeram com a transformação da sociedade e lutaram pela redemocratização do Brasil, influenciados por uma corrente teológica de base marxista.

No entanto, os grupos ligados a TL foram respaldados pela CNBB até a década de 1990, quando, diante de um novo cenário político brasileiro e do avanço das igrejas evangélicas pentecostais houve mudanças no projeto da IC. Movimentos leigos como a RCC ganham espaço, investimento e reconhecimento papal para conduzirem suas ações evangelizadoras, a TL passa por modificações em seu discurso, deslocando a intensidade da crítica social e econômica para uma direção mais mística e ecológica, e a IC conhece eventos que reúnem multidões, bem como se atualiza, difundido a mensagem religiosa pelos meios de comunicação de massa.

Na história da evangelização católica brasileira, a juventude geralmente foi mobilizada para cumprir ora uma função social

progressista, ora conservadora, tendo como plano de fundo a garantia de continuidade do carisma. Para entender as ações da IC direcionadas à juventude é fundamental observar os contextos nos quais ela está inserida, bem como sua relação com a dimensão do sagrado. É na sociedade contemporânea globalizada, marcada pela dinâmica e velocidade no desenvolvimento das tecnologias, em que tempo e espaço são resignificados, alterando as relações cotidianas, construindo novos valores culturais e possibilitando o surgimento de novos espaços de socialização que a juventude pratica sua fé.

Acerca do conceito de juventude, o debate sociológico mobilizado neste trabalho reconhece que a diversidade é uma das suas características inerentes e que tentativas de definição baseadas somente em concepções etárias, mostram-se levianas e restritas. Outro aspecto da discussão observou que, marcada por situações de desigualdade e vulnerabilidade, a juventude brasileira tem encontrado na religião um espaço próprio de acolhida para construir seus valores e se refugiar. Percebeu-se também que nas experiências religiosas os jovens reagem à pluralidade de concepções de mundo e aos valores relativistas e secularizantes com os quais convivem na sociedade contemporânea. Esta reação se traduz em vivências novas, mais democráticas e sincréticas, nas quais é aceitável o trânsito entre vários pertencimentos em busca de vínculos espirituais e sociais, mas também pode tender à radicalidade, e o aprofundamento na tradição se mostra como um caminho possível, embora possa gerar fundamentalismos.

Tendo apostado, inclusive, na juventude como uma estratégia para conter a redução dos fiéis, a IC no Brasil tem moldado sua ação evangelizadora visando às suas demandas de modo atualizado. Admitindo uma diversidade de tendências em seu interior a instituição não é um bloco monolítico, portanto, convive historicamente com disputas pela hegemonia de diversos projetos teológicos e evangelizadores, mas consegue preservar a sua unidade.

No calor do espírito progressista que a IC brasileira vivenciava na década de 1970, a CNBB forjou a PJ, modelo evangelizador de juventude que foi entendido como hegemônico até 2007. Apresentada como uma organização capaz de transmitir a mensagem cristã, a PJ tem sua história caracterizada pela atuação nos espaços eclesiais e na transformação da sociedade, tendo como inspiração o desejo da construção da *Civilização do Amor*. Como modelo evangelizador, aperfeiçoou-se, formou lideranças, criou um itinerário de educação na fé, visando uma formação integral dos participantes, militou em setores de esquerda da sociedade civil organizada, porém ao se mostrar

intimamente identificado com a TL, deixou de ser prioritário, uma vez que esta corrente passou a ser combatida nos espaços intraeclesiais devido ao engajamento social e político.

Novas estratégias evangelizadoras são elaboradas a partir da década de 1990 e a RCC é a tendência que se consolida na IC, adaptando sua mensagem cristã ao mercado religioso do país, no sentido de ser eficaz ao atrair fiéis, por meio de um discurso que preserva a rigidez dogmática e menos preocupada com as lutas coletivas do que com a dimensão pessoal da fé. Este modelo pentecostal católico também demonstra habilidade ao utilizar os meios de comunicação de massa e na realização de eventos que reúnem multidões. Ao compactuar com esta tendência, a estratégia da IC pode ser interpretada, inclusive, como uma reação aos ventos secularizantes que sopram na sociedade brasileira. A leitura que se faz neste caso acerca da secularização está relacionada não à eliminação da esfera religiosa na sociedade, mas a presença de instituições do Estado que sejam regidas por valores laicos. Conclui-se então que o Brasil não apresenta uma vocação para extinguir a dimensão religiosa, pelo contrário, apresenta um terreno fértil para debates acerca de um possível reencantamento e/ou movimento de dessecularização em uma sociedade marcada por mazelas sociais, cujo cenário religioso é caracterizado pela diversidade e majoritária adesão populacional.

Ao reconhecer a pluralidade de tendências no interior da IC, a CNBB em 2007, às vésperas da visita do papa Bento XVI ao Brasil para a Conferência de Aparecida, dá um passo crucial na reformulação das suas orientações para a ação evangelizadora juvenil. Por meio da publicação do *Documento 85* incentiva a criação do SJ nas dioceses e retoma o controle dos projetos, criando um mecanismo de centralização do discurso, em busca de reduzir distorções, isolamentos, rivalidades, garantindo a unidade. A nova fórmula adotada pela IC do Brasil, mais globalizante, faz um apelo à valorização da diversidade e gera profundas modificações na organização dos grupos evangelizadores de jovens, a começar pela PJ que deixa de ser o modelo hegemônico. Ainda nesta direção renovadora, novos passos são dados por meio da criação da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude que lança um estudo, propondo aperfeiçoar a proposta do SJ e adota o termo Pastoral Juvenil para se referir a todas as expressões que atuam com a juventude.

Diante de um cenário em que o pentecostalismo é valorizado, a hierarquia da IC centraliza as orientações da evangelização juvenil e as tendências ligadas a TL perdem espaço, os militantes da PJ interpretam estarem diante de uma fase que batizam como *inverno pastoral*. Perceber as reações da PJ frente aos novos contextos e quais os sentidos

para os seus participantes foi a questão principal apresentada neste trabalho, analisado sob uma ótica neoweberiana, por meio do esquema de múltiplos níveis, que observa os fluxos e as lógicas que se desenvolvem na relação entre estrutura e agência.

A nova conjuntura estimulou mudanças no interior da PJ, tornando-se menos militante fora dos espaços eclesiais e modificando seu método formativo ao incorporar questões preocupadas com dimensão pessoal e mística. Nota-se também uma readequação às novas estruturas evitando posições de conflito com o clero, embora haja movimentos de resistência acerca de temas entendidos como fundamentais. Em âmbito nacional foram elaborados projetos com foco no fortalecimento da identidade e nas dioceses de Santa Catarina, aqui pesquisadas, as reações das lideranças da PJ mostraram-se distintas e variadas.

Em Joinville o SJ foi instituído pela hierarquia da IC local com pouca dificuldade, pois a PJ ao não garantir um processo contínuo, devido a um período em que as atividades foram interrompidas por decreto episcopal, não possuía estrutura para se mobilizar em oposição a sua instalação. Embora tenham conflitos com outras tendências evangelizadoras, especialmente a RCC, as lideranças da PJ têm reagido de modo passivo, no sentido de enfrentamento à novidade, ou seja, não reclamam o direito à hegemonia e aceitam que, por estar localizada em uma região predominantemente urbana, ampla diversidade de expressões evangelizadoras, o SJ seja a fórmula mais adequada para a diocese no trabalho com os jovens.

Assim, a PJ de Joinville prioriza como estratégias: a formação de lideranças, estudando os documentos oficiais da CNBB e da IC para se qualificar no debate; estimula a presença nos espaços de decisão; valoriza a integração entre os grupos de base; a coordenação diocesana, equipada com equipe de assessoria, visita as paróquias a fim de minimizar os danos onde a PJ foi extinta em nome do SJ; e são realizados encontros voltados ao aprofundamento da espiritualidade e da identidade. O engajamento em causas sociais e a participação nos conselhos municipais é incentivado e as atividades conjuntas no interior da IC são vistas como oportunidades para demonstração de potencial, principalmente à hierarquia religiosa, em busca de legitimidade. Mesmo havendo aceitação passiva diante das novas orientações da CNBB, os participantes da PJ se mostram resistentes quando o SJ sugere mimetizar a sua estrutura organizativa e assumir atividades entendidas como tradicionais.

Já na diocese do oeste catarinense, onde há uma trajetória marcada pela continuidade e um espírito progressista está disseminado em todos os setores eclesiais, a PJ encontra-se blindada. Com nítida influência da TL, que pode ser percebida nos discursos dos militantes e nas práticas pastorais, a PJ de Chapecó é a única de Santa Catarina a se manter hegemônica, ao resistir à proposta de implantação do SJ da CNBB. No entanto, acostumada a uma fórmula de evangelização voltada ao meio rural, percebe mudanças no cenário religioso local, proporcionadas por transformações no campo e crescimento nas áreas urbanas, que têm levado o jovem a migrar para a cidade, e projeta atualização das estratégias para continuar atrativa.

Mesmo não tendo o SJ instituído, a diocese dá passos para sua criação, por recomendação do bispo local, que é favorável a esta nova estrutura, mas prefere manter um processo democrático para sua construção ao estimular o debate e evitando as vias arbitrárias e coercitivas. Entende-se que a estratégia episcopal se dá pelo reconhecimento da capacidade mobilizadora e a organização da PJ, que oferece ainda à diocese mão de obra para o trabalho de animação das diversas comunidades.

Observando todos os investimentos evangelizadores empreendidos pela CNBB desde 2007, certamente a JMJ pode ser interpretada como um retrato dos efeitos causados na relação entre IC e a juventude engajada nos seus diversos modelos evangelizadores. O evento reuniu uma multidão de jovens nas areias de Copacabana e teve forte apelo midiático, apresentando ao Brasil uma IC de discurso moderno, mas que não abre mão da sua tradição e doutrina. Por meio de ritos e momentos de êxtase em que gritavam ‘Esta é a juventude do papa’ os jovens presentes na JMJ se mostraram dispostos à resignação e doutrinação, como uma atitude virtuosa.

Este evento mundial causou efeitos para a IC local, ao ganhar evidência nos meios de comunicação que, em geral, apresentaram uma leitura positiva da experiência religiosa e do novo pontífice. Nas dioceses, despertaram-se grupos e uma série de iniciativas dando abertura à participação juvenil e em geral ocorre a consolidação do projeto do SJ. Já em relação à PJ houve reações de resistência e críticas, tanto que a coordenação nacional organizou ações paralelas na expectativa de reforçar sua identidade e em Santa Catarina, enquanto a PJ do oeste catarinense boicotou a participação, motivando poucos jovens para irem ao Rio de Janeiro, a PJ de Joinville mobilizou suas bases e foi ativa nas atividades coordenadas pelo SJ, interpretando como uma oportunidade para reavivar a fé.

Se nos papados de João Paulo II e Bento XVI a IC caminhou para uma tendência mais conservadora, no sentido de dar ênfase às questões filosóficas e doutrinárias da fé, do que às temáticas sociais e econômicas, e que levaram a igreja a um *inverno pastoral*, na concepção dos participantes da PJ, o pontificado de Francisco, iniciado em 2013 é associado à possibilidade de mudanças, apresentando um caminho que leve à *primavera pastoral*, almejada pelos pejoteiros. Tal caminho parece passar pelos discursos da hierarquia, reorientando as linhas dos teológicas dos projetos evangelizadores e formando um clero com disposição e abertura aos discursos progressistas. Mas também por meio da reformulação dos projetos da PJ, visando o fortalecimento da identidade, ao retomar a militância fora dos muros da igreja e ao mesmo tempo, conciliando com investimentos que proporcionem aprofundamento na espiritualidade e reestrem sua organização, de modo a se afastar, aparentemente, de lutas pela reconquista da hegemonia, preocupando-se mais com a legitimação do seu carisma.

REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. Las políticas de juventude desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil en Colombia. In: DAVILA, O. (ed.). **Políticas de juventud en América Latina: políticas nacionales**. Viña del Mar: CIDPA, 2003.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Martoni. **Retratos da juventude Brasileira - Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNADJER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**. Pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil: nunca mais** - Um relato para a História. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BENEDETTI, Luiz R. Os novos rumos do catolicismo. In CARRANZA, Brenda et. al. (orgs.). **Novas comunidade católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

_____. **A dessecularização do mundo: uma visão global**. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: Iser, v. 21, n.1, p.9-23, 2001.

_____; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido. A orientação do homem moderno**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BORAN, Jorge. **O futuro tem nome: juventude** - Sugestões práticas para trabalhar com jovens. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

BRASIL. **Estatuto da Juventude: mais direitos para a juventude que transforma o Brasil**. Lei Federal nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO,

Helena Wendel; BRANCO, Pedro Martoni. **Retratos da juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha – Coleção Folha Explica, 2000.

CAMPOS Jr., Luís de C. **Pentecostalismo**. Sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995.

CAMURÇA, Marcelo A. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. In: CARRANZA, Brenda et al. (orgs.). **Novas comunidade católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.

_____. **Renovação Carismática: entre a tradição e a modernidade**. In: RHEMA: Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio, v. 7, n. 25, 2001.

CARRANZA, Brenda. **Movimentos do Catolicismo Brasileiro: cultura, mídia e instituição**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, IFCH/UNICAMP, Campinas, 2005.

_____. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda et al. (orgs.). **Novas comunidade católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.

_____. **Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências**. Aparecida, SP: Santuário, 2000.

CASAGRANDE, Elena; SILVA, Rodrigo (orgs.). **Plano de Ação: 2009 - 2011**. 15ª Assembleia Regional das Pastorais da Juventude de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

CATÃO, Francisco A. C. **O que é Teologia da Libertação**. São Paulo: Nova Cultural e Brasiliense, 1986.

CELAM. **Civilização do Amor: Projeto e Missão**. Orientações para uma Pastoral Juvenil Latino-americana. Brasília: CNBB, 2013.

_____. **III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Evangelização no presente e no futuro da América Latina.** Documento de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. **IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã.** Documento de Santo Domingo. Brasília: CNBB, 1992.

_____. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe.** Documento de Aparecida. 2. ed. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CNBB. **Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais.** Documento 85. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. **Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil.** Estudo 76. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **Pastoral Juvenil no Brasil - identidade e horizontes.** Estudo 103. São Paulo: Paulus, 2013.

CNBB REGIONAL SUL IV. **Quem somos.** Disponível em: <http://institucional.cnbbsul4.org.br> >. Acesso em: 11 abril 2013.

COHN, Gabriel (org.). **Weber.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1991. Coleção grandes cientistas sociais, n. 13.

DEUTSCHE WELLE. **Notícias/mundo.** Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/francisco-mudou-ambiente-sombrio-da-igreja-diz-leonardo-boff/a-17492335>>. Acesso em: 13 novembro 2014.

DIAS, Carvalho Agemir de. **Sociologia da Religião.** Introdução às teorias sociológicas sobre o fenômeno religioso. São Paulo: Paulinas, 2012.

DILLMANN, Mauro. Religiosidade popular católica no Brasil durante a vigência do Padroado. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 12, n.138, novembro, 2012.

DIOCESE DE CHAPECÓ. Disponível em: <<http://www.diocesechapeco.org.br>>. Acesso em: 18 abril 2013.

DIOCESE DE JOINVILLE. Disponível em: <<http://www.diocesjoinville.com.br>>. Acesso em: 14 março 2013.

ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESSER, Harmut. **Soziologie: Allgemeine Grundlagen**. Frankfurt, 1993.

FRAINER, Jean Davi. Juventude Católica: unidade na diversidade. **A priori – Revista do Curso de Comunicação Social**, Joinville, v.1, n.1, p. 158-171, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: **A pesquisa Qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação: perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2000.

HABERMAS, Jurgen. La teoria de La racionalización de Max Weber. In: **Teoria de La accion comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Disponível em: <censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 abril 2013.

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE. Disponível em: <<http://www.rio2013.com>>. Acesso em: 2 outubro 2013.

JOVENS CONECTADOS. **Comissão para a Juventude da CNBB**. Disponível em: <<http://www.jovensconectados.org.br>>. Acesso em: 20 maio 2013.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

KRAUSKOPF, Dina. La construcción de políticas de juventud en Centroamérica. In: LEÓN, Oscar (ed.). **Políticas públicas de juventud en América Latina: políticas nacionales**. Viña del Mar, Chile: Cidpa, 2003.

LETRAS. **Se calarem a voz dos profetas**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/catolicas/1831898>>. Acesso em: 26 julho 2014.

LIBANIO, João Batista. **Cenários de Igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Jovens em tempo de pós-modernidade - Considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004.

LEVI, Giovanni & SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos jovens da antiguidade a idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v. 1.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo: Cortez, 1991.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1958-1970)**. Petrópolis: Vozes, 1983.

MANHEIM, Karl. **Diagnóstico de nosso tempo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARGULIS, Mario e URRESTI, M. La juventud es mas que uma palabra. In Margulis, M. **La juventude es mas que uma palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Ayres: Biblos, 1998.

MARIZ, Cecília Loreto. A Renovação Carismática Católica no Brasil: uma revisão da bibliografia. In: RODRIGUES, Donizete (org.). **Em Nome de Deus: A Religião na Sociedade Contemporânea**. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

_____. A sociologia da religião de Max Weber. In: TEIXEIRA, Fastino (org.). **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Martoni. **Retratos da juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

OFÍCIO DIVINO DA JUVENTUDE. 2. Ed. Goiânia: Casa da Juventude Pe. Bunier, 2006.

OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES. **Livro de oração dos grupos de Pastoral da Juventude**. São Paulo: Paulus, 1994.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.16, n. 47, p. 59-74, 2001.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PASTORAL DA JUVENTUDE. Disponível em: <<http://www.pj.org.br>>. Acesso em: 14 agosto 2013.

PLANO DIOCESANO DAS PASTORAIS DA JUVENTUDE 2011-2013. **Trabalhamos juntos/as na obra de Deus**. Chapecó, 2011.

PLANO DE AÇÃO PASTORAIS DA JUVENTUDE 2009-2011. Florianópolis, 2009.

PIERUCCI, Flávio Antônio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. O povo visto do altar: democracia ou demofilia? In: PIERUCCI, Flávio Antônio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

PORTELLA, Rodrigo. Medievais e pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis. In: CARRANZA, Brenda et al. (orgs.). **Novas comunidade católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: **A pesquisa Qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PRANDI, Reginaldo. A Religião no planeta global. In: ORO, A. P.; STEIL, C. A. (orgs.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____; SOUZA, André Ricardo. A carismática despolitização da Igreja Católica. In: PIERUCCI, Flávio Antônio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”**. São Paulo: Loyola, 1984.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **Die Soziologische Grundbegriffe: Max Webers Grundlegung einer verstehenden Soziologie**. Die Entzauberung der Welt. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.

SELL, Carlos Eduardo. **A virada mística: subsídios para uma análise sociológica do discurso místico da teologia da libertação**. Tese (Doutorado em Sociologia Política), Departamento de Sociologia e Ciência Política do Centro de Filosofia e Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, CFH/UFSC, Florianópolis, 2004.

_____. **Sociologia Clássica: Durkheim, Weber e Marx**. 2. ed. Itajaí: Edifurb, 2002.

_____. Weber no Século XXI: Desafios e Dilemas de um Paradigma Weberiano. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, 2014.

SILVA, Joaquim A. A.; VIEIRA, Luis D. e SILVA, Roberta A. **Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer: somos Igreja jovem**. Brasília: FTD, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Lourival Rodrigues da. **Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer**. Orientações para a caminhada: um CORPO em construção. São Paulo: CCJ, 2009.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação**. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

_____. **Religião e juventude. Os novos carismáticos**. Aparecida: Idéias & Letras, 2011.

SOUZA, Renato Dias de. História da Juventude: Aspectos Teórico-metodológicos. In: **Visibilidades Juvenis**. Goiânia: Casa da Juventude Pe. Burnier, 2010.

SOUZA, Ney de. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura teológica**, São Paulo, v. 14, n. 55, 2006.

SPOSITO, Marília. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

UCZAI, Pedro. **Dom José Gomes: mestre e aprendiz do povo**. Chapecó: Argos, 2002.

VATICANO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Disponível em: <<http://w2.vatican.va>>. Acesso em: 14 fevereiro 2014.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Homicídios e Juventude no Brasil**. Mapa da Violência 2013. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, 2013.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: UnB, 2012, vol.1.

_____. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 2009, vol.2.

_____. **Ensaio de sociologia**. 5.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

_____. **O 'espírito' do capitalismo. A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

YOUCAT. **Catecismo jovem da Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2011.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista

Perguntas	Líderes e assessores da PJ	Bispos, padres e jovem do SJ
Como começou a participar/acompanhar esse modelo de evangelização?	X	
Como se dá a evangelização da juventude na Diocese?	X	X
A PJ é o único modelo evangelizador de juventude na Diocese?	X	X
O que identifica a PJ e a diferença dos demais modelos evangelizadores?	X	X
Qual é o perfil do jovem que participa dos grupos da PJ?	X	
Quais são as qualidades e as deficiências da PJ?	X	
Poderia contar a história da PJ na sua diocese?	X	
Como avalia a atuação da PJ em sua diocese?	X	X
Como a PJ é vista na Diocese?	X	
Nos últimos anos a IC tem investido na evangelização da juventude (documento 85, CF, JMJ, comissão episcopal, estudo 103). O que representa tal investimento?	X	X
O que a IC espera da juventude?	X	X
O que a juventude pode esperar da IC?	X	X
O que representou a JMJ no Brasil para os grupos de jovens em geral e para a PJ?	X	X
Uma das indicações do documento 85 era a implantação do setor juventude. Como a Diocese entende esta indicação?	X	X
Com base em Medellín e Puebla e influência da TL a IC no BR criou nos anos 80 a PJ e este modelo se torna hegemônico até o documento 85 (a PJ era a representante da juventude católica na IC do BR). O que fez a IC criar em 2007 com o doc 85 e mais recentemente a utilizar o termo Pastoral Juvenil? (mudança na representação)	X	X

A criação do SJ e da Pastoral Juvenil podem interferir de algum modo na PJ?	X	X
A nova tradução de <i>Pastoral Juvenil</i> apresentada no estudo 103 da CNBB tem o mesmo significado que o termo proposto no texto <i>Civilização do Amor</i> do CELAM? Estão falando do mesmo projeto de evangelização? De uma mesma teologia?	X	X
Frente as novidades a partir do Documento 85 e estudo 103 quais medidas a PJ têm tomado para garantir sua ação evangelizadora?	X	
Como e por que a IC formulou a PJ nos anos 80?		X
Como funciona o Setor Juventude na Diocese?	X	
Como você avalia a relação de setor e PJ?	X	

APÊNDICE B - Relação de entrevistados

Pseudônimo (função)	Data	Local	Tempo
Bispo Chapecó	11/11/13	Chapecó	56min 33 s
Padre assessor Chapecó	09/11/13	Chapecó	33min 37s
Liberado PJ Chapecó	12/11/13	Chapecó	1h 51min 37s
Assessor Chapecó	12/11/13	Chapecó	30min 22s
Assessor São Miguel do Oeste	09/11/13	Chapecó	28min 59 s
Assessor Abelardo Luz	10/11/13	Chapecó	1h 05min 09s
Jovem Xanxerê	09/11/13	Chapecó	30min 39 s
Jovem Modelo	09/11/13	Chapecó	37min 15 s
Jovem Saudades	09/11/13	Chapecó	43min 52 s
Bispo Joinville	19/12/13	Joinville	56min 07 s
Padre Joinville	12/12/13	Joinville	40min 52s
Coordenador PJ Joinville	19/11/13	Joinville	1h 15min 23s
Assessor Joinville Sul	30/10/13	Joinville	38min 20s
Assessor Joinville Norte	30/10/13	Joinville	1h 04min 14s
Assessor Joinville	13/12/13	Joinville	55min 35s
Jovem Joinville Norte	22/11/13	Joinville	41min 39s
Jovem Joinville Sul	03/12/13	Joinville	16min 38s
Coordenador SJ Joinville	23/12/13	Joinville	1h 05min 10s

ANEXO A – Expressões juvenis da IC

Expressões juvenis	Categoria
PJ: Pastoral da Juventude; PJR: Pastoral da Juventude Rural; PJE: Pastoral da Juventude Estudantil; PJMP: Pastoral da Juventude do Meio Popular.	Pastorais da Juventude
Ministério Jovem da RCC; Caminho Neo Catecumenal; Focolares; Regnum Christi; Legião de Maria Jovem; MEJ: Movimento Eucarístico Jovem; Segue-me; Cursilho; Equipes Jovens de Nossa Senhora; Juventude de Schoenstatt; Comunhão e Libertação; Juventude Mariana; Congregação Mariana.	Movimentos eclesiais
Comunidade de Vida Cristã - CVX (Jesuítas); Juventude Franciscana (Jufra); Missão Dehoniana Juvenil (MDJ); Articulação da Juventude Salesiana (AJS); Pastoral Juvenil Marista (PJM); Vicentinos Jovens; Juventude Marial Vicentina; Juventude Palotina.	Congregações religiosas
Obra de Maria; Shalom; Canção Nova; Recado; Aliança de Misericórdia; Emanuel; Nova Aliança; Mar a dentro; Arca da Aliança; Pantokrator; Palavra Viva; Sementes do Verbo; Face de Cristo; Bom Pastor; Santos Anjos; Doce Mãe de Deus; Rainha da Paz.	Novas comunidades
Conferência dos Religiosos do Brasil; Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB); Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (Anec).	Organismos eclesiais
Centro Marista (RN,TO, MG, RS); Instituto de Pastoral de Juventude (IPJ) – (MG); IPJ (SP); IPJ (RS); CAJU (GO); CCJ (SP); Anchietaum (SP); Instituto de Formação Juvenil do Maranhão; Trilha Cidadã (RS).	Centros e Institutos de juventude
Familiar; Vocacional; Universitária; Catequese (Crisma); Juventude Missionária; Escoteiros.	Pastorais e serviços afins

Fonte: <http://www.jovensconectados.org.br/>

ANEXO B – Letra da canção entoada no ENPJ**Se Calarem a Voz Dos Profetas**

Se calarem a voz dos profetas,
as pedras falarão.
Se fecharem os poucos caminhos,
mil trilhas nascerão.
Muito tempo não dura a verdade,
nestas margens estreitas demais,
Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais.

*É Jesus este Pão de igualdade,
viemos pra comungar,
com a luta sofrida de um povo
que quer, ter voz, ter vez, lugar.
Comungar é tornar-se um perigo,
viemos pra incomodar,
com a fé e a união nossos passos um dia vão chegar.*

O Espírito é vento incessante
que nada há de prender.
Ele sopra até no absurdo, que a gente não quer ver.
Muito tempo não dura a verdade,
nestas margens estreitas demais.
Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais.

No banquete da festa de uns poucos,
só rico se sentou.
Nosso Deus fica ao lado dos pobres,
colhendo o que sobrou.
Muito tempo não dura a verdade,
nestas margens estreitas demais.
Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais.

O poder tem raízes na areia,
o tempo faz cair.
União é a rocha que o povo usou pra construir.
Muito tempo não dura a verdade,
nestas margens estreitas demais.
Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais.